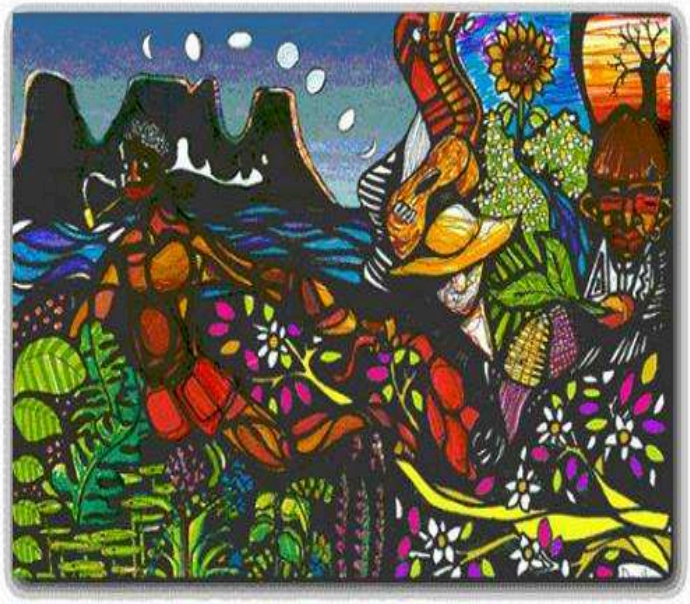


VI Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste
desafios e perspectivas

BOTUCATU – SP

ANAIS
2013

ANAIS DO VI SEMINÁRIO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA DO SUDESTE

FICHA CATALOGRÁFICA:

Botucatu, São Paulo, 2013
27 a 29 de novembro de 2013

PROMOÇÃO:

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências Agronômicas – Botucatu - Departamento de Horticultura

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Coordenador do evento:
Prof. Dr. Lin Chau Ming

Comissão docente:
Prof. Dr. Filipe Pereira Giardini Bonfim
Prof. Dra. Izabel de Carvalho
Prof. Dra. Maria Christina de Mello Amorozo

Comisão discente:

Aline Carolina Galvão, Almecina Balbino Ferreira, Amanda Roberta Corrado, Ana Paula Paiva, Bernardo Tomchinsky, Cauê Trivellato, Cristiane de Oliveira Bolina, Daniel Garcia, Daniel A. Villamil Montero, Daniela A. Teixeira, Elis F. Corrado, Elza Oliveira Ferraz, Fatima Chechetto, Felipe Gabriel Renzi, Gabriela Granghelli Gonçalves, Gabriela Santa Rosa, Ineilian Bruna Correa da Costa, Isabela Cristina Gomes Honório, Jairo Joara Secchi Candian, Lucas Ferenzini, Marilza Machado, Natália de Brito, Rodrigo Guimarães, Sthefani Gonçalves de Oliveira.

Comissão científica:

Prof. Dr. Filipe Pereira Giardini Bonfim, prof. Dr. Lin Chau Ming. Joara Secchi Candian, Bernardo Tomchinsky, Isabela Cristina Gomes Honório, Lucas Ferenzini, Sthefani Gonçalves de Oliveira, Amanda Roberta Corrado, Fatima Chechetto, Almecina Balbino Ferreira, Cristiane de Oliveira Bolina, Daniel Garcia, Daniel A. Villamil Montero, Gabriela Granghelli Gonçalves, Gabriela Santa Rosa, Ineilian Bruna Correa da Costa, Marilza Machado, Natália de Brito, Rodrigo Guimarães, Aline Carolina Galvão

APOIO:

Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia (SBEE)
Fundação de Estudos Agrícolas e Florestais (FEPAF)

PATROCÍNIO E APOIO FINANCEIRO:

FAPESP
CAPES
PRONEX – Unesp
PROPG – Unesp
Cacau Show
Editora NUPEEA

ANAIS DO VI SEMINÁRIO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA DO SUDESTE

ÍNDICE

- A AGROECOLOGIA E A ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL EM ÁREAS INDÍGENAS (ATER INDÍGENA).....01

-ACAMPAMENTO KAIOWÁ: A BUSCA PELO TEKO PORÃ.....02

- A ETNOBOTÂNICA COMO ESTRATÉGIA DE CONSERVAÇÃO DA *Hevea brasiliensis* NA RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES.....03

- A ETNOZOOLOGIA NA COMUNIDADE PANTANALZINHO, MATO GROSSO, BRASIL.....04

- ANÁLISE DE PAISAGEM COMO SUBSÍDIO PARA A ELABORAÇÃO DE DIRETRIZES PARA GESTÃO AMBIENTAL: ESTUDO DE CASO NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO JUNDIAÍ-MIRIM, JUNDIAÍ - SP.....05

- A PASSIFLORA DORADA: UMA BELA PROVA DA DOMESTICAÇÃO DE PASSIFLORA NA COLÔMBIA.....06

- ARTESANATO GUARANI: RESGATE DE ESPÉCIES UTILIZADAS POR POVOS INDIGENAS DO LITORAL NORTE CATARINENSE.....07

- AS INTERAÇÕES ENTRE OS SERES HUMANOS E OS ANIMAIS: ESTUDO DE CASO ENTRE A POPULAÇÃO DE SANGA PUITÃ, DISTRITO DE PONTA PORÃ-MS, FRONTEIRA BRASIL / PARAGUAI.....08

- ASPECTOS ETNOECOLÓGICOS DA PESCA DE CAMARÕES NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA BARRA DO UMA, SÃO PAULO, BRASIL.....09

- ASSENTAMENTOS RURAIS COMO MANTENEDORES DA AGROBIODIVERSIDADE: UM ESTUDO DE CASO EM PORTO ESTRELA, MT, BRASIL.....10

- A UTILIZAÇÃO DO PEQUI (KANI) PELOS HALITI- PARESI.....11

- CAPACITAÇÃO DE RIBEIRINHOS COMO FERRAMENTA NA MELHORIA DA QUALIDADE SOCIOAMBIENTAL DA APA COSTA DOS CORAIS.....12

- *Cochlospermum regium* (Mart. ex Schrank) Pilg. (BIXACEAE): UMA SÍNTESE DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO EM MATO GROSSO.....13

- COMERCIALIZAÇÃO DE SEMENTES FLORESTAIS TROPICAIS: DEFININDO SUCESSO NO ALTO XINGU.....14

- COMUNIDADES TRADICIONAIS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL NO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA..... 15

- CONFLUÊNCIA DIALÓGICA: O ENCONTRO ENTRE AS PERSPECTIVAS DA CIÊNCIA E DO CONHECIMENTO LOCAL, QUANDO COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO (TO) ENCONTRAM O MICROSCÓPIO".....16

- CONHECIMENTO E PERCEPÇÃO DE INSETOS POR ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS FACULDADES MAGSUL, PONTA PORÃ - MS, FRONTEIRA BRASIL/ PARAGUAI.....17

- CONHECIMENTO E USO DAS PLANTAS PELOS XOKLENG NA TI IBIRAMA LAKLÃNÕ, SC.....18

- CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS EM GRUPOS RURAIS (CAIPIRAS, SITIANTES E PEQUENOS AGRICULTORES) NA MATA ATLÂNTICA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE.....19

- CONHECIMENTO E USO DE ZOOTERÁPICOS PELA POPULAÇÃO RURAL DE GAMELEIRA, MUNICÍPIO DE MACAÚBAS - BA: DADOS PRÉVIOS.....20

- CONTRIBUIÇÃO DOS QUINTAIS URBANOS NA SITUAÇÃO DE (IN) SEGURANÇA ALIMENTAR DE FAMÍLIAS BENEFICIÁRIAS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA, NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA, MINAS GERAIS.....21

- CRITÉRIOS LOCAIS DE SELEÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS EM UMA COMUNIDADE LOCAL NO OESTE BAIANO: O PAPEL DAS PROPRIEDADES ORGANOLÉPTICAS.....22

- DADOS PRELIMINARES DE CONHECIMENTO ECOLÓGICO LOCAL SOBRE MUGIL PLATANUS NA COMUNIDADE DO GUARAÚ, PERUÍBE/ SP.....23

- DEFUMADORES COM POSSÍVEL EFEITO ANSIOLÍTICO UTILIZADOS NO CENTRO DE UMBANDA CABOCLO UBIRAJARA E EXÚ VENTANIA: UM ESTUDO ETNOFARMACOLÓGICO.....24

- EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ARARIPE - CE.....25

- EMPREGO DE RECURSOS VEGETAIS EM UMA COMUNIDADE RURAL DO OESTE DA BAHIA: IMPORTÂNCIA UTILITÁRIA E COMERCIAL.....26

- ESTRATÉGIAS DE MANEJO E USO DE *Mauritia flexuosa* L. F. NO OESTE DA BAHIA. UM ESTUDO COMPARATIVO DE DUAS COMUNIDADES RURAIS.....27

- ETNOBOTÂNICA DO CHACO BRASILEIRO: ESPÉCIES DE MATA CILIAR UTILIZADAS COMO ISCA PARA PESCA.....28

- ETNOBOTÂNICA URBANA: A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DO DISTRITO DE VILA MARIANA.....29

- ETNOCONHECIMENTO CABOCLO SOBRE USO DO TERRITÓRIO POR ARIRANHAS *Pteronura brasiliensis* (Zimmermann, 1780) NO IGARAPÉ BARÉ DO LAGO AMANÃ DURANTE O PERÍODO DE CHEIA, RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ, AMAZONAS, BRASIL..... 30

- ETNOECOLOGIA DE GAROUPAS (*Epinephelus spp*.) EM COMUNIDADES DE PESCADORES DO SUDESTE DO BRASI.....31

- ETNOECOLOGIA DE PESCADORES: O CONHECIMENTO SOBRE EVENTOS REPRODUTIVOS DE PEIXES 32

- ESTUDIO ETNOBOTÁNICO DE LAS PLANTAS ÚTILES DEL MUNICIPIO DE SOATÁ (BOYACÁ, COLOMBIA) 33

- ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM QUINTAIS DO SUDOESTE DO ESTADO DE MATO GROSSO, BRASIL.....34

- ESTUDO SOCIOECONÔMICO DA COMUNIDADE CAIÇARA DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA BARRA DO UNA (RDSBU), MOSAICO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO JURÉIA - ITATINS/ SP.....35

- GRUPOS E REDES DE INTERCÂMBIO EM PESQUISA ETNOBIOLÓGICA NO SUDESTE BRASILEIRO.....36

- INTERAÇÃO SER HUMANO - VEGETAL NA PERSPECTIVA ETNOBOTÂNICA: UM ESTUDO DE CASO EM QUINTAIS NO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ - MS.....37

- LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO EM COMUNIDADE TRADICIONAL RURAL NO ESTADO DE MATO GROSSO, BRASIL.....38

- LOCAL KNOWLEDGE AND CAPTURE PRACTICES OF THE MANGROVE CRAB UCIDES CORDATUS IN THE SÃO FRANCISCO ESTUARY (NORTHEASTERN BRAZIL) ….....39

- MANEJO CAIÇARA DE ÁREAS DE BANANAL EM UBATUMIRIM, UBATUBA/ SP.....40

- MÉTODO DE VALORAÇÃO CONTINGENTE APLICADO NA ESTIMAÇÃO DA DISPOSIÇÃO A PAGAR PARA PROTEÇÃO AMBIENTAL NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS/ SP.....41

- METODOLOGIA PARA AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DO MANEJO FLORESTAL NOS MEIOS DE VIDA DE COMUNIDADES NO BRASIL.....42

- MULHERES NAS FLORESTAS: IMPLICAÇÕES DE GÊNERO NA PRODUÇÃO DE SEMENTES FLORESTAIS TROPICAIS.....43

- “NO FUNDO DO MATO VIRGEM”: UM ESTUDO DA RELAÇÃO HUMANO-NATURAL EM MACUNAÍMA.....44

- ESPÉCIES CULTIVADAS DE MARACUJÁS (*Passiflora*): NOMES DE CULTIVARES E NOMES POPULARES.....45

- O ETNOCONHECIMENTO DOS PRODUTORES RURAIS DE ARAJARA/ CE: CIÊNCIA TRADICIONAL MODIFICADA ATRAVÉS DAS GERAÇÕES.....46

- O MANEJO DO MUNDO: UMA EXPERIÊNCIA ETNOECOLOGICA ENTRE OS WATORIKI THERIPE.....47

- O PAPEL DAS ESPÉCIES EXÓTICAS NAS FARMACOPEIAS LOCAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA PARA POPULAÇÕES BRASILEIRAS.....48

- O QUE O VALOR DE USO DE UMA ÁRVORE PODE INDICAR SOBRE A AS FLORESTAS DE UMA REGIÃO? 49

- O SABER LOCAL E AS PLANTAS MEDICINAIS EM VÁRZEA GRANDE, MATO GROSSO, BRASIL 50

- OS JOVENS COMO PROTAGONISTAS DA CONSERVAÇÃO NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA) COSTA DOS CORAIS.....51

- O USO DAS PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MEL DA PEDREIRA/ AP.....52

- PADRÕES DE USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM UMA ÁREA DE CERRADO DO OESTE DA BAHIA, NORDESTE DO BRASIL.....53

- PADRÕES DE USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR POPULAÇÕES LOCAIS BRASILEIRAS: UMA INVESTIGAÇÃO EM MACROESCALA.....54

- PAISAGEM LÍTERO-ECOLÓGICA: O BOSQUE SAGRADO DA JUREMA.....55

- PINTURA CORPORAL INDÍGENA HALITI PARESI.....56

- PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS EM UMA COMUNIDADE RURAL DO CERRADO, NO MUNICÍPIO DE BARREIRAS, OESTE DA BAHIA.....57

- PLANTAS MEDICINAIS: UM ESTUDO ETNOBÔTANICO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE ANTONIO JOÃO - MS, FRONTEIRA BRASIL/ PARAGUAI.....58

- PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS DO PROJETO TRILHA EM DUAS LOCALIDADES DO RECÔNCAVO BAIANO.....59

- PROPOSIÇÃO DE INDICAÇÃO GEOGRÁFICA (IG) COMO FORMA DE RETORNO A COMUNIDADE DO QUILOMBO DO GROTÃO, NITERÓI, RIO DE JANEIRO.....60

- PROPOSTA DE RESTAURAÇÃO EM ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE (APP) NO MUNICÍPIO DE PIEDADE, SP, COMO VEÍCULO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....61

- QUINTAIS: ESPAÇOS DE CULTIVO DE PLANTAS ALIMENTARES NA CIDADE DE CÁCERES, MT, BRASIL.....62

- REPRESENTAÇÕES SOBRE MUDANÇAS TEMPORAIS NA DISPONIBILIDADE DE RECURSOS VEGETAIS: ESTUDO DE CASO EM UMA COMUNIDADE DO OESTE DA BAHIA.....63

- TERMO DE COMPROMISSO PARA POPULAÇÕES TRADICIONAIS RESIDENTES EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: O CASO DO PARQUE NACIONAL DE ITATIAIA.....64

- TRILHA ECOLÓGICA COMO FERRAMENTA DO ENSINO EM BOTÂNICA NA MATA DA SUIÇA EM QUEBRANGULO- AL.....65

- UMA ABORDAGEM CULTURAL NO ENSINO DE BOTÂNICA.....66

- USO DA CARQUEJA (*Baccharis trimera*) NA MEDICINA POPULAR.....67

- USO DE LARVAS DE BESOUROS COMO ALIMENTO ENTRE OS GUARANIS ÑANDÉVA: UMA VISÃO DE SEGURANÇA ALIMENTAR E SUSTENTABILIDADE SOCIAL, NA ALDEIA PIRAJUÍ, MUNICIPIO DE PARANHOS – MS.....68

- USO DE RECURSOS VEGETAIS MADEIREIROS EM UMA COMUNIDADE RURAL DO OESTE DA BAHIA: DADOS PRELIMINARES.....69

- USO E MANEJO DA AROEIRA (*Myracrodruon urundeuva* Allemão) EM UMA COMUNIDADE RURAL DO OESTE DA BAHIA.....70

- ZOOTERAPIA NO TRATAMENTO DA MALÁRIA UTILIZADA POR CABOCLOS NO MUNICÍPIO DE BARCELOS/ AM.....71

-ÍNDICE POR NOME DE AUTORES.....72

AGROECOLOGIA NA ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL EM ÁREAS INDÍGENAS (ATER INDÍGENA)

FERRARI, S.H.S.[1]; HENRIQUE SILVA, R.[2].

[1] Mestranda em Agroecologia, Universidade Federal de Viçosa – shferrari@gmail.com
[2] Doutora em Antropologia Social, Universidade Federal da Paraíba

Esse artigo trata do estudo de caso realizado com objetivo analisar a interface entre a Assistência Técnica e Extensão Rural em Áreas Indígenas (ATER Indígena) e a agroecologia. Serviram de fonte de pesquisa os documentos e procedimentos do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e de outras instâncias de interface da política indigenista. O MDA apoia projetos de ATER Indígena desde o ano de 2004. Essa ação visa o atendimento à demanda formulada no Fórum Nacional para Elaboração da Política Nacional de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Sustentável dos Povos Indígenas (2003), instância de debate construída a partir das discussões na III Conferência Nacional de Saúde para os Povos Indígenas (2001), sobre a necessidade de garantia de Segurança Alimentar e Nutricional como parte fundamental para assegurar à saúde dos Povos Indígenas. A ATER Indígena pode ser realizada por organizações públicas e privadas, preferencialmente organizações indígenas e indigenistas, a fim de valorizar a visão e construção local, levando em consideração as especificidades de cada Povo Indígena. Pauta-se pelo apoio a projetos que sigam os princípios do etnodesenvolvimento, e assim atuem a partir de demandas locais, buscando soluções locais, autonomia, respeito à cultura e o benefício de todos. O etnodesenvolvimento tem intrínseca relação com os princípios da agroecologia. Tendo essa última, fortes bases no modo de vida e produção indígena. Diante disso, as Chamadas Públicas específicas de ATER Indígena, lançadas a partir de 2006, sempre apoiaram a agroecologia. Ao longo do período analisado, 2004 a 2012, foram apoiados 61 projetos, atingindo 51.556 indígenas (alguns atendidos em mais de 1 ano) no Brasil. Desses, 27 projetos contemplaram trabalhos com agroecologia, com a participação de 20.471 indígenas. Entre os grandes desafios encontram-se a necessidade do fortalecimento das técnicas tradicionais de produção e manejo, revisitando-as, dialogando seu aprimoramento através das técnicas agroecológicas. Construindo assim, uma assistência técnica e extensão rural que respeite a construção do conhecimento das comunidades indígenas, contribuindo com as mesmas. Tarefa que se torna ainda mais desafiadora frente à lei 12.188/2010, e seu novo formato de apoio financeiro.

ACAMPAMENTO KAIOWÁ: A BUSCA PELO TEKO PORÃ

CORRADO, E.F.
Graduando em Antropologia. Universidade Estadual de Campinas/ Centro de Estudos Rurais (Ceres), São Paulo, Brasil; ageelis@yahoo.com.br

Desde os anos 1990, as ocupações de terra e montagem de acampamentos conhecidos como "de lona preta" se tornaram uma das formas de demandar desapropriação e distribuição de terra ao Estado brasileiro. Nos últimos 30 anos, esta forma de reivindicação havia sido associada a trabalhadores rurais sem-terra, no entanto, indígenas Kaiowá da região de Dourados, MS, têm se utilizado dessa linguagem de demanda para reivindicar terras consideradas por eles como Tekoha: seus territórios ou espaços de vida tradicionais. Através de bibliografia específica, levantamento de documentos e levantamento etnográfico realizado em dois acampamentos no município de Dourados, refletiu-se sobre a permeabilidade de dois campos de estudo: Etnologia indígena e Estudos Rurais. Os acampamentos indígenas apresentaram características semelhantes àqueles organizados por sem-terra, isto é, se mobilizam parentes e conhecidos das reservas indígenas ou de outros acampamentos para realizarem novas retomadas de terra, bem como são acionados suas identidades. As atuais condições de vida dos Kaiowá são caracterizadas pela vida em reservas superpovoadas, longe das matas e dos rios e com a proximidade da cidade, fazendo com que sua forma de agricultura quase desaparecesse, restando pequenos espaços para as roças. Essa difícil situação vivenciada pelos Kaiowá tem sido uns dos motivos que levaram os grupos a acamparem, visando à recuperação dos que consideram seus territórios tradicionais ou tendo como objetivo "levantar seu Tekoha". Assim, a novidade não está nas ocupações ou retomadas de terras, pois como revelou a pesquisa, acontecem desde a criação das reservas pelo Serviço de Proteção ao Índio, na década de 20, mas na utilização da "forma acampamento" como linguagem de demandas sociais coletivas. Conclui-se que a territorialidade é importante para a identidade do grupo e para a conservação dos recursos naturais, pois, através da forma acampamento, os Kaiowá querem retomar seu tekoha e atingir o teko porã ("bom viver"): modo belo e justo de se viver, representando pela integração entre organização do tekoha, natureza e ecologia doméstica.

A ETNOBOTÂNICA COMO ESTRATÉGIA DE CONSERVAÇÃO DA *Hevea brasiliensis* (Willd. ex A. Juss) Müll. Arg. NA RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES

COSTA, I. B. C. [1]; OLIVEIRA, K. A. [2]; FERREIRA, A. B. [3]; MING, L. C. [4]; AMOROZO, M. C. M. [5]

[1] Mestranda em Horticultura, Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista – inei_bruna@hotmail.com
[2] Doutorando em Horticultura, Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista
[3] Doutoranda em Horticultura, Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista
[4] Prof° Departamento de Horticultura, Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista
[5] Prof° Departamento de Ecologia, Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista

A extração de látex da seringueira *Hevea brasiliensis* (Willd. ex A. Juss) Müll. Arg. representa um dos principais recursos manejados nas reservas extrativistas no norte do Brasil, assim foi de interesse conhecer como essa atividade perdura ao longo dos anos. Desta forma objetivou-se conhecer os métodos de extração do látex com a descrição das etapas, por meio do conhecimento etnobotânico. O local de estudo foi a Reserva Extrativista Chico Mendes, Colocação Semitumba – Seringal Sibéria, no Acre. De inicio foram realizadas caminhadas livres (walk-in-the-Woods) junto com o entrevistado pela estrada de seringa para a escolha da árvore (seringueira), em seguida foram definidas as áreas (panos) para serem realizados os cortes; o raspador, utensílio de limpeza da área que antecede o corte, é o primeiro a ser utilizado para a extração, em seguida é utilizada a faca para a sangria. O látex extraído é coletado na cumbuca (recipiente de plástico) que fica seguro pela bica (material de metal que se fixa ao tronco), ao completar o volume o látex é transferido da cumbuca para um balde de cinco litros, ao completar seu volume o látex é transferido para o saco de naipe (suporte de 30 litros) transportado ao final na estopa (bolsa do seringueiro). Durante essa atividade também foi possível observar que apenas as seringueiras que possuíam um diâmetro de tronco acima de dois palmos que eram exploradas, permanecendo algumas sem serem manejadas. Quanto à criação dos panos havia a demarcação de panos de reserva para extração futura, definição de número de cortes por dia e frequência reduzida de extração para a recuperação da árvore após as sangrias. A extração da *Hevea brasiliensis* (Willd. ex A. Juss) Müll. Arg. perdura ao longo dos anos devido os métodos aplicados, como a escolha da árvore, número de cortes praticados entre outros, visando sua utilização e conservação.

A ETNOZOOLOGIA NA COMUNIDADE PANTANALZINHO, MATO GROSSO, BRASIL

PASA, M. C [1]; MAMEDE, J.S.S[2].; DE DAVID, M[2].; DIAS, G.S[3].; LEONARDO, F. S.V[4].

[1] .Drª do PPG em Ciências Florestais e Ambientais/ UFMT, pasamc@brturbo.com.br
[2]Engenheira Florestal, Mestranda em Ciências Florestais e Ambientais, UFMT, jenefferss@hotmail.com
[2]Bióloga, Mestranda em Ciências Florestais e Ambientais, UFMT, margodedavid@bol.com.br
[3] Bióloga, UFMT, gsdduarte@hotmail.com
[4]Graduanda em Engenharia Florestal/UFMT, nandaviana_leo@hotmail.com

A conservação da flora favorece a manutenção da fauna, expressa através da faceta *sui generis* do conhecimento empírico de uma população. O propósito do trabalho é de interpretar as relações existentes entre a população e o seu ambiente, integrados no contexto sociocultural e ambiental relacionados aos usos que as pessoas fazem dos recursos animais. O estudo foi realizado na comunidade rural de Pantanalzinho na região do Bambá, distante 90 km de Cuiabá, estado de Mato Grosso. O procedimento metodológico combinou aspectos qualitativos como: descrição ecológica dos ecossistemas; descrição socioeconômica dos moradores locais; acompanhamento das atividades cotidianas; estratégias dispensadas à preparação e conservação dos recursos vegetais e a interpretação dos conhecimentos etnobiológicos, com ênfase no aspecto etnozoológico. Os dados foram coletados de agosto a dezembro de 2012, através de entrevistas semiestruturadas, observação direta, registro fotográfico e diário de bordo. Os resultados mostram que a maioria possui escolaridade na categoria de primeiro grau incompleto. A faixa etária variou de 26 a 90 anos de idade Os moradores rurais identificam diversos microhabitats no interior da mata de galeria, aos quais associam a presença de determinadas espécies animais. As pessoas demonstraram ampla compreensão sobre o comportamento trófico e reprodutivo dos animais que conhecem e que convivem em sua propriedade e áreas próximas, sem perder de vista a associação ecológica planta-animal-planta. Atribuem às plantas (sofre mais ou sofre menos; reage muito ou reage pouco) e aos animais (comem muito ou comem pouco; são ariscos ou são mansos) uma classificação por oposição binária em função do seu comportamento. Investigações científicas para uma análise micro e macro regional sobre gradiente de diversidade, origem e distribuição, fatores limitantes desta distribuição e relações filogenéticas integrariam propostas que possam garantir adequados planos de conservação da fauna local.

ANÁLISE DE PAISAGEM COMO SUBSÍDIO PARA A ELABORAÇÃO DE DIRETRIZES PARA GESTÃO AMBIENTAL: ESTUDO DE CASO NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO JUNDIAÍ-MIRIM, JUNDIAÍ - SP

MACHADO, F. H. [1]; MELLO, G. F. [2]; FRANÇA, L. G. [3]; COSTA, M. P. [4]; MEDEIROS, G. A. [5]; RIBEIRO, A. I. [6]

[1] Gestor Ambiental, doutorando em Ciências Ambientais, Universidade Estadual Paulista – UNESP/Sorocaba fernandomtb@hotmail.com
[2] Bióloga, mestranda em Ciências Ambientais, Universidade Estadual Paulista – UNESP/Sorocaba
[3] Matemática, mestranda em Ciências Ambientais, Universidade Estadual Paulista – UNESP/Sorocaba
[4] Engenheira Ambiental, mestranda em Ciências Ambientais, Universidade Estadual Paulista – UNESP/Sorocaba
[5] Engenheiro Agrícola, professor assistente doutor, Universidade Estadual Paulista – UNESP/Sorocaba
[6] Engenheiro Agrícola, professor assistente doutor, Universidade Estadual Paulista – UNESP/Sorocaba

Este estudo analisou, por meio de atividades de campo e análise de imagens, um ponto estratégico da bacia hidrográfica do rio Jundiaí-Mirim, localizada em Jundiaí – SP. Esta bacia é responsável por fornecer 97% da água consumida por Jundiaí, possuindo 118 km^2 de área, e vem sofrendo forte pressão devido ao crescimento populacional da região, colocando em risco os recursos hídricos. O ponto de diagnóstico consistiu na análise de paisagem do reservatório de abastecimento do município, localizado nas proximidades da cidade e do exutório da bacia (305249.05 E e 7438771.86 S UTM). A paisagem foi avaliada com relação a três distâncias focais definidas (A, B e C), que correspondem a próximo, intermediária e distante. A paisagem, baseada na vista panorâmica de 180º, foi dividida em sete segmentos angulares. A partir dessa classificação foi possível elaborar uma matriz correlacionando distância e o segmento angular, definindo-se assim, 21 segmentos de paisagem, os quais formaram uma matriz de análise. Foram definidos para cada segmento de paisagem os seguintes critérios de ponderação: severidade, magnitude e importância, cujos meios avaliados em cada segmento foram: antrópico, físico e biótico. A partir das observações em campo pode-se diagnosticar, analisar e ponderar as diferentes situações da paisagem. Para tal, foi utilizado um índice eficiência ambiental (IEA) e um coeficiente de eficiência ambiental (CEA) para determinar o grau de impacto ambiental que a área se encontra, baseados em uma escala de ponderação de 1 (situação idealizada), 3 (situação mediana) e 5 (condição negativa). O resultado do IEA e CEA para a análise de paisagem foi de 30% e 38%, respectivamente. Devido aos baixos valores de eficiência ambiental e do coeficiente ambiental, diretrizes de gestão ambiental foram propostas. O uso da análise de paisagem e de cenário foi responsável por gerar um melhor conhecimento das características físicas, bióticas e antrópicas da área em estudo, assim como maior facilidade de entendimento dos impactos ambientes presentes. Por fim, concluiu-se que a metodologia utilizada foi eficiente para a análise proposta, sendo um importante instrumento para a conservação da paisagem, bem como para fins de educação ambiental.

A PASSIFLORA DOURADA:
UMA BELA PROVA DA DOMESTICAÇÃO DE *Passiflora* NA COLÔMBIA

MONTERO, D. A. V. [1]; MING, L. C.[2]; NARANJO, N.[3]

[1] M.Sc Horticultura, Departamento de Horticultura, Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Botucatu, Brasil - Brasil
[2] PhD Botânica, Departamento de Horticultura, Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Botucatu, Brasil
[3]Msc Agronomia, Escola superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo (ESALQ/USP)- Piracicaba, Brasil.

Em 1553, quando o cronista espanhol, Cieza de Leon estava de viagem perto de Cali, no sudoeste da Colômbia, escreveu algumas palavras sobre uma deliciosa fruta, cultivada pelos índios que moravam na região. O texto original traduzido ao português diz: "… têm uma (fruta) muito gostosa e cheirosa que os espanhóis chamam "granadilla". Hoje, se acreditar que estas foram às primeiras palavras escritas sobre qualquer tipo de passiflora ou maracujá (nome comunmente dado no Brasil às plantas do gênero *Passiflora* L.) e acredita-se também que elas foram utilizadas para referenciar a espécie conhecida na botânica moderna como *Passiflora ligularis* Juss. O nome "granadilla" foi dado ao fruto pelos espanhóis, que perceberam uma semelhança no formato com o fruto da romã (*Punica granatum* L.), conhecido como "granada" em espanhol. Atualmente o nome de granadilla é comunmente utilizado para se referir a algumas espécies do gênero *Passiflora*, como *P. nitida* e principalmente para *P. ligularis*. O relato do Cieza de Leon assinala que já em 1500´s as passifloras eram importantes para os habitantes locais e sugere um estado avançado de domesticação, mas a descoberta de uma magnífica joia de aproximadamente 2000 anos de antiguidade, encontrada em um sítio arqueológico no sudoeste da Colômbia, é comprovadamente a primeira manifestação conhecida da importância do uso de *P. ligularis* por qualquer cultura humana. O trabalho arqueológico foi desenvolvido pela Fundação ProCalima, um pequeno teme de arqueólogos colombianos, suíços e britânicos, que em 1979 criaram a fundação como resposta ao saque e destruição dos sítios arqueológicos no sudoeste da Colômbia. A Passiflora dourada é um colar com forma de passiflora, feito com ouro e pedra roxa, extremadamente detalhado e realista. Atualmente esta belíssima peça encontra-se exibida no Museu do Ouro, na cidade de Bogotá, Colômbia. Em nosso trabalho, esta e algumas outras evidências arqueológicas e botânicas foram revisadas para acrescentar a discussão sobre o possível processo de domesticação de *P. ligularis* nos Andes Colombianos.

ARTESANATO GUARANI: RESGATE DE ESPÉCIES UTILIZADAS POR POVOS INDÍGENAS DO LITORAL NORTE CATARINENSE

BATISTA, K.M.[1]; SILVA SANTOS, V.M.C.[2]

[1] Socióloga, Doutoranda PPG Ciências Ambientais – UNESC-SC
katia.batista@contato.net
[2] Engenheira agrônoma, Dra. Produção Vegetal – IFC-Campus Araquari- SC

Esta pesquisa teve como objetivo resgatar, fortalecer e dar suporte técnico ao cultivo de espécies vegetais utilizadas no artesanato, principal fonte de renda dos indígenas da etnia Guarani das aldeias dos municípios de Araquari, Balneário Barra do Sul e São Francisco do Sul – Santa Catarina. Durante o desenvolvimento da pesquisa, pode-se constatar que a maioria das comunidades já não dispõe, nas aldeias, de muitas das espécies vegetais utilizadas. O reconhecimento e identificação das espécies foram realizadas pela observação das peças de artesanato produzidas: colares, brincos, pulseiras, chocalhos, cestarias (*adjaka*) em taquara, animais de madeira, arco e flecha, zarabatanas e chocalhos (*mbaraka mirim*) e por meio da troca recíproca de informações em encontros realizados nas aldeias e durante o desenvolvimento do projeto Mulheres Mil - Artesanato Indígena (IFC-Araquari/FUNAI/SESAI-2013), com a participação de 45 mulheres dessas aldeias, bem como, da investigação bibliográfica. As alunas do projeto Mulheres Mil trouxeram sementes das espécies usadas, além de terem sido realizadas coletas *in loco* para produção de mudas. Por meio do resgate etnobotânico e demais conhecimentos tradicionais e da investigação científica relacionados às técnicas de plantio, quebra de dormência das sementes, produção de mudas, adubação e manejo, foi possível compartilhar e construir formas de produção de mudas e de cultivo das espécies utilizadas para artesanato. Espera-se que, ao longo do tempo, seja possível obter maior disponibilidade de sementes e madeiras nas aldeias, para proporcionar aos indígenas autonomia de matéria prima para execução dos trabalhos artesanais elaborados a partir do extrativismo vegetal. A produção artesanal para essas comunidades tradicionais Guarani é uma atividade de relevante potencial de sustentabilidade sócio-ambiental e de fortalecimento da cultura.

AS INTERAÇÕES ENTRE OS SERES HUMANOS E OS ANIMAIS: ESTUDO DE CASO ENTRE A POPULAÇÃO DE SANGA PUITÃ, DISTRITO DE PONTA PORÃ-MS, FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI

SANCHEZ, E. P. P.[1]; MAIA, S. G. C.[2]; SOUSA, K. M.[3]

[1]Bióloga, Faculdade Magsul - eronypaula@gmail.com
[2] Biólogo, Faculdades Magsul/FAMAG - Universidade de São Paulo/USP-ESALQ – sgchavesmaia@usp.br
[3]Bióloga, Professora da Rede Pública Estadual de Ponta Porã-MS - katiamarques1987@gmail.com

A população do distrito Sanga Puitã é constituída por povos brasileiros e paraguaios, localizada a 15 km do centro do município de Ponta Porã-MS, fazendo fronteira com a cidade Pedro Juan Caballero do país vizinho Paraguai. O contato direto entre ambos os povos resultam em uma mistura de culturas e hábitos. Como resultado, desta relação, o próprio nome do distrito foi formado de uma mistura espontânea de vocábulos da língua portuguesa com influências guaranis. Este estudo objetivou observar a variedade de interações que as culturas humanas locais mantêm com os animais dentro da perspectiva da Etnozoologia, compreendendo os significados e usos dos animais. Foram entrevistadas 20 famílias, moradores naturais da região de Sanga Puitã, nascidos e criados na própria comunidade em questão, tendo assim uma forte influência cultural da cidade vizinha paraguaia. Cabe destacar que todas as famílias apresentavam alguma ligação ou eram descendentes de paraguaios. Os resultados da pesquisa revelam que pelo menos 26 etnoespécies de animais são usadas com várias finalidades pelos moradores de Sanga Puitã, entre as finalidades descritas as mais citadas foram à relação de amizade (afetividade) com os animais, valores alimentícios e recursos medicinais. Todos os entrevistados contribuíram significativamente para os resultados, pois todos eram detentores do conhecimento zoológico local. Isto foi concluído tendo em vista que todos falaram claramente e diretamente das relações afetivas e domésticas que eles estabeleciam com os animais. Tal estudo revela e reafirma a universalidade etnozoológica e da continuidade do *corpus* etnozoológico que vai sendo transmitido de geração a geração principalmente por meio da tradição oral.

ASPECTOS ETNOECOLÓGICOS DA PESCA DE CAMARÕES NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA BARRA DO UMA, SÃO PAULO, BRASIL

ZEINEDDINE, G.C.[1]; MONTEIRO, G.M.[2]; RAMIRES, M.[3].

[1] Graduanda do curso de ciências biológicas da Universidade Santa Cecília – Unisanta. - gabizeineddine@hotmail.com.
[2] Graduanda do curso de ciências biológicas da Universidade Santa Cecilia – Unisanta.
[3] Orientadora, docente e pesquisadora da Universidade Santa Cecília – UNISANTA. Programa de Pós Graduação em Sustentabilidade de Ecossistemas Costeiros e Marinhos (PPG ECOMAR).

O conhecimento local de pescadores contempla diversos aspectos ambientais e ecológicos sobre os recursos pesqueiros, como é o caso dos crustáceos. O presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento etnoecológico relacionado à captura e uso dos camarões como isca para pesca esportiva na Reserva de Desenvolvimento Sustentável da Barra do Una, localizada no litoral sul de São Paulo. Foram entrevistados 38 pescadores artesanais com auxilio de um questionário semi-estuturado, o qual continha questões relacionadas aos aspectos biológicos e ecológicos dos camarões, bem como a descrição da sua pesca. Todos os procedimentos foram aprovados pelo Comitê de Ética sob o registro CAAE 20876713.7.0000.5513. Os camarões capturados pelos pescadores são o "pitu" (*Macrobrachium acanthurus*), citados por 81,6% dos entrevistados, o camarão branco (*Litopenaeus schimitti*), citado por 68,5% e o camarão sete barbas (*Xiphopenaeus kroyeri)* mencionados em 15,8% das entrevistas. Aspectos morfológicos como cor, tamanho e rigidez são os principais utilizados pelos pescadores para a classificação e diferenciação dos camarões. O principal uso é a venda como iscas vivas para os pescadores esportivos que visitam a comunidade. Segundo os pescadores artesanais, uma boa isca, deve ser firme para não cair do anzol (18,4%), fresca (26,3%), e viva (31,6%), para que possa atrair o peixe (21,1%), pois os peixes gostam de dar "o bote", comportamento conhecido dos peixes carnívoros que usam a visão como principal sentido de localização de presas (predadores visuais), sendo atraídos então, por iscas que se mechem. O camarão vivo é também preferido como isca por capturar um maior número de robalos (21,1%), principal peixe alvo da pesca esportiva. Além de atrair melhor os peixes (13,2%) e ser prático para capturar. A literatura ictiológica aponta que os peixes citados pelos pescadores (robalo 81,6%; pescada e caratinga 23,7%; Curvina e Salgo 10,5%; Bagre 7,9% e Garopa 5,3%) possuem camarão como dieta secundária em seu ambiente natural. Pode se notar correspondências entre as informações dos pescadores e a literatura cientifica, o que indica que os moradores locais, possuem um amplo conhecimento sobre os recursos explorados, comprovadamente importante para a gestão e conservação.

ASSENTAMENTOS RURAIS COMO MANTENEDORES DA AGROBIODIVERSIDADE: UM ESTUDO DE CASO EM PORTO ESTRELA, MT, BRASIL

OLER, J.R.L.[1]; AMOROZO, M.C.M.[2]; BUTTURI-GOMES, D.[3]

[1] Ecóloga, Instituto de Biociências – Departamento de Botânica, UNESP – Rio Claro.
juliana.oler@gmail.com
[2] Bióloga, Instituto de Biociências – Departamento de Ecologia, UNESP – Rio Claro.
[3] Ecólogo, Departamento de Ciências Exatas (LCE) – ESALQ – Piracicaba.

Os maiores geradores e detentores da diversidade agrícola mundial são os agricultores de pequena escala pertencentes a populações tradicionais. No entanto, outros núcleos que praticam agricultura de pequena escala podem ser considerados como potenciais mantenedores da agrobiodiversidade. Desta forma, estudos sobre a conservação da agrobiodiversidade devem focar-se não somente nas comunidades tradicionais, mas também em outros núcleos, como os assentamentos rurais. O presente estudo teve como objetivo entender a dinâmica de cultivo das etnovariedades de mandioca entre os pequenos agricultores do assentamento rural "Banco da Terra" no município de Porto Estrela-MT, e a relação dos aspectos socioeconômicos e culturais com a manutenção da agrobiodiversidade. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas em todas as 20 unidades familiares da área escolhida. O assentamento é formado por pessoas que vieram de diferentes partes do Brasil e que utilizam diferentes práticas de agricultura. A agricultura é de subsistência e com baixo uso de insumos externos, é feita especialmente por homens com mais de 45 anos de idade, refletindo o não estabelecimento dos jovens no local. Há pouca infraestrutura e o difícil acesso à educação e saúde pode ser apontado como o principal motivo para o não estabelecimento de famílias no Banco da Terra. A mandioca não é o cerne das atividades agropecuárias, e sim a criação de gado de leite e/ou de corte, no entanto, exerce importante papel na alimentação da comunidade e como fonte complementar de renda. Os agricultores escolhem as etnovariedades principalmente considerando a palatabilidade, a produtividade e a aceitação das etnovariedades no mercado. Foram encontradas 39 etnovariedades de mandioca. A comunidade maneja grande diversidade (índice de Brillouin 1,16), valor maior que o encontrado na comunidade tradicional mais próxima do assentamento (1,07). Ambas podem ser consideradas como mantenedoras da agrobiodiversidade, e a maior diversidade no assentamento pode ser explicada pelo maior contato dos moradores com centros urbanos da região, possíveis fontes de novas etnovariedades. Devido às práticas de agricultura de subsistência, fica evidente que assentamentos rurais podem ser considerados como mantenedores da agrobiodiversidade, sendo importante a inclusão destes em políticas públicas.

A UTILIZAÇÃO DO PEQUI (KANI) PELOS HALITI- PARESI

MACHADO, M[1]; MING, L. C[2]; MACIEL, M. R. A[3]

[1]Mestranda em Horticultura, Bióloga. Universidade Estadual Paulista (UNESP-FCA) *Campus* Botucatu. Programa de Pós- Graduação em Horticultura, Departamento de Agronomia. Email: marilzabio@gmail.com
[2]Professor da UNESP – FCA – Campus Botucatu – Departamento de Horticultura – Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista, Rua José Barbosa de Barros, 1780, C.P. 237 – CEP 18.610-307.Botucatu SP. Email linming@fca.unesp.br.
[3]Doutora pela Universidade Estadual Paulista - consultora em questões indígenas no Estado de Mato Grosso. marciamacielmt@hotmail.com

O povo Paresi, o qual se denomina Haliti, pertencem ao tronco lingüístico Aruak e ocupa o Chapadão dos Paresi, no Médio Norte do estado de Mato Grosso, em uma área de 1 300 000 ha, com aproximadamente 60 aldeias. O bioma predominante na região é o Cerrado, reconhecido pelas suas inúmeras riquezas em biodiversidade faunística e florística. Os Paresi são coletores de frutos do Cerrado, e dentre as diversas espécies por eles consumidas está o pequi (*Caryocar brasiliense* Cambess.). Existem três classificações do fruto para eles: o Kani, o Coloali e o Mirim, diferenciados, pelo porte das árvores. O objetivo deste trabalho é descrever a utilização do pequi por esses indígenas na alimentação e no artesanato, a partir da experiência de convivência oportunizada por observação participante, através de Projeto de Desenvolvimento Sustentável realizado por meio da Associação Indígena Halitinã. A época de maturação dos frutos na região dá-se entre os meses de dezembro a fevereiro, quando homens, mulheres e crianças saem no período da manhã para realizar a coleta dos frutos, que são coletados após caírem do pé. Estes são colocados em "Xiris", nome designado por eles para um cesto confeccionado com fibras de palmeiras encontradas na região. A divisão dos frutos com outros membros da aldeia, que não foram para a coleta, acontece logo após o retorno As sementes são consumidas "in natura" ou preparada pura, às vezes, também associada com arroz e vários tipos de carne. A "Xixa" de pequi, uma bebida preparada a partir da fermentação da polpa do fruto é muito apreciada. Os Paresi possuem uma técnica para conservar o fruto ao longo dos meses, para consumo mesmo quando não é mais a época de produção do fruto, enterrando-o na beira dos rios, em certos locais onde é encontrado um tipo de barro "especial" para tal conservação que dura até seis meses. Artesanatos como chocalhos para enfeitar as pernas para a dança são também confeccionados a partir do endocarpo lenhoso do fruto. O fruto do pequi faz parte da cultura do povo Paresi, além de ser um componente importante no complemento da dieta alimentar desse povo pelo seu rico valor nutricional.

CAPACITAÇÃO DE RIBEIRINHOS COMO FERRAMENTA NA MELHORIA DA QUALIDADE SOCIOAMBIENTAL DA APA COSTA DOS CORAIS

SOUZA, C.N. [(1)*]; SANTOS, J.U. [(2)]; SANTANA, G.R.A. [(1, 3)]; COHEN, M.P.A. [(4)]
1 – Instituto Yandê: Educação, Cultura e Meio Ambiente; 2 – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade-ICMBIO; 3 – Instituto Federal de Alagoas-IFAL; 4- Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho-UNESP.
*e-mail: carolina_cns@hotmail.com

A APA Costa dos Corais, é uma Unidade de Conservação Federal que percorre do município de Maceió, em Alagoas, ao município de Tamandaré, em Pernambuco. A unidade abriga a segunda maior barreira de corais do mundo, além de algumas espécies com riscos variados de extinção como o peixe-boi marinho, o mero, as tartarugas marinhas, o coral-de-fogo e o caranguejo-uçá. Na região central da APA fica a principal área de reintrodução de peixe-bois marinhos do Brasil, entre os municípios de Porto de Pedras e São Miguel dos Milagres/AL. A espécie é usada como um símbolo da região, vindo a ser uma espécie bandeira da conservação ambiental. O recente crescimento econômico da região, devido à ampliação da cadeia do turismo, tende a acarretar problemas socioambientais significativos, caso não venha acompanhado de políticas públicas de saneamento básico, de melhoria da infraestrutura e de ações educativas que combatam efetivamente tais problemas. A inclusão das comunidades, através de processos de educação ambiental e gestão participativa, pode gerar a colaboração efetiva na identificação dos problemas e resolução dos conflitos relacionados ao meio natural e seus recursos, com base nos princípios da justiça ambiental. O objetivo deste trabalho é possibilitar aos atores sociais o reconhecimento de sua responsabilidade ambiental como membro de uma coletividade onde são geradores e vítimas de um problema ambiental. O ciclo de capacitação ocorreu em três módulos que abordaram os eixos político, social e ambiental, mesclado com atividades lúdicas que proporcionaram a reflexão crítica e resultaram na capacitação qualificada dos ribeirinhos para a participação no Fórum Socioambiental da Costa dos Corais – espaço para discussões com a presença da comunidade, da gestão pública e outros setores, a fim de buscar o desenvolvimento sustentável da região. A concepção metodológica que norteou esta prática pedagógica tem por base o pressuposto de que os educandos são sujeitos cognoscentes, capazes de aprender e ensinar, refletir e repensar de forma crítica a sua práxis e a transformação do meio. Sendo assim, o processo educativo se potencializa na coletividade ao propiciar o diálogo, as diferentes formas de saberes e a construção coletiva.

Cochlospermum regium (Mart. ex Schrank) Pilg. (BIXACEAE): UMA SÍNTESE DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO EM MATO GROSSO

BATISTA, J. S.[1]; SANTOS, T. M.[2]; CARNIELLO, M. A.[3]

[1] Graduanda em Ciências Biológicas, Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Cáceres/MT, josysbio@gmail.com
[2]Enfermeira, mestranda no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Ambientais (PPGCA), UNEMAT, Cáceres/MT
[3]Bióloga, Prof.ª. Dr.ª do Dep. de Ciências Biológicas/PPG em Ciências Ambientais da UNEMAT, Cáceres/MT

O conhecimento e a utilização de plantas pelo ser humano para diversos fins, inclusive medicinal, é secular. Atualmente há uma grande produção de fármacos industrializados, no entanto muitas pessoas recorrem, ao próprio conhecimento sobre plantas, para tratarem de diversas enfermidades. No grupo das angiospermas existem diversas espécies que são utilizadas para tais fins, dentre elas, a espécie *Cochlospermum regium* Kunth Steud. (Bixaceae) conhecida popularmente como algodãozinho do campo. É uma espécie nativa do Brasil, Amazônia e Cerrado. Na região Sudoeste de Mato Grosso, esta planta é mais conspícua no período de floração, em meio à vegetação de áreas naturais e antropizadas. Neste trabalho registrou-se uma síntese do acervo de etnoconhecimento sobre *C. regium* que circula em Mato Grosso. Para coleta de dados foram utilizados estudos de fontes primárias, reunidos no laboratório de botânica/etnobotânica da UNEMAT/Cáceres e fontes secundárias publicadas (acessadas em bancos de dados eletrônicos e impressos) e não publicadas (disponíveis na Biblioteca Regional de Cáceres – UNEMAT). Foram incluídos dados de plantas identificadas em nível de espécie com voucher. O C. regium foi citado em 26% dos 39 trabalhos analisados, apresentando indicação medicinal e ornamental, sendo que a finalidade medicinal obteve 90% das citações nos trabalhos que mencionaram a espécie. A planta é utilizada principalmente como recurso medicinal no tratamento das afecções: constipação intestinal, inflamação, inflamação de mulher limpeza do útero e ovários e leucorreia. As estruturas da planta utilizadas para tratamentos das afecções são raízes e/ou folhas preparadas em forma de chás, ingerido e banhos. A principal utilização destina-se a aplicações enfermidades ginecológicas. Esses conhecimentos são resultados da sabedoria popular que comprovam a importância da realização de estudos etnobotânicos para a ciência a fim de se conservar a riqueza da sabedoria popular sobre a utilização das plantas, além de possibilitar o desenvolvimento de estudos a cerca da presença e importância de princípios ativos desta espécie.

COMERCIALIZAÇÃO DE SEMENTES FLORESTAIS TROPICAIS: DEFININDO SUCESSO NO ALTO XINGU

URZEDO, D.I.[1]; BROKAW, L.J.[2]; VIDAL, E.[3];

[1] Mestrando em Recurso Florestais, Universidade de São Paulo – danilo.ignacio@usp.br
[2] Graduanda em Gestão Ambiental, Universidade de São Paulo
[3] Professor Doutor, Universidade de São Paulo

O sucesso da comercialização de produtos florestais não madeireiros tem sido compreendido como um conceito dinâmico e dependente da percepção de cada ator social envolvido na cadeia produtiva. O presente estudo avaliou as percepções de diversificados atores quanto aos critérios de sucesso da comercialização de sementes florestais tropicais no Alto Xingu, Mato Grosso. O estudo envolveu indígenas (*n* = 2 aldeias da etnia Ikpeng), agricultores familiares (*n* = 2 assentamentos; Confresa e Canabrava do Norte), produtores urbanos (*n* = 2 cidades; Canarana e Nova Xavantina), associações, Oscip e ONG (*n* = 5 instituições) que atuam na Rede de Sementes do Xingu. Os critérios que compõem o sucesso foram levantados por meio de oficinas participativas com informantes-chaves e, entrevistas semi-estruturadas com os gestores das instituições. Os dados foram submetidos à análise de redes sociais a partir do programa *UCINET version 6 Social Network Analysis Software*®, por meio do método *Multidimensional Scaling*. O estudo levantou 17 critérios de sucesso da comercialização de sementes florestais, abrangendo aspectos de nível familiar à nacional em diferentes áreas (social, humano, financeiro, político e gestão). A relação dos atores com os critérios de sucesso forma uma rede social composta por 87 conexões com densidade de 0,53, evidenciando as relações das percepções de sucesso entre as diferentes comunidades e instituições. O maior número de critérios foi apontando pelos gestores (grau de centralidade = 0,76), além disso, os critérios referentes à elaboração e implementação de políticas públicas, promoção da governança ambiental e envolvimento de diversidade sociocultural foram fatores citados, preponderantemente, pelas instituições. Por outro lado, a missão da cadeia produtiva de sementes florestais de promover a restauração ecológica e a diversificação da renda familiar foram critérios apontados de forma unânime por todos os atores. Embora o sucesso consista em um conceito local e dinâmico, é crucial que existam critérios comuns que sejam compartilhados entre os atores envolvidos no sistema produtivo, evidenciando uma convergência ideológica que estimula o engajamento na iniciativa. Deste modo, a existência de uma interação e coesão de valores e ideias dentro e entre as instituições e comunidades são imprescindíveis para a consolidação de uma cadeia produtiva.

COMUNIDADES TRADICIONAIS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL NO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA

MENEZES, C.T.B. [1]; CITADINI-ZANETTE, V. [2]; BATISTA, K.M.[3]; CUNHA, Y.M.[4]

[1] Engenheiro de Minas, Dr. em Engenharia - Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma-SC. cbm@unesc.net
[2] Bióloga, Dra. em Ecologia e Recursos Naturais - Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma-SC.
[3] Sociológa, M.Sc. em Educação e Extensão Rural, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma-SC.
[4] Geóloga, M.Sc. em Geografia, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma-SC.

No contexto do desenvolvimento territorial sustentável (DTS) o envolvimento comunitário na elaboração, avaliação, implementação de projetos e gestão de recursos naturais, abre espaço para a construção de processos de desenvolvimento de forma participativa, com o objetivo de buscar a sustentabilidade no uso dos recursos, com a valorização do conhecimento comunitário e dos saberes dos povos tradicionais. Entre as dimensões do desenvolvimento solidário sustentável e territorial destacamos a ambiental, econômica, política, social e cultural. Esta última retrata a valorização das culturas em todas as suas formas de expressão, sejam materiais ou espirituais, valorização da sociobiodiversidade, reconhecimento das identidades locais e do saber popular. Frente a estas considerações, no âmbito dos estudos propostos na disciplina de Etnobiologia do Programa Interdisciplinar *Stricto Sensu* de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), UNESC, este estudo objetivou identificar experiências e iniciativas com base nos saberes de comunidades tradicionais. Foi realizado um trabalho de campo no município de Garopaba, SC, tendo sido delimitadas para estudo três localidades situadas na interface entre o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca. Os relatos foram obtidos por meio de entrevistas não estruturadas, com representantes de comunidades tradicionais – pescadores artesanais e agricultores de origem açoriana, além de quilombolas. As experiências relatadas e observadas em campo podem ser consideradas como o início de um processo de fortalecimento comunitário com base no DTS, no âmbito de um programa governamental que tem o apoio de universidades e organizações não governamentais. Esse programa busca o resgate de práticas de comunidades tradicionais, que estavam desaparecendo em função do rápido processo de urbanização da região litorânea sul catarinense, onde o turismo predatório, a falta de planejamento e de políticas públicas vem contribuindo para a descaracterização e profundas mudanças sociais e econômicas. Nesse sentido, as experiências, ainda que em sua fase inicial de construção, apontam na perspectiva de um processo de valorização da cultura local e dos recursos específicos de um determinado território, sejam eles de ordem material ou não, considerando que um território envolve a realidade humana, social, cultural e histórica e não apenas um espaço físico geográfico.

CONFLUÊNCIA DIALÓGICA: O ENCONTRO ENTRE AS PERSPECTIVAS DA CIÊNCIA E DO CONHECIMENTO LOCAL, QUANDO COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO (TO) ENCONTRAM O MICROSCÓPIO

VIANA, R.V.R[1]; SCATENA, V.L.[2]; FARIAS, M.A.F.M.[3]; SANO, P.T.[4]

[1]Mestre em Ciências Biológicas, Depto. de Botânica - Instituto de Biociências - Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil (e-mail: rvrviana@gmail.com)
[2]Professora Doutora, Depto. de Botânica - Instituto de Biociências - Universidade Estadual Paulista/Rio Claro, São Paulo, Brasil
[3] Bacharel em Ciências Biológicas, Depto. de Botânica - Instituto de Biociências - Universidade de São Paulo, Sao Paulo, Brasil
[4]Professor Doutor do Depto. de Botânica - Instituto de Biociências - Universidade de São Paulo, Sao Paulo, Brasil

Mumbuca e Prata são comunidades quilombolas da região do Jalapão (TO). Ambas participaram de uma pesquisa de cunho etnobotânico, relacionada ao capim-dourado (Syngonanthus nitens Ruhland) e ao buriti (Mauritia flexuosa L.f.), espécies utilizadas no artesanato típico da região. As artesãs e suas famílias colaboraram ativamente do processo de pesquisa de campo, sendo que, nesse contexto, suas perspectivas e seu conhecimento geraram novas perguntas e inspiraram projetos relacionados à anatomia do capim-dourado e do buriti. Na finalização de todo o processo, desenvolvemos uma atividade conjunta, por nós denominada confluência dialógica. Seu objetivo foi promover o encontro do universo do conhecimento local com o universo da ciência, de maneira a estreitar o diálogo entre representantes desses dois mundos, numa confluência de vozes e de saberes. Uma vez que as comunidades nos apresentaram seus saberes, procuramos apresentar-lhes os nossos. Para isso, apresentamos uma das maneiras de a ciência conhecer as plantas: confeccionamos, com as comunidades, lâminas com cortes anatômicos das duas plantas com as quais trabalham (capim-dourado e buriti) e colocamos, à disposição de todos, microscópios para que pudessem observar. Não houve qualquer intenção de incutir ou ensinar conceitos biológicos ou técnicos. O propósito foi permitir a fruição das imagens e, a partir disso, promover o diálogo. A atividade resultou em momentos de muita curiosidade sobre as plantas, como também manifestações emocionadas ao observar o capim-dourado e o buriti "por dentro". Grande parte dos participantes relatou espanto pela beleza do que via e explicitou falas sobre a necessidade de se conservar tais espécies. Muitos descreveram, ainda, em sua linguagem e vocabulário próprios, as estruturas anatômicas que observavam. Estabeleceram-se momentos de contemplação, reflexão e diálogo, levando a situações de aprendizado mútuo e de trocas significativas, efetivas e afetivas. Por fim, a confluência dos diálogos possibilitou, a todos os envolvidos -pesquisadores e membros das comunidades-, uma reflexão profunda sobre o seu próprio conhecimento e sua própria identidade.

CONHECIMENTO E PERCEPÇÃO DE INSETOS POR ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS FACULDADES MAGSUL, PONTA PORÃ-MS, FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI

MAIA, S. G. C. [1]; SANCHEZ, E. P. P. [2]; SOUSA, K. M.[3]

[1] Biólogo, Faculdades Magsul/FAMAG - Universidade de São Paulo/USP-ESALQ – sgchavesmaia@usp.br
[2]Bióloga, Faculdade Magsul - eronypaula@gmail.com
[3]Bióloga, Professora da Rede Pública Estadual de Ponta Porã-MS - katiamarques1987@gmail.com

Os insetos formam o maior grupo de animais da face da Terra e possuem uma alta capacidade adaptativa, presente em vários tipos de ecossistemas terrestres, e realizam serviços essenciais para a manutenção da maioria dos ecossistemas, exercendo papéis ecológicos importantes. Considerando uma visão antropocêntrica, os insetos têm sido percebidos em uma variedade de valores ecológicos, utilitários, científicos, estéticos e culturais, desempenhando papéis significativos nas seguintes áreas da vida humana: idioma, medicina, religião, literatura, artes, recreação, cozinha, música e história interpretativa de diferentes sociedades humanas. O modo como esses artrópodes são percebidos, identificados, classificados e utilizados pelo homem constitui o domínio da etnoentomologia, ramo da etnozoologia que trata do estudo científico das interações dos seres humanos com os insetos. Este trabalho tem por objetivo avaliar o conhecimento e percepção de insetos por acadêmicos de Educação Física das Faculdades Magsul, Ponta Porã-MS. Foi realizada uma pesquisa etnodirigida, com aplicação de questionários. Antes da aplicação dos questionários, os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo informações, sobre sua participação voluntária e demais dados sobre a pesquisa. Verificou-se que o termo inseto não é desconhecido pelos estudantes, mas é constantemente ligado a atributos não científicos como o termo bicho, algo nojento, pequenos, entre outros. Entretanto foi identificado ainda, o reconhecimento das funções ecológicas e utilitárias dos insetos. Participaram desta pesquisa 71 acadêmicos e quando foram questionados sobre o que é um inseto definiram de acordo com a seguinte tipologia de caracteres: ecológico (28%); desprezível (26%); nocivo (22%); conceitual (20%) e; utilitário (4%). Dois dos participantes rotularam os insetos a seres humanos, considerando como pessoas que incomodam. Estes dados preliminares reforçam a tese de que a categoria etnozoológica “inseto” é construída culturalmente.

CONHECIMENTO E USO DAS PLANTAS PELOS XOKLENG NA TI IBIRAMA LAKLÃNÕ, SC

HEINEBERG, M.R. [1]; HANAZAKI, N. [2]

[1] Mestranda do PPG Fungos, Algas e Plantas, UFSC – marianh@bol.com.br
[2] Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, Depto de Ecologia e Zoologia, UFSC

O escopo da etnobotânica envolve o estudo do uso das plantas no contexto em que isso se dá. O presente trabalho tem esse duplo objetivo ao registrar o conhecimento e uso das plantas pelos Xokleng na TI (Terra Indígena) Ibirama Laklãnõ, no vale do Itajaí, 100 km a oeste de Blumenau em Santa Catarina. Os Xokleng pertencem à família linguística Jê e foram contatados em 1914 e restritos a uma reserva para evitar conflitos no processo de colonização da Região Sul. A partir de então passaram por diversas adaptações como a mudança de um hábito nômade para uma vida sedentária; outra mudança foi a construção da Barragem Norte dentro da TI, que durou de 1976 a 1992 e que alagou a porção agricultável. Atualmente este grupo é o único remanescente dos Xokleng, que vive ainda numa organização sociopolítica unitária e, portanto o registro e a valorização de seu conhecimento é fundamental. A pesquisa foi realizada em duas das oito aldeias da TI, que refletem diferentes condições de altitude, clima e vegetação, e diferentes trajetórias históricas. Após a obtenção da anuência prévia, foram realizadas 112 entrevistas semi–estruturadas com os adultos para coletar dados sócio-econômicos e para realizar uma listagem livre das plantas conhecidas e utilizadas. As plantas foram coletadas em turnês guiadas para posterior identificação. O trabalho está em fase de análise dos dados. Até o presente momento foram registradas 358 plantas utilizadas principalmente para alimentação (36%) e medicinal (33%), mas também para artesanato (18%), construção (11%) e uso simbólico (2%). As principais partes utilizadas foram as folhas 27%, seguido pelo tronco 23% e os frutos 21%. A maioria das plantas é espontânea (60%) e 40% é cultivada. Das plantas citadas 77% são de uso atual, 15% são de uso passado e 8% são apenas conhecidas pelos informantes, mas não usadas. Até o presente momento se pode perceber que os Xokleng conhecem e utilizam muitas plantas em seu dia-a-dia e que os diferentes tipos de plantas e seus usos refletem o processo de adaptações pelo qual passaram.

CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS EM GRUPOS RURAIS (CAIPIRAS, SITIANTES E PEQUENOS AGRICULTORES) NA MATA ATLÂNTICA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

BALDINI, K.B.L.[1]; MAGALHÃES, L. M.S.[2]

[1] Bióloga, MSc. em Ciência Ambiental (UFF), Doutoranda em Ciências Ambientais e Florestais (UFRRJ) – beatriz.karla@gmail.com.
[2] Engenheiro Florestal. Professor do Departamento de Ciências Ambientais - UFRRJ.

A relação seres humanos – natureza é tema complexo, e muitos pontos devem ser discutidos principalmente em relação à conservação e proteção de recursos naturais usados pelos humanos. Muitos autores afirmam que é uma relação desarmônica, já outros afirmam que é a única forma possível de conservar não só a biodiversidade, mas também cultura. No Brasil, muitos estudos tratam dessa relação. Mostram uma forte interação, cuja manifestação ocorre nas representações das populações humanas das diferentes regiões, com modos de vida e saberes que mostram a miscigenação entre os índios, negros e brancos (formadores do povo brasileiro). A diversidade biológica e seus recursos são de fundamental importância para o desenvolvimento econômico e cultural dos diferentes grupos, sejam tradicionais ou não. Uma forma de compreender essa relação é estudar o mundo vegetal que esta presente no dia-a-dia. O objetivo geral é identificar como conhecimento e uso dos recursos vegetais pode contribuir para a conservação da diversidade biológica local considerando a realidade histórica, cultural e socioeconômica de grupos rurais em um município no sul do estado do Rio de Janeiro. Como objetivos específicos: identificar o conhecimento e/ou uso das espécies vegetais pelos grupos, comparar os usos dos recursos vegetais, analisar o uso dos recursos vegetais através de atividades locais, propor em conjunto estratégias de utilização e conservação dos recursos pelos grupos em acordo com os instrumentos legais que regem a área (Unidades de Conservação), principalmente nas zonas de amortecimento. A metodologia usada é interdisciplinar (ciências naturais e sociais) tentando compreender a dinâmica social e natural que interfere no uso e conservação de recursos naturais. Para a obtenção dos dados secundários foram realizadas visitas aos órgãos públicos como prefeitura municipal e suas secretarias (saúde, meio ambiente e obras), extensão rural, entre outros. Já para a coleta de dados primários, idas a campo nas localidades para entrevistas, reuniões comunitárias e coleta de material testemunho. Até o momento foram levantadas cerca de 110 espécies conhecidas e/ou usadas pelas comunidades de diferentes categorias (como construção, medicinais, alimentícias, entre outras). As famílias botânicas mais conhecidas e/ou utilizadas são Lamiaceae, Brassicaceae, Asteraceae. Espera-se como resultado sistematizar o conhecimento desses grupos sobre a biodiversidade local, podendo fornecer subsídios para elaboração de estratégias de desenvolvimento e conservação da sociobiodiversidade para a região.

CONHECIMENTO E USO DE ZOOTERÁPICOS PELA POPULAÇÃO RURAL DE GAMELEIRA, MUNICÍPIO DE MACAÚBAS - BA: DADOS PRÉVIOS

DOCIO, L.[1]; SOUZA, A.N.J.[2] ; BULHÕES, R. S. [3]

1- Loyana Docio Santos. Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus* IX.
Mestre em Zoologia Aplicada pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC
loydocio@gmail.com
2- Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – UNEB, *campus* IX.
3 – Mestre em Estatística pelo Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (IME-USP)

Conceitua-se como zooterapia a utilização de remédios elaborados a partir de animais ou de suas partes, bem como produtos do seu metabolismo e outros materiais construídos por eles, como, por exemplo, ninhos e casulos. Também incluem neste contexto, patuás e artigos mágico-religiosos feitos com animais ou seus derivados. Pesquisas como esta, vêm auxiliando nos processos de bioprospecção, que é entendido como a busca de animais invertebrados ou vertebrados que produzam princípios bioativos, para o desenvolvimento de novos fármacos. Para saber quais espécies possuem valor terapêutico, é necessário que estes organismos sejam conhecidos. Assim, o presente trabalho objetiva registrar os animais utilizados como ingredientes de remédios populares na comunidade rural de Gameleira, Macaúbas-BA. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas e técnicas usuais de registro etnográfico. A análise parcial dos dados foi feita qualiquantitativamente, utilizando análise de percentual bem como a popularidade relativa (RP – número de informantes de uma espécie / número de informantes que citaram a espécie mais citada). Um total de 25 pessoas, entre homens (11) e mulheres (14), com faixa etária entre 37 a 81 anos foram entrevistados num período entre agosto e setembro do ano corrente. Neste intervalo de tempo, foram listados 30 espécimes animais que fazem parte da farmacopeia tradicional, atribuídas para tratar 36 sintomas em diferentes partes do corpo. Estes estão incluídos em seis classes: Amphibia, Reptilia, Osteichthyes, Mammalia, Arachnida, Insecta. Dentre os espécimes citados, a abelha possuiu maior popularidade relativa. Os resultados concordam corroboram com a hipótese da universalidade zooterápica, segundo a qual toda sociedade humana utiliza animais como recursos terapêuticos.

CONTRIBUIÇÃO DOS QUINTAIS URBANOS NA SITUAÇÃO DE (IN) SEGURANÇA ALIMENTAR DE FAMÍLIAS BENEFICIÁRIAS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA, NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA, MINAS GERAIS

MEDEIROS, N.S.[1]; FRANCESCHINI, S.C.C. [2]; SANTOS, R.H.S.[3]; ANDRADE, F.M.C. [4]; PRIORE, S.E.[5]

[1] Bióloga, Pós-graduanda em Agroecologia, Universidade Federal de Viçosa– natalia.s@ufv.br.
[2] Dr ª. em Nutrição, Universidade Federal de Viçosa
[3] Dr. em Fitotecnia, Universidade Federal de Viçosa
[4] Dr ª. em Fitotecnia, Instituto de Homeopatia na Agricultura e Ambiente
[5] Dr ª. em Nutrição, Universidade Federal de Viçosa

A segurança alimentar e nutricional - SAN tem sido considerada nas estratégias de políticas públicas no Brasil. Estudos revelam que prevalências de insegurança alimentar e nutricional - INSAN são altas, inclusive entre beneficiários dos programas de transferência de renda. No sudeste cerca de 80% dos beneficiários do Programa Bolsa Família - PBF encontram-se em situação de INSAN. Estratégias como agricultura urbana podem ser ferramentas que garantam acesso aos alimentos, consequentemente promovam a SAN. Este projeto de pesquisa propõe estudo transversal, que terá a família como unidade do estudo. A amostra constituirá de famílias beneficiarias do PBF, além de famílias cadastradas no CADÚnico que não sejam beneficiárias do PBF residentes na zona urbana, município de Viçosa, Minas Gerais. Objetiva-se verificar a contribuição e a influência dos quintais urbanos na situação de SAN de famílias beneficiárias do PBF. A coleta de dados se dará por meio de visitas domiciliares para observação dos quintais, realização de entrevistas semi-estruturadas. Para realização do diagnóstico de SAN será utilizada a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar - EBIA. A observação dos quintais será baseada na identificação das espécies cultivadas ou espontâneas classificando-as quanto ao uso, possibilidade de comercialização, grau de importância para a família, dentre outros. A identificação botânica será realizada em campo e quando se fizer necessário através morfologia comparada entre material coletado e materiais depositados no herbário da Universidade Federal de Viçosa - UFV, e através de consultas à literatura especializada. Será realizado inquérito específico às plantas usadas para a alimentação. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFV. Espera-se que famílias que possuam quintais produtivos e façam uso dos vegetais disponíveis nesses espaços, possuam alimentação mais diversificada sendo classificadas como em SAN, segundo a EBIA. Espera-se que quanto maior diversidade e abundância de espécies vegetais de uso alimentar presentes nos quintais urbanos, melhor o estado de segurança alimentar das famílias. Após coleta de dados serão realizadas oficinas de cultivo e manejo de hortas domésticas abordando técnicas agroecológicas. Serão elaborados relatórios com os resultados deste estudo e apresentados aos representantes dos Conselhos Municipal de Saúde e de SAN.

CRITÉRIOS LOCAIS DE SELEÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS EM UMA COMUNIDADE LOCAL NO OESTE BAIANO: O PAPEL DAS PROPRIEDADES ORGANOLÉPTICAS

PINTO, B.L.S. [1]; SANTOS, K.M.N. [1]; NASCIMENTO, V. T. [2]; MEDEIROS, P. M. [3]

[1] Estudante de Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia - nan.novais.barros@gmail.com
[2] Profa. Adjunta, Campus IX, Universidade do Estado da Bahia
[3] Profa. Adjunta, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia

Um dos interesses centrais da pesquisa etnobotânica é o de elucidar os fatores que influenciam na relação pessoas – plantas. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo testar se atributos organolépticos influenciam na seleção de espécies para fins medicinais na comunidade Sucruiu, Barreiras-BA. Para tal foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 21 chefes de família. Os entrevistados listaram as plantas que utilizavam como medicinais, suas indicações terapêuticas, bem como as características de odor e cheiro que possuíam. As três principais indicações terapêuticas foram comparadas quanto à proporção de citação dos dois principais atributos de gosto por meio do extrato de Fisher, realizando a mesma análise para os dois principais atributos de cheiro. Os atributos de gosto com um maior número de citações foram "gosto amargo" (112) e "gosto bom" (59). Entre os atributos de odor destacaram-se "cheiro bom" (80) e "cheiro ruim" (21). Houve diferenças significativas entre as três principais indicações terapêuticas (gripe, indigestão e inflamação) quanto à proporção de citações de espécies detentoras de "gosto amargo" e de "gosto bom" ($p<0,05$). As citações para "gosto bom" predominaram para tratar gripe, enquanto que as citações para "gosto amargo" foram mais expressivas para tratar inflamações. Para o tratamento de indigestão plantas com as duas características foram igualmente citadas. Por sua vez, não houve diferenças significativas entre as três principais indicações terapêuticas quanto aos atributos de "cheiro bom" e "cheiro ruim" ($p>0,05$). Desse modo, é possível inferir que o gosto tem um importante papel na seleção de espécies para fins terapêuticos no local, importância esta não observada em termos de odor.

DADOS PRELIMINARES DE CONHECIMENTO ECOLÓGICO LOCAL SOBRE *MUGIL PLATANUS* NA COMUNIDADE DO GUARAÚ, PERUÍBE/SP

SOCORRO-BATISTA, M.[1]; BEGOSSI, A.[2]; CLAUZET, M.[3]

[1] Bióloga, Universidade Santa Cecília – marluasbatista@gmail.com

[2] Pesquisadora da Unicamp/CMU e Lepac, Paraty. Professora da PPG ECOMAR-UNISANTA, Diretora Executiva da FIFO

[3] Pesquisadora FIFO e Universidade Santa Cecília (UNISANTA) http://www.fisheriesandfood.org/

Pescadores artesanais em faina diária produzem ao longo de gerações um acervo de conhecimentos particulares sobre as relações ecológicas, em especial sobre as espécies aquáticas, que é aplicado na pesca artesanal. A comunidade do Guaraú, localizada ao pé da Serra dos Itatins no município de Peruíbe/SP, possui a pesca artesanal como uma das fontes principais de renda. O objetivo deste estudo foi levantar preliminarmente o conhecimento ecológico local sobre *Mugil platanus* na comunidade do Guaraú. A tainha é espécie alvo de captura na maioria das comunidades caiçaras. Em entrevista prévia, informou-se que há 20 pescadores na comunidade, entretanto 10 (n) pescadores artesanais foram entrevistados. Utilizou-se o método bola de neve e entrevistas no ponto de desembarque. As entrevistas ocorreram orientadas por questionários semi-estruturados com as perguntas: 1) Quando você pesca este peixe?; 2) Como você pesca?; 3) O que esse peixe come?; 4) Onde ele vive?; 5) Ele migra? Para onde? e 6) Quando ele desova? Dos 10 pescadores entrevistados, 70% informou *Mugil platanus* como espécie de captura. Dentre estes, 100% citou que a espécie é capturada e de ocorrência no local no período outono-inverno (meses maio a agosto). As dinâmicas com petrechos de pesca são (em ordem de importância) caceio, espera, picaré, lanço, tarrafa e arrasto. 71,5% indicaram que a espécie se alimenta de turvança (espuma composta por lodo, areia e algas marinhas proveniente de estuários e mangues), 29% não souberam responder. 100% dos pescadores indicaram os estuários e rios como habitat natural e migração da espécie do sul ao norte. O período de desova coincide com a captura sendo durante o inverno, a resposta é comum aos 70% dos pescadores artesanais. Posteriormente será realizada comparação com literatura específica sobre a espécie. O registro de conhecimento ecológico local de espécies de pode ser uma importante ferramenta de gestão e ordenamento pesqueiro, possibilitando discutir formas de gestão dos recursos pesqueiros junto a comunidade visando a garantia de continuidade da pesca artesanal por comunidades locais.

DEFUMADORES COM POSSÍVEL EFEITO ANSIOLÍTICO UTILIZADOS NO CENTRO DE UMBANDA *CABOCLO UBIRAJARA E EXÚ VENTANIA*: UM ESTUDO ETNOFARMACOLÓGICO

GARCIA, D.[1], MEDEIROS. T.A.[2], RIBEIRO, C.[3], SANTOS, J.F.L.[2], NETO, J.S.[2], ANTONIO, R.L.[2], RODRIGUES, E.[2*]

[1] Engenheiro Agrônomo, MSc. em Agronomia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP-Botucatu. Endereço: Rua Floriano Simões, 335, CEP 18609-730, Botucatu, SP, Brasil.

[2]Departamento de Ciências Biológicas, Centro de Estudos Etnobotânicos e Etnofarmacológicos (CEE), Universidade Federal de São Paulo, Diadema, Brasil.

[3]Presidente da Federação dos Centros de Umbanda de Diadema, São Paulo, Brasil.

*Autor para correspondência:
Rua Prof. Artur Riedel, 275 - Jardim Eldorado, Diadema, SP. 09972-270 Brasil, telefone: 11-33193300, Fax: 11-5084-2793, e-mail: 68.eliana@gmail.com

Na Umbanda, os defumadores são utilizados em contextos rituais e consistem na queima de ervas, que segundo seus sacerdotes podem servir para "limpar" tanto o ambiente quanto o corpo. O presente trabalho objetivou observar e registrar, do ponto de vista etnográfico, o uso de defumadores com possíveis efeitos ansiolíticos por membros do Centro de Umbanda *Caboclo Ubirajara e Exú Ventania*, localizado no município de Diadema, São Paulo. Para tanto, foram realizadas entrevistas informais, semi-estruturadas e observação participante, além de anotações em diário de campo. Durante um ano de trabalho de campo, foram selecionados seis entrevistados que citaram os usos de 13 defumadores, cuja composição envolve 27 plantas. Seis delas, arruda (*Ruta graveolens* L.), alfazema (*Lavandula dentata* L.), guiné (*Petiveria alliacea* L.), melissa (*Melissa officinalis* L.), manjericão (*Ocimum basilicum* L.), colônia (*Alpinia* cf. *zerumbet* (Pers.) Burtt & Smith) são cultivadas e utilizadas *in natura*, enquanto as restantes são obtidas do comércio, na forma desidratadas e/ou em tabletes. As plantas indicadas no preparo dos defumadores que eram cultivadas pelos entrevistados foram coletadas, identificadas e depositadas em herbário. Segundo relatos dos entrevistados, praticamente todos defumadores promovem uma "sensação de bem-estar" e, portanto, podem estar associados a um efeito ansiolítico. Os usos mais citados foram: para "acalmar" e para "relaxar". Estudos fitoquímicos publicados na literatura científica confirmam a presença de óleos voláteis para as seis plantas citadas e coletadas no presente estudo. Os dados gerados neste trabalho não descartam a possibilidade dessas plantas produzirem efeito ansiolítico em seres humanos através dos defumadores; uma vez que alguns estudos clínicos da literatura descrevem esse mesmo efeito através do uso de óleos essenciais por via inalatória de absorção. Portanto, esses resultados poderão servir de base para diversos estudos que envolvam o efeito ansiolítico de óleos essenciais associado a via inalatória.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ARARIPE-CE

ALENCAR, R. C.[1]; ALENCAR, C. S.[2]; SANTOS, A. C. B.[3]; LIMA, F. G. C[4].

[1] Aluna de Pós-Graduação em Bioprospecção Molecular, Universidade Regional do Cariri – URCA
rosacarolline@hotmail.com
[2] Aluna de Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Regional do Cariri - URCA
[3] Professor de Graduação do Curso de ciências Biológicas da Universidade Regional do Cariri – URCA
[4]Professor de Graduação do Curso de Ciências Biológicas da
Universidade Regional do Cariri - URCA

Entende-se por Educação Ambiental (EA) o processo por meio do qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. Desse modo, a Educação Ambiental na escola é hoje um instrumento muito eficaz para se conseguir criar e aplicar formas sustentáveis de interação sociedade-natureza. Tendo a clareza que a natureza não é fonte inesgotável de recursos, suas reservas são finitas e devem ser utilizadas de maneira racional, evitando o desperdício e considerando a reciclagem como processo vital. O objetivo deste trabalho foi estudar a Educação Ambiental (EA) nas escolas municipais de Araripe-CE, analisar a abordagem da EA através dos Projetos de Atividades Educacionais Complementares (PRAECs), desenvolvidos nas escolas públicas do município, visando a necessidade de preservação do Parque Ecológico de Brejinho localizado no referido município. A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2013, onde se utilizou questionários e entrevistas para a obtenção dos dados. Estes revelaram que os professores ainda apresentam uma concepção conservacionista de EA, com uma ideia dicotômica da relação homem-natureza e possuem uma visão fragmentada dos aspectos que envolvem os problemas socioambientais. Ainda foram realizados projetos socioambientais e culturais desenvolvidas nas escolas juntamente com estudantes, Secretarias de Educação e Meio Ambiente e com a comunidade local. Deste modo, observou-se a necessidade de estabelecer diretrizes mais específicas para a elaboração e desenvolvimento de atividades com qualidade para que sejam capazes de chamar a atenção dos alunos para o debate fundamentado dos problemas socioambientais que estão a sua volta de forma crítica. Assim, este projeto pode contribuir para o enraizamento de EA nas escolas municipais de forma a envolver toda a comunidade de seu entorno na renovação do processo educativo e ainda, conseguiu-se sensibilizar o aluno a buscar valores que conduzam a uma convivência harmoniosa com o ambiente e com as demais espécies que habitam o planeta, auxiliando-o a analisar criticamente os princípios que tem levado à destruição inconsequente dos recursos naturais.

EMPREGO DE RECURSOS VEGETAIS EM UMA COMUNIDADE RURAL DO OESTE DA BAHIA: IMPORTÂNCIA UTILITÁRIA E COMERCIAL

RÊGO, A. E. M.[1]; MEDEIROS, P. M.[2];

[1]Estudante de Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia - antoniaednalapa@hotmail.com
[2] Profa. Adjunta, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia

As comunidades rurais podem usar componentes vegetais para diversos fins, de modo que a elucidação dos recursos mais utilizados é um importante atributo para a elaboração de estratégias de conservação. Esse estudo objetivou acessar os recursos vegetais de maior importância local utilitária (doméstica) e comercial, segundo a percepção dos moradores da comunidade Sucruiú (Barreiras-BA). Para tal foi realizada uma oficina participativa na qual se utilizou a técnica da matriz de critérios e opções. Com essa técnica as pessoas foram estimuladas a elencar os recursos vegetais mais importantes localmente e atribuir pontos para eles segundo sua importância, ora comercial, ora utilitária. A aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão) e o buriti (*Mauritia flexuosa* L.f.) obtiveram o valor máximo (10) tanto para importância comercial quanto utilitária. O cajuí (*Anacardium humile* A.St.-Hil.), a umburana (Não identificada 1) e a mangabeira (*Hancornia speciosa* Gomes) se destacaram apenas do ponto de vista utilitário (10 pontos), mas com baixos valores de importância comercial. Já o jatobá (*Hymenaea* sp.) foi o único recurso citado com importância comercial superior à importância de uso (9 pontos e 5 pontos respectivamente). Assim, observou-se que nem sempre recursos comercialmente importantes terão equivalente importância doméstica e vice-versa. O alto uso comercial e doméstico de certas espécies pode levar a disfunções estruturais para suas populações e consequente diminuição na sua disponibilidade. Desse modo, *M. urundeuva* e *M. flexuosa* merecem especial atenção do ponto de vista da elaboração de estudos de extrativismo e manejo. No caso de *M. urundeuva*, estudos sobre a estrutura da população da espécie no local e influência do manejo são ainda mais urgentes, uma vez que a sua principal parte utilizada é a madeira, elemento bastante destrutivo para os indivíduos da espécie.

ESTRATÉGIAS DE MANEJO E USO DE *Mauritia flexuosa* L.F. NO OESTE DA BAHIA - UM ESTUDO COMPARATIVO DE DUAS COMUNIDADES RURAIS

NASCIMENTO, V. T[1]; ALMEIDA, E. L[2]; BATISTA, D. S[3]; SILVA, S. D[3]; MEDEIROS, P. M.[4]

[1]Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, *Campus* IX/Barreiras; (vivyteixeira@gmail.com)

[2]Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas, pela Universidade do Estado da Bahia, *Campus* IX/Barreiras;

[3]Estudante de Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia;

[4]Professora Adjunta do Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia.

O Buriti (*Mauritia flexuosa* L.f.) é uma espécie de alta importância econômica no cerrado, sendo amplamente utilizada por várias comunidades como fonte de renda, especialmente no que diz respeito à extração do fruto, para produção do óleo, doces ou mesmo consumo *in natura*. Diante disto, esse trabalho objetivou comparar duas comunidades rurais do oeste da Bahia quanto ao manejo e uso da espécie. Realizou-se entrevistas semiestruturadas com 26 moradores, 13 na comunidade de Sucruiu e 13 no Val da Boa Esperança, ambas na zona rural do município de Barreiras-BA. Os dados foram analisados por meio do teste qui-quadrado. Ambas as comunidades percebem que o pico de produção dos frutos da espécie acontece em dezembro, no entanto a percepção de amplitude de disponibilidade é maior no Val da boa esperança, entre junho e fevereiro, enquanto que no Sucruiu é de setembro a janeiro. Não foram observadas diferenças significativas entre as comunidades quanto à forma de coleta dos frutos ($p<0,05$), embora no Val haja uma pequena tendência a coletar os frutos no chão, enquanto no Sucruiu não houve esta distinção. Também não houve diferenças entre as comunidades quanto à presença de locais preferenciais para coleta ($p>0,05$), tendo em vista que em ambas as comunidades a maioria dos entrevistados indicaram preferir realizar a coleta próximo às suas residências. Quanto à preferência por diferentes frutos de buriti, os moradores do Val indicaram como atributo mais importante a firmeza, sendo os frutos mais firmes os preferidos no local. Já no Sucruiu o atributo de destaque foi a coloração, de maneira que os frutos vermelhos foram preferidos em relação aos amarelos. Em relação às distinções entre buritis jovens e velhos, não houve diferenças significativas na predileção ($p>0,05$), embora haja uma leve tendência de no Val haver mais citações de preferência para indivíduos velhos devido ao sabor e tamanho dos frutos. Já no Sucruiu houve mais citações de predileção por indivíduos jovens, por estes apresentarem maior produtividade. As comunidades não apresentaram grandes diferenças quanto ao manejo e uso da espécie, o que indica que programas de conservação podem ser feitos de forma conjunta nos dois locais.

ETNOBOTÂNICA DO CHACO BRASILEIRO: ESPÉCIES DE MATA CILIAR UTILIZADAS COMO ISCA PARA PESCA

ARAÚJO, I.P.P. [1]; AZEVEDO, T.D.[2], MOURA, S.S.[3] SARTORI, A.L.B. [4] ;
DAMASCENO JUNIOR, G.A. [5]; BORTOLOTTO, I.M, [4]

[1] Engenheira Agrônoma, Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal Mato Grosso Sul - ivandappa@gmail.com
[2] Bióloga, Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
[3] Biólogo, Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
[4] Bióloga, Centro de Ciências Biológicas e Saúde, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
[5] Biólogo, Centro de Ciências Biológicas e Saúde, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

O Chaco brasileiro restringe-se ao município de Porto Murtinho, localizado ao sul do Pantanal e faz contatos florísticos com as Matas Decíduas e o Cerrado. O município é um dos principais destinos turístico-pesqueiro de Mato Grosso do Sul e faz fronteira hídrica com o Paraguai. O objetivo do estudo foi caracterizar o conhecimento da população que tem contato direto com o rio: ribeirinhos, pescadores e piloteiros a respeito das espécies da mata ciliar do rio Paraguai utilizadas como isca para a pesca. Utilizou-se a técnica de turnê-guiada e de entrevistas semi-estruturadas, no período de maio a agosto de 2013. Foram entrevistados 41 informantes: ribeirinhos (13), pescadores (16) e piloteiros (12) de barcos turísticos, de ambos os sexos e idades. As mulheres representam 29,3% da amostra. As idades variam de 12 a 93 anos, sendo que, a maioria dos informantes são homens de 45 a 52 anos. A renda familiar mensal dos entrevistados varia de 1 a 3,5 salários mínimos. Foram citadas 20 espécies, distribuídas em 16 famílias e 20 gêneros. As espécies com maior número de citações foram: *Copernicia alba* Morong (conhecida popularmente como carandá ou coquinho) com 24,6% das citações, *Genipa americana* L. (jenipapo) com 14,9%, *Crateva tapia* L. (nome popular em Guarani *Pajaguanaranca*), com 12,7% e *Bactris glaucescens* Drude (tucum) com 9,7% . Outras espécies também ocorrentes na mata ciliar do rio Paraguai, porém como número de citações foram: *Acrocomia aculeata* (Jacq.) Lodd. ex Mart. (bocaiuva) com 3%, *Vitex cymosa* Bertero ex Spreng. (tarumã) 1,5%, *Cayaponia podantha* Cogn. (Melancia do mato) 4,5%. Enquanto, *Melicoccus lepidopetalus* Radlk. (água pomba) 3%, *Hancornia speciosa* Gomes (mangaba) 0,7% e *Campomanesia pubescens* (DC.) O. Berg. (guavira) 1,5% são espécies típicas do Cerrrado e não ocorreram na mata ciliar do rio Paraguai. Foram citadas também espécies cultivadas como: *Malpighia emarginata DC.* (acerola) 2,9%, *Citrullus sp* (melancia) 3,7% e *Mangifera indica* L. (manga) 5,9%. Verificou-se que os pescadores detêm o conhecimento do maior número de espécies (20), seguidos dos piloteiros (16) e por fim os ribeirinhos (5).

ETNOBOTÂNICA URBANA: A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DO DISTRITO DE VILA MARIANA

OLIVEIRA JUNIOR, C.J.F [1]; FERREIRA, C.W.P [2]

[1]Pesquisador Científico, Instituto de Botânica – floraacao@gmail.com
[2]Bióloga, Universidade Paulista/ UNIP

O crescimento desordenado das cidades, a especulação imobiliária, a impermeabilização dos solos, as atividades industriais e a redução das áreas verdes prejudicam a qualidade ambiental e a qualidade de vida da população urbana. Poluição, inundações e formação de ilhas de calor são alguns problemas decorrentes desta situação. Com potencial minimizador destes desconfortos, a cobertura vegetal urbana, composta pelos parques, praças, canteiros, árvores e jardins residenciais, constitui elemento importante na melhoria da qualidade de vida. O distrito de Vila Mariana está situado no centro-sul de São Paulo e já foi referência de qualidade de vida devido à cobertura vegetal, porém, atualmente passa por um processo de verticalização. As percepções de qualidade de vida e de natureza dependem de padrões culturais, neste caso a participação das comunidades tem sido fundamental na busca de ações alternativas voltadas para a sustentabilidade. A etnobotânica estuda a relação das pessoas e comunidades com o meio botânico. Sendo assim, este projeto objetivou analisar a percepção ambiental dos moradores de Vila Mariana a partir de sua relação com a cobertura vegetal. Para tanto, foram realizadas entrevistas guiadas por roteiro semi-estruturado com moradores da região, e os dados analisados quantitativa e qualitativamente. Quanto à cobertura vegetal urbana, 33,3% dos entrevistados considerou o bairro de Vila Mariana privilegiado, principalmente em comparação a outras regiões do município; porém, 86,6% identificaram problemas relativos à qualidade e saúde das árvores e à manutenção de praças e parques. 70% dos entrevistados pontuaram impactos negativos, como redução das árvores das ruas e áreas verdes públicas, perda do verde dos jardins e quintais das antigas casas, as quais foram substituídas por edifícios. Quanto à atuação governamental sobre a vegetação urbana, 86,6% dos entrevistados demonstrou descontentamento, sendo que 46,6% citaram problemas relacionados à cobertura vegetal do bairro ou simplesmente falta de ação governamental. Concluiu-se que, apesar do distanciamento entre homem e natureza decorrente da modernidade e globalização, os moradores de Vila Mariana reconhecem a importância dos elementos botânicos para a manutenção da qualidade ambiental e melhoria da qualidade de vida e demonstraram preocupação com a falta de manutenção das árvores e áreas verdes públicas.

ETNOCONHECIMENTO CABOCLO SOBRE USO DO TERRITÓRIO POR ARIRANHAS *Pteronura brasiliensis (ZIMMERMANN*, 1780) NO IGARAPÉ BARÉ DO LAGO AMANÃ DURANTE O PERÍODO DE CHEIA, RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ, AMAZONAS, BRASIL

BLANCO, B. [1]; FONSECA, V.C. [2]; MONTEIRO-FILHO E.L.A. [3]; MARMONTEL, M.[4]

[1] Graduanda, Faculdade de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná - bianca@biologa.bio.br
[2] Bióloga, Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
[3] Biólogo, Universidade Federal do Paraná
[4] Oceanógrafa, Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

Na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, no interior do estado do Amazonas, foi realizado um trabalho de mapeamento das áreas de uso de ariranhas *Pteronura brasiliensis (ZIMMERMANN*, 1780) no Igarapé Baré do Lago Amanã durante o período de cheia do ano de 2013. As expedições de campo consistiram em percorrer 50 km de extensão no Igarapé Baré e seus afluentes de modo que todas as áreas determinadas previamente como prioritárias fossem visitadas semanalmente. Entre os meses de abril a agosto, a maioria das áreas monitoradas encontra-se alagada e um conhecimento profundo de tais localidades se faz necessário. Para tanto, é imprescindível que esse tipo de trabalho seja acompanhado por assistentes de campo locais, oriundos de comunidades tradicionais ribeirinhas. Por conhecerem a lógica ecossistêmica local são capazes de guiar os pesquisadores com segurança. Com o objetivo de utilizar o etnoconhecimento como uma ferramenta integrante no monitoramento de espécies como a ariranha, especialmente em locais remotos e em épocas difíceis como a cheia, ao final do estudo os assistentes caboclos foram consultados sobre os resultados obtidos no campo. Assim, foram estimulados, através de uma conversa informal, a justificar os motivos da ausência ou presença de ariranhas em cada região. Foram três principais fatores por eles elencados e interpretados como "Piscosidade", "Terra firme" e "Presença Humana". Esses dados foram organizados em uma tabela cognitiva permitindo assim visualizar o mesmo evento pelo prisma do caboclo e do pesquisador. Uma elevada concordância foi obtida e os pontos dissonantes não foram obrigatoriamente excludentes. Um exemplo de complementaridade entre os saberes é o Igarapé Tartaruga, um dos igarapés de domínio da Comunidade do Baré para a pesca. Na época chuvosa, acampamentos e latrinas estão submersos, mas houve avistamento de ariranhas nessa região. É provável que seja de fato uma área de pesca para as ariranhas e os humanos. Essa experiência e respectivo resultado evidenciam o quão fundamental é o diálogo entre as diferentes facetas do saber para compor a integralidade do conhecimento. Tendo isso em mente, é preciso zelar pela diversidade cultural para que os estudos etnoecológicos venham cada vez mais a complementar o conhecimento científico e, dessa maneira, contribuir para ações de conservação da natureza.

ETNOECOLOGIA DE GAROUPAS (*EPINEPHELUS* SPP.) EM COMUNIDADES DE PESCADORES DO SUDESTE DO BRASIL

ANDREOLI, T. B[1 2]*.; CLAUZET, M[1 2].; BEGOSSI, A[1 2 3]

[1] Universidade de Santa Cecília – UNISANTA (ECOMAR)
[2] Fisheries and Food Institute – FIFO (www.fisheriesandfood.org)
[3] CAPESCA/ PREAC/ UNICAMP
•taina_ba@hotmail.com

Os estudos de etnoecologia podem agregar informações do conhecimento ecológico local às pesquisas científicas contribuindo no manejo dos recursos naturais vulneráveis. Algumas espécies de Garoupa como, por exemplo, a E*pinephelus marginatus*, possuem maturidade tardia e são alvo da pesca artesanal comercial. Tais fatores contribuem para a vulnerabilidade destes peixes no ecossistema e sua inclusão destes na Lista Vermelha do Risco de Extinção da IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais). O objetivo deste trabalho foi verificar o conhecimento ecológico sobre as Garoupas especialmente em relação à identificação, classificação e reprodução. A pesquisa foi desenvolvida durante os anos de 2009 e 2011 em comunidades de pescadores artesanais de Ubatuba e Ilha Bela/SP e Paraty/RJ. Os métodos de coleta de dados foram: entrevistas com questionário pré-estruturado sobre etnotaxonomia de Garoupas (E*pinephelus morio* e *Epinephelus marginatus*), utilizando o método "Bola de Neve" (*Snown-Ball*) e observações sistemáticas sobre a maturação das gônadas de *Epinephelus marginatus* realizadas em boxes de venda de peixes. Os dados de etnotaxonomia mostraram que os pescadores de Ilha Bela e Ubatuba/SP identificam as duas espécies pelo genérico Garoupa (100%) e E*pinephelus morio* também por Cherne (21%); se utilizam dos binomiais Garoupa Banana (44%) e Garoupa Vermelha (41%) (*Epinephelus morio, Epinephelus marginatus*) *e* Garoupa São Tomé (31%) para E*pinephelus marginatus*. Para 44% dos entrevistados em Ubatuba/SP, E*pinephelus marginatus* e *Epinephelus morio* formam um só grupo, considerados pelos pescadores como peixes "parentes" devido a critérios do conhecimento local baseado primeiramente na morfologia, seguido de hábitat e dieta dos peixes. Sobre os dados de reprodução de E*pinephelus marginatus* em Paraty/RJ foram observadas 132 garoupas, onde apenas uma gônada desenvolvida, com volume de 10 ml, foi encontrada e esta não apresentava maturação. Conclui-se que os pescadores locais têm detalhado conhecimento sobre a etnotaxonomia das garoupas; contudo, os resultados de reprodução evidenciam a dificuldade (e a consequente lacuna) de obtermos conhecimento sobre o ciclo reprodutivo desta importante espécie, o que pode ser fatal para o manejo.

ETNOECOLOGIA DE PESCADORES: O CONHECIMENTO SOBRE EVENTOS REPRODUTIVOS DE PEIXES

YOSHINAGA, T.T. [1]; REZENDE, G. [2]; THÉ, A. P. G. [3]

[1] Mestrando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Montes Claros - ttyoshinaga.lp@hotmail.com
[2] Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Montes Claros
[3] Professora Doutora, Universidade Estadual de Montes Claros

Os usuários dos recursos naturais são detentores de um corpo de conhecimento empírico adquirido no cotidiano e transmitido através das gerações. Contudo, estudos sobre estes conhecimentos, como os propostos pela etnobiologia e pela etnoecologia, bem como, a valorização e a utilização destes tipos de conhecimentos é recente e pouco explorada. O objetivo deste trabalho foi verificar como é o entendimento dos pescadores profissionais de uma comunidade as margens do Rio São Francisco no município de São Francisco - MG a respeito dos eventos reprodutivos dos peixes. Utilizou-se de entrevistas semi-estruturadas para o levantamento dos dados etnoecológicos. As entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e durante o processo foram anotados pontos principais em uma caderneta de campo. Foram realizadas três entrevistas com os pescadores mais antigos da comunidade, totalizando três horas e meia de gravação. Os entrevistados demonstraram ter conhecimento de quando os peixes começam a migrar: *"quando a água suja chegar tudo quanto é peixe que tem nesse rio sai"*, o local onde ocorre a desova: *"no meio d'agua", "todos os peixes menos a pacamã (Lophiosilurus alexandri)", "a pacamã não faz ribada, não é peixe de andar muito"*, os horários onde ocorrem o evento reprodutivo ou *carujo*: *"as vezes vê o dia todo, mas é mais de tarde"*, a importância do papel das lagoas marginais no processo reprodutivo e também a necessidade das enchentes: *"quando o rio enche e joga nas lagoas os peixes novos entram e os que tão lá saem", "sem enchente não tem peixe"*. Este trabalho permitiu identificar que os pescadores profissionais entrevistados detêm o conhecimento empírico apurado sobre os eventos reprodutivos. Numa próxima etapa, novas entrevistas estruturadas serão realizadas para uma análise mais específica buscando informações mais precisas de cada evento citado.

ESTUDIO ETNOBOTÁNICO DE LAS PLANTAS ÚTILES DEL MUNICIPIO DE SOATÁ (BOYACÁ, COLOMBIA).

BÁEZ-L. M. R. [1]; LINARES E. L. [2]; VARGAS E. M. [3]

[1] Mestranda em Botânica, Departamento de Biociências, Universidade Federal Rio Grande do Sul.
mabelrbl@gmail.com
[2] Docente, Instituto de Ciências Naturales, Universidad Nacional de Colombia.
[3]Docente, Facultad de Ciencias y Educación, Universidad Distrital Francisco José de Caldas.

A partir del uso, manejo e importancia de los recursos vegetales en la población rural del municipio de Soata-Boyacá, se realizó el estudio etnobotánico basado en tres categorías de uso: medicinales, cercas vivas y plantas asociadas a cuerpos de agua. Esto, en cuatro zonas con diferencias altitudinales: 1500 m, 2000 m, 2045 m, y 3000 m, siendo una muestra de 10 familias entrevistadas en cada zona, el objetivo fue conocer el aprovechamiento de los recursos por parte de la población rural a partir del uso y manejo, a través de métodos etnográficos, botánicos y pedagógicos, se emplean entrevistas semiestructuradas y recorridos guiados. Los cuales fueron analizados por medio de análisis de correspondencia, agrupamiento y nivel de uso significativo. Para este municipio se reportan 144 nombres comunes, distribuidos en 131 especies, 111 géneros y 58 familias botánicas, siendo las plantas medicinales predominantes (71 especies únicas para este uso), seguido por las plantas asociadas a cuerpos de agua (25 especies) y empleadas en cercas vivas (14 especies). Se presentan 21 especies que comparten uso en más de una categoría. Las familias más representativas fueron: Asteraceae (18 especies y 13 géneros), Fabaceae (12 y 10), Lamiaceae (7 y 7) y Solanaceae (5 y 3). Se concluye que la población entrevistada corresponde a una comunidad campesina, cuya principal actividad económica es la agricultura. El análisis de ordenamiento y agrupamiento mostró que los factores ambientales, sociales y la cercanía a la zona urbana influyen en el uso y conocimiento de los recursos vegetales; los cuales están cada día más deteriorados y olvidados por la población joven y adulta de este municipio, incrementando la falta de apropiación y valoración de los saberes tradicionales.

ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM QUINTAIS DO SUDOESTE DO ESTADO DE MATO GROSSO, BRASIL

SANTOS, T.M.[1]; BATISTA, J.S.[2]; CARNIELLO, M.A.[3]

[1] Enfermeira, mestranda no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Ambientais (PPGCA), UNEMAT, Cáceres/MT, thaisms.enf@gmail.com
[2] Graduanda em Ciências Biológicas, UNEMAT, Cáceres/MT
[3]Bióloga, Prof.ª. Dr.ª do Dep. de Ciências Biológicas/PPG em Ciências Ambientais da UNEMAT, Cáceres/MT

A utilização de plantas no tratamento de enfermidades é uma prática humana milenar e a etnobotânica é a ciência que estuda a relação entre plantas e seres humanos. Os quintais são locais depositários de diversidade de plantas e conhecimentos sobre atributos medicinais. Neste contexto são relevantes os estudos acerca das plantas utilizadas na medicina popular, uma vez que, diferentes pesquisas têm comprovado que os quintais são locais de conservação da diversidade vegetal e cultural associada. Os produtos de diversos trabalhos permanecem em manuscritos não publicados os quais reúnem importante acervo de conhecimento de populações humanas sobre plantas medicinais. Objetivou-se neste estudo um levantamento bibliográfico acerca do conhecimento etnobotânico sobre plantas medicinais presentes nos quintais da região Sudoeste de Mato Grosso. Para coleta de dados foram utilizadas fontes primárias, obtidas no laboratório de botânica/etnobotânica da UNEMAT/Cáceres, e secundárias de monografias disponíveis na Biblioteca Regional de Cáceres. Para a busca no sistema Gnuteca (Biblioteca) utilizou-se os descritores "quintais", "plantas medicinais" e a indicação de voucher das espécies como critério de inclusão dos manuscritos. De 17 monografias selecionadas pelos descritores, 13 atenderam ao critério de inclusão. Foram citadas 187 espécies medicinais, sendo destacadas as que seguem com as respectivas indicações de uso: *Psidium guajava* L. – Goiaba (anti-infeccioso intestinal, antidiarreico, inflamação de garganta); *Mangifera indica* L. – Mangueira (problemas respiratórios, antidiarreico, anemia); *Carica papaya* L. - Mamão (vermífugo, proteolítico, estomático); *Punica granatum* L. – Romã (adstringente, antiviral, antimicrobiano, tenífugo); *Averrhoa carambola* L. - Carambola (glicosúria, colesterol alto). Dentre as espécies acima mencionadas como as mais citadas nos estudos, a espécie *P. guajava* L. foi indicada em 76,9% (10) dos estudos e as outras espécies mencionadas anteriormente foram citadas em 69,2% (9) dos estudos, cada uma. Todas estas espécies mencionadas são introduzidas, conforme a classificação disponível no site Flora do Brasil. As espécies tiveram o maior número de indicações para o tratamento de problemas respiratórios e infecções intestinais. Neste sentido, o conhecimento popular sobre as plantas medicinais presentes nos quintais torna-se muitas vezes o único recurso disponível para tratar as enfermidades que a afeta, uma vez que, grande parte da população não tem acesso a medicamentos alopáticos.

ESTUDO SOCIOECONÔMICO DA COMUNIDADE CAIÇARA DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA BARRA DO UNA (RDSBU), MOSAICO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO JURÉIA-ITATINS/ SP

ZEINEDDINE, G. C.[1]; MARTINS, G. M.[2]; RAMIRES, M.[3]

[1] Graduanda do curso de ciências biológicas da Universidade Santa Cecília – UNISANTA - gabizeineddine@hotmail.com

[2] Graduanda do curso de ciências biológicas da Universidade Santa Cecília – UNISANTA.

[3] Orientadora, docente e pesquisadora da Universidade Santa Cecília – UNISANTA. Programa de Pós Graduação em Sustentabilidade de Ecossistemas Costeiros e Marinhos (ECOMAR).

A pesca é considerada tradição em comunidades pesqueiras de todo Brasil, sendo uma prática passada de geração a geração por familiares e amigos próximos. No entanto, hoje em dia não é mais a única fonte de renda dos pescadores que complementam sua renda com outras atividades. Este trabalho foi realizado na Reserva de Desenvolvimento Sustentável da Barra do Una (RDSBU), uma das áreas do Mosaico de Unidades de Conservação Juréia-Itatins, e teve como principal objetivo caracterizar o perfil socioeconômico e a atividade pesqueira da comunidade. A metodologia empregada neste estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética sob o registro CAAE 20879813.7.0000.5513. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas realizadas com 38 pescadores, sendo 29 Homens (71,3%) e 9 Mulheres (23,7%). A renda familiar conta com o implemento de atividades alternativas, como por exemplo, as relacionadas à pesca esportiva, jardineiro, turismo, vigilante, cultivo e venda de camarões, entre outras. A idade média entre os pescadores da comunidade é de 46,7 anos, e o tempo médio de residência na comunidade é de 51,5 anos. A maioria dos moradores da comunidade nasceram na própria comunidade (44,7%), outros vieram de regiões mais afastadas (34,2%) e outros de regiões mais próximas, como Peruíbe-SP (10,5%), Iguape-SP (5,2%) e Santos-SP (5,2%). Segundo os entrevistados, o reduzido rendimento obtido através da pesca fez com que o número de filhos que ajudam a família nesta atividade diminuísse. Hoje em dia, somente 30 de 53 filhos auxiliam na pescam (média de 1,40 de filho por casais existentes na comunidade). O principal artefato de pesca utilizado pela comunidade é a rede de espera, citada por 100% dos moradores, mas também é utilizada a tarrafa (21,05%) e vara (21,05%). As principais espécies de peixes citadas foram Robalo (citado por 92,1% dos entrevistados), Tainha (79%), Bagre (68,4%), Caratinga (65,8%), Corvina (52,6%). Estudos relacionados a comunidades pesqueiras são importantes para conhecimento ecológico local e uso sustentável dos recursos naturais, podendo servir de grande ajuda para novos planos de manejo.

GRUPOS E REDES DE INTERCÂMBIO EM PESQUISA ETNOBIOLÓGICA NO SUDESTE BRASILEIRO

MAIA, S. G. C.[1]; ALFONSO, E. J. D.[2]

[1] Biólogo, Doutorando em Ecologia Aplicada, USP/ESALQ/CENA, Docente Faculdades Magsul
sgchavesmaia@usp.br
[2] Graduanda em Ciências Biológicas, Faculdades Magsul/FAMAG - edilene.alfonso@hotmail.com

A intercomunicação com pares, redes de trocas de ideias, grupos temáticos e disseminação de propostas, constituem hoje uma condição essencial à realização de investigações científicas e ao avanço dos conhecimentos. Essa aprendizagem processa-se por interlocuções, participações em grupos de trabalho e em redes que se criam. O desenvolvimento da pesquisa em etnobiologia beneficiou-se, nos últimos anos, de iniciativas de estudos que criaram possibilidades para fomentar interlocuções e formar grupos de referência. Este trabalho relata a estrutura de organização e apresenta a distribuição dos grupos e rede de intercâmbio de pesquisas em etnobiologia e subáreas no sudeste brasileiro, apoiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq. O conhecimento desta organização possibilita a busca da melhoria da qualidade da pesquisa no país, efetivada por uma rede sistemática de intercâmbio de pesquisadores das várias instituições envolvidas. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, do tipo *survey* explanatória e coleta de dados *cross-sectional*. As informações são provenientes da base corrente (atual) de dados do Diretório dos Grupos de Pesquisas no Brasil/DGPB, com situação de "grupos certificados" pelos dirigentes institucionais de pesquisa. Foi realizada uma busca textual através dos termos: etnobiologia(1), etnoecologia(2), ecologia humana(3), etnobotânica(4), etnozoologia(5), etnomedicina(6), agroecologia(7) e educação ambiental(8). O DGPB, projeto desenvolvido no CNPq desde 1992, constitui-se em bases de dados que contém informações sobre os grupos de pesquisa (GPs) em atividade no País, que com uma base corrente, atualizada, contribui para o intercâmbio e troca de informações. O Brasil, dados de 2010, apresentava 27.523 GPs, sendo que a região sudeste contempla 47% destes grupos. Atualmente, em relação aos termos abordados neste trabalho, o diretório possui cadastrado, em nível nacional, 1.697 GPs, sendo que para região sudeste estes grupos somam 447, subdivididos entre os termos assim: 1-2,02%, 2-2,23%, 3-4,93%, 4-10,29%, 5-0,00%, 6-0,44%, 7-12,98% e 8-67,11%. Tal realidade serve de subsídio para articular os profissionais e grupos de pesquisa que trabalham com a Etnobiologia e Etnoecologia no Sudeste, tendo em mente o fortalecimento destes campos de conhecimento na região.

INTERAÇÃO SER HUMANO-VEGETAL NA PERSPECTIVA ETNOBOTÂNICA: UM ESTUDO DE CASO EM QUINTAIS NO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ-MS

SOUSA, K. M. [1]; MAIA, S. G. C.[2]; SANCHEZ, E.P.

Bióloga, Professora da Rede Pública Estadual de Ponta Porã-MS - katiamarques1987@gmail.com
[2]Biólogo, Professor das Faculdades Magsul/FAMAG. Doutorando em Ecologia Aplicada – PPGI/CENA/ESALQ. Laboratório de Ecogenética de Resíduos Sólidos Agroindustriais e Ecologia Humana - sgchavesmaia@usp.br
Bióloga, Professora da Rede Pública Estadual de Ponta Porã-MS -eronypaula@gmail.com

O presente trabalho teve por objetivo registrar etnoecologicamente a relação do ser humano com a composição vegetal da unidade de paisagem quintal, utilizada como medicinal. Desta forma, pretende contribuir para a conservação da diversidade das etnoespécies locais, com um levantamento destas espécies, através de um estudo de caso em um bairro do município de Ponta Porã-MS, Brasil, que forma um conurbado com o município Paraguaio de Pedro Juan Caballero-Amambay, observando quais plantas estão à disposição e quais são reconhecidas como recursos medicinais. Os quintais estão distribuídos de formas diferentes sendo que, em determinadas residências possuem mais áreas com vegetais, enquanto que em outras possuem sua maior parte calçadas e suas plantas dispostas em vaso, mas sempre presente, um tipo de vegetal. Assim todos os moradores cultivam as plantas em seus quintais, na grande maioria são cuidadas por mulheres, pois elas estão presentes em 85% das residências, e seguem os conhecimentos e manejos adquiridos por suas mães enquanto crianças. Os quintais variam em seu tamanho de 8 x 8m sendo o de menor tamanho, e o maior de 12 x 30m. Utilizando-se de entrevistas semiestruturadas foram registradas 77 etnoespécies de plantas medicinais, com o uso mais frequente de *Salvia officinalis* L., sendo a espécie mais versátil tratando do maior número de sistemas corporais, com importância relativa máxima, seguindo *Ruta graveolens* L., com o 1,83 (IR), sendo que os sistemas corporais mais citados foram doenças do sistema digestório (45,41%), seguido das doenças do sistema nervoso (11,22%). Tais informações registradas contribuem para o a conservação destes recursos biológicos e manutenção dos conhecimentos tradicionais locais.

LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO EM COMUNIDADE TRADICIONAL RURAL NO ESTADO DE MATO GROSSO, BRASIL

COSTA, I. B. C. [1]; PASA, M.C. [2]; BONFIM, F. P. G. [3]

[1] Mestranda em Horticultura, Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista – inei_bruna@hotmail.com
[2] Profa. do Depto de Botânica e Ecologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal do Mato Grosso
[3] Prof. do Depto de Horticultura, Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista

O uso de árvores do cerrado para a construção de moradias tradicionais é uma prática utilizada a milhares de anos, porém mudanças nos hábitos culturais tornaram a presença dessas casas menos frequentes nos dias atuais. O trabalho teve como objetivo realizar o levantamento etnobotânico das espécies vegetais usadas para a construção de casas resgatando o conhecimento popular local. A Comunidade Rio dos Couros está localizada na Baixada Cuiabana, MT. A metodologia utilizado foi a bola de neve, para identificar os informantes e para a coleta dos dados socioeconômicos e culturais foi aplicado entrevistas semiestruturadas e a observação direta. As plantas foram coletadas e depositadas no Herbário Central da UFMT e identificadas por especialistas do Departamento de Botânica e Ecologia da UFMT. Observou-se a presença de estruturas tradicionais em suas áreas de convívio e construídas próximas às casas de alvenaria, ou como áreas criadas como um espaço que acompanha a residência fixa e até mesmo como uma residência provisória. Foram identificadas 12 espécies de madeiras usadas nas construções locais: Angico - *Anadenanthera falcata* (Benth.) Spreng. (Mimosaceae); Aricá - *Physocalymma scaberrim* Pohl. (Lythraceae); Aroeira - *Myracroduon urundeuva* (Fr. All.)Engl. (Anacardiaceae); Bacuri - *Rheedia brasiliensis* Camb. (Clusiaceae); Babaçu – *Attalea vitrivir* Zona (Arecaceae); Carvão branco - *Callisthene fasciculata* (Spr.) Mart. (Vochysiaceae); Espicha couro - *Xylopia aromática* (Lam.) Mart (Annonaceae); Sucupira-preta - *Bowdichia virgiloides* H.B.K. (Fabaceae); Vinhático - *Plathymenia reticulata* Benth. (Mimosaceae); Gonçaleiro - *Astronium fraxinifolium* Schott (Anacardiaceae); Amescla - *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March. (Burseraceae); Cedro – *Cedrela fissilis* Vell. (Meliaceae). Mesmo a comunidade estando próxima de Cuiabá, há a presença expressiva de modelos de estruturas de casas tradicionais, mesmo que estas hoje em dia estão sendo usados como espaços próximos ou acoplados a casa de alvenaria e não como a casa fixa.

LOCAL KNOWLEDGE AND CAPTURE PRACTICES OF THE MANGROVE CRAB *Ucides cordatus* IN THE SÃO FRANCISCO ESTUARY (NORTHEASTERN BRAZIL)

SANTOS, L.C.M.[1]; DADOUH-GUEBAS, F.[2]; BITENCOURT, M.D.[3]

[1] Biologist, Master in Environmental Science and PhD student in Ecology. Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. santosl@usp.br
[2] Master in Biology, Master in Advanced Studies in Human Ecology and PhD in Science. Vrije Universiteit Brussel (VUB) and Université Libre de Bruxelles (ULB).
[3] Bachelor in Science, Master in Remote Sensing and PhD in Ecology and Natural Resources. Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo.

The mangrove crab *Ucides cordatus* is one of the most exploited fishery resources in the Brazilian mangroves and has a particular socio-economic importance. The São Francisco River Estuary (northeastern Brazil, 10º 30' 27"S, 36º 23'45"W) comprises a significant mangrove area used by traditional populations whose local subsistence depends on fishery, on *U. cordatus* in particular. Despite its importance, decreases in this species' stock have been reported, showing the need for management strategies considering the traditional ecological knowledge (TEK). This study aims to analyze the biological, ecological and conservation knowledge on the mangrove crab *U. cordatus* and the practices of capture applied by the local populations. Five villages were sampled in January 2013 and 48 inhabitants were interviewed using structured interviews which were digitally recorded, transcribed, and analysed qualitatively and quantitatively. According to the interviewees, the crabs are more abundant in the forests of "mangue brabo" (*Rhizophora mangle*) which are the preferably areas used to capture *U. cordatus*. Most of the locals catch the crabs by "braceado" (the fisherman insert his arm in the crab burrow, 17%), "tapado" (the fisherman close the crab burrow using the mangrove mud, 27%) or a combination of both (31%), which are allowed by IBAMA (Brazilian Institute of Environment and Renewable Natural Resources). The practice of "redinha" (the fisherman makes a small net of nylon yarns and put it on the crab burrow) is not allowed but used by 14% of the respondents who showed conservation knowledge, selecting burrows of large male crabs. Three remarkable periods about the crab's life cycle were pointed out by the locals, information which can assist in defining the period of close seasons when the capture is prohibited because the species is in reproductive stages. The crab gatherers also indicated the mangrove areas with small and large crabs, giving support to delineate areas for conservation. We concluded that the local populations have a substantial TEK about *Ucides cordatus* population size, body sizes, life cycle and sex ratio that can aid the formation of management and conservation plans for sustainable fisheries.

MANEJO CAIÇARA DE ÁREAS DE BANANAL EM UBATUMIRIM, UBATUBA/SP

MACÊDO, G.S.S.R[1].; MING, L. C. [2]

[1] Engenheira Agrônoma, Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista - gabriela_santarosa@yahoo.com.br
[2] Professor Titular, Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista

As populações tradicionais podem ter formas de manejar suas áreas muito diferenciadas. Essas populações, com suas técnicas aprendidas de geração para geração numa família, mostram muito boa produtividade em seus cultivos sem o uso de agroquímicos. Nas áreas de bananal do bairro do Sertão do Ubatumirim, que fornece ao município de Ubatuba boa parte do que se consome desse fruto, o cultivo e manejo da banana é feito juntamente com outros frutos. O objetivo deste trabalho foi o de fornecer uma descrição e análise do manejo de 3 bananais tradicionais de agricultura caiçara. Por meio de observação participante e entrevistas abertas foi possível acompanhar o manejo destas áreas. Como resultado pudemos observar que: 1) existem bananais no bairro com mais de 80 anos onde se mantêm a produtividade alta realizando o consórcio com outras plantas; 2) as madeiras enquadradas em mais de uma categoria de uso são deixadas junto com as bananas; 3) a área de cultivo deve estar mais exposta ao sol mas, não demais para que as mudas não peguem vento em excesso. 4) As mudas ruins são eliminadas (ao apresentarem folhas doentes ou caídas); 5) são deixadas de 3 a 4 ‘pés’ de banana das mais vistosas e, novos rebentos continuam a vir. Com o desenvolvimento da touceira é possível que haja até 3 ‘pés’ de banana com cachos em pleno vigor. Depois que o cacho aparece costumam esperar alguns dias para cortar o ‘coração’ a fim de fortalecer a planta. Ao contrário do manejo da agricultura convencional/industrial, muitos agricultores, principalmente os mais velhos, costumam cortar o cacho na época de colheita sem cortar todo ‘pé’ de onde foi retirado o cacho, pois perceberam que a touceira enfraquece se os ‘pés’ forem sendo retirados antes que toda a touceira apodreça por si só; 6) são reconhecidas pela comunidade 20 etnovariedades de banana, a maioria ainda encontrada nos bananais mais velhos ou reformados. Assim, concluímos que esta forma de manejo além de proporcionar o estímulo a produção de variedades de bananas também atua na preservação e diversificação de espécies de plantas e na manutenção destas populações em seus territórios.

MÉTODO DE VALORAÇÃO CONTINGENTE APLICADO NA ESTIMAÇÃO DA DISPOSIÇÃO A PAGAR PARA PROTEÇÃO AMBIENTAL NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS/SP

MACHADO, F. H. [1]; DUPAS, F. A. [2]; SILVA, L. F. [3]; MATTEDI, A. P. [4]; VERGARA, F. E.[5]; COARITI, J. R. [6]

[1] Gestor Ambiental, doutorando em Ciências Ambientais, Universidade Estadual Paulista – UNESP/Sorocaba, fernandomtb@hotmail.com
[2] Engenheiro agrimensor, Instituto de Recursos Naturais, Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI
[3] Engenheiro mecânico, Instituto de Recursos Naturais, Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI
[4] Economista, Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI
[5] Engenheiro civil, Universidade Federal do Tocantins - UFT
[6] Médico, doutorando em Ciências Climáticas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

A valoração ambiental procura definir o valor econômico do recurso ambiental. Nesse processo, destaca-se o Método de Valoração Contingente (MVC), que envolve perguntar a amostras de pessoas o quão dispostas elas estariam em pagar pela proteção ambiental. Assim, este estudo visou: (i) determinar a disposição a pagar (DAP) da população de São Carlos pelos serviços ambientais oferecidos pela bacia hidrográfica do ribeirão do Feijão utilizando o MVC; (ii) identificar o nível de conhecimento da população urbana sobre o manancial que utilizam; (iii) estimar os valores necessários para ressarcir os proprietários de terras produtivas obtidos pela análise financeira do solo; (iv) comparar os valores obtidos pela DAP com os valores levantados da análise econômica do uso do solo. Foram aplicados 280 questionários na população do município em diferentes bairros. As amostragens foram probabilísticas e realizadas entre outubro e dezembro de 2010. Os resultados obtidos e analisados por meio de um modelo de regressão logística multivariado foram: (i) 56% da população se mostraram dispostos a pagar alguma quantia mensalmente utilizando como veículo de pagamento a conta de água. A DAP média da população foi de R$ 3,07. Assim, o montante financeiro anual que a população está disposta a pagar considerando toda a população do município foi de R$ 8.176.638,00; (ii) o nível de conhecimento sobre o manancial foi de 67,5%; (iii) os tipos de uso do solo identificados no mapa de cobertura do solo da bacia e verificados no trabalho de campo foram às atividades agropecuárias de silvicultura (eucalipto), pastagem (criação de gado de corte), cana-de-açúcar e pomares de laranja. Os valores líquidos estimados de acordo com a área ocupada na bacia de todas as atividades agropecuárias foram de R$ 13.392.119,95/ano; (iv) comparando a DAP média anual da população e o valor do lucro líquido anual estimado total produzido na bacia, o recurso a ser arrecadado para o pagamento dos serviços ambientais da bacia representa 61% do lucro líquido dos produtores rurais. Desse modo, o recurso arrecadado pode ser utilizado para proteção da bacia e dos recursos hídricos e, consequentemente, para a conservação da paisagem natural, contribuindo assim para o desenvolvimento sustentável.

METODOLOGIA PARA AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DO MANEJO FLORESTAL NOS MEIOS DE VIDA DE COMUNIDADES NO BRASIL

CARAMEZ, R.B.[1]; URZEDO, D.I.[2]; SOUZA, S.E.X.F[3]; WALDHOFF, P[4].; VIDAL, E.J. [5]

[1] Mestranda em Recursos Florestais, ESALQ / USP – renata.caramez@usp.br
[2] Mestrando em Recursos Florestais, ESALQ / USP
[3] Doutorando em Recursos Florestais, ESALQ / USP
[4] Professor do Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas, IFAM
[5]Professor Doutor do Departamento de Ciências Florestais, ESALQ / USP

Os meios de vida podem ser considerados sustentáveis quando são capazes de resistir ou recuperar-se de distúrbios inerentes a contextos de vulnerabilidade, mantendo ou aumentando as capacidades e os ativos locais e globais dos quais os próprios meios de vida dependem. Tendo como fundamento os conceitos de capacidades, equidade e sustentabilidade, é possível elaborar, medir e avaliar indicadores de meios de vida que revelem a intensidade e qualidade dos efeitos de atividades de manejo florestal comunitário, sob o olhar de diferentes dimensões ou *capitais de capacidades*: humana, social, física, financeira e natural. O objetivo deste trabalho foi adaptar e analisar a eficiência da metodologia de meio de vida sustentável para a avaliação dos efeitos do manejo florestal comunitário em diferentes biomas brasileiros. Entende-se que o manejo florestal comunitário compreende o envolvimento de uma ampla gama de atores sociais locais na tomada de decisão acerca dos recursos florestais. Assim, foi elaborado um questionário para entrevistas com os manejadores comunitários, composto por duas partes: (i) caracterização da atividade e desempenho individual do entrevistado ao realizá-la, por meio de perguntas abertas; (ii) levantamento dos aspectos das cinco dimensões supracitadas que indicam o quanto a atividade afeta o meio de vida com perguntas fechadas a partir de parâmetros enquadrados numa escala ordinal. A aplicação dos questionários em campo demonstrou que a metodologia é capaz de dimensionar os múltiplos fatores associados com as atividades de manejo florestal em variados contextos socioculturais, como indígenas, extrativistas, agricultores familiares e grupos urbanos. A experiência do entrevistador quanto ao funcionamento da metodologia e condução da dinâmica da entrevista exerce reflexos diretos na coleta de dados, portanto é recomendado o nivelamento das equipes de entrevistadores. A presente metodologia possibilita compreender os efeitos de diferentes iniciativas de manejo florestal comunitário sobre diferentes aspectos dos meios de vida das populações afetadas e monitorar mudanças ao longo do tempo. A utilização dessa ferramenta pode contribuir com a elaboração e proposição de políticas públicas voltadas às comunidades associadas ao manejo florestal no Brasil.

MULHERES NAS FLORESTAS: IMPLICAÇÕES DE GÊNERO NA PRODUÇÃO DE SEMENTES FLORESTAIS TROPICAIS

VALENTE, J.F.[1]; URZEDO, D.I.[2]; CONSOLMAGNO, L. C[3]; PIÑA-RODRIGUES, F.C.M[4]; VIDAL, E[5].

[1] Engenheira Florestal, Universidade Federal de São Carlos – juliana_floresta@hotmail.com
[2] Engenheiro Florestal, ESALQ - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" – USP
[3] Bióloga, Universidade Federal de São Carlos- *Campus* Sorocaba
[4] Professora Doutora, Universidade Federal de São Carlos- *Campus* Sorocaba
[5] Professor Doutor, ESALQ - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" – USP

O manejo florestal comunitário tem sido compreendido como um relevante mecanismo alternativo para uso dos ecossistemas gerando potências econômicas locais com a conservação da biodiversidade. Mulheres e homens diferem quanto às dependências e formas de uso dos recursos florestais, refletindo diretamente a divisão de gênero quanto aos aspectos econômico e do trabalho. O papel das mulheres no âmbito do fortalecimento de sistemas produtivos florestais é pouco relatado na literatura, especialmente no âmbito da realidade rural brasileira, embora existam indícios e mais recentemente estudos, que apontam um importante papel de gênero no manejo das florestas. Este estudo tem como objetivo avaliar o papel do gênero feminino na produção de sementes florestais em comunidades no interior de São Paulo e no nordeste do Mato Grosso. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e observações participantes com os atores locais abrangendo: (i) agricultores familiares nos municípios de Capão Bonito e Ribeirão Grande, SP; (ii) indígenas, agricultores familiares e produtores urbanos do Alto Xingu, MT. A colheita e o beneficiamento de sementes são compatíveis com as aptidões e responsabilidades tradicionais das mulheres em seus contextos sociais. O trabalho da mulher na produção de sementes em todos os ambientes de estudo é encorajado pelos familiares e comunidades, promovendo a autoestima e o fortalecimento do reconhecimento social das mulheres. Desta forma, as produtoras se tornam protagonistas na geração de renda e na melhoria da qualidade de vida familiar, assim como, na promoção da restauração ecológica em suas regiões. A organização e cooperação das produtoras a partir de grupos de trabalho afeta diretamente o planejamento e gestão da produção local, implicando nos aspectos como acesso a financiamento, troca de informações, tomadas de decisões e qualidade das sementes. Portanto, a produção de sementes florestais tem promovido uma economia familiar estimulando processos para o empoderamento de mulheres em diferentes contextos socioculturais e regiões do Brasil.

"NO FUNDO DO MATO VIRGEM": UM ESTUDO DA RELAÇÃO HUMANO-NATURAL EM MACUNAÍMA

CORRADO, A.R.[1]; CORRADO, E.F.[2]; MING, L. C. [3]

[1]Mestranda PPG-Agronômia Horticultura, Faculdade de Ciências Agronômicas, UNESP - Campus Botucatu
amandacorrado@gmail.com.br
[2]Graduanda em Antropologia, Centro de Estudos Rurais (CERES), UNICAMP
[3]Docente da Faculdade de Ciências Agronômicas, UNESP – Campus Botucatu

A partir da perspectiva de uma nova forma de fazer pesquisa, abordamos a literatura nacional como uma das fontes de estudos para observar a relação do humano-natural e da biodiversidade brasileira. Norteamos o estudo na ótica que o humano é composto por relações complexas que passam a ser expressas em suas obras construídas, e tais conhecimentos aprendidos integram o que entendemos como ciência. Macunaíma é uma rapsódia de Mário de Andrade, escrito no final da década de vinte durante o Modernismo; a escolhemos para análise, pois a obra, além da forma de arte, tem a vertente de trazer para a literatura o folclore brasileiro, principalmente no que tange aos rituais e mitos indígenas e a música, visto a paixão do autor pelos costumes brasileiros, o que o tornou um dos grandes folclorista nacionais. Para a escrita de Macunaíma, Mario de Andrade, estudou os trabalhos do etnólogo alemão Koch-Grünberg na região Amazônica (Norte do Brasil, Guiana, e Venezuela), viajando mais tarde para a Amazônia, onde percorreu as regiões visitadas pelo etnólogo. Através da leitura e catalogação dos nomes de plantas citados na obra, foi elaborada uma tabela que incluiu a forma de uso, família botânica, nome científico e nome comum das espécies levantadas, bem como as situações em que estas foram envolvidas na obra. O número de plantas citadas totalizou 263, com distintas categorias de uso: alimentar, medicinal, ritual, construção e tinturaria. Com as indicações do texto, consulta à Lista da Flora do Brasil e consulta a especialista da flora amazônica, faremos a identificação das plantas, quando possível, até o nível de espécie. A riqueza e abundância de dados sobre a flora, fauna e das formas de expressão dos povos brasileiros encontradas em Macunaíma, demonstram que o diálogo entre e a literatura e o científico deve ser avaliado e utilizado como mais uma forma de pesquisa, bem como uma fonte potencial para evidenciar e estudar o saber popular.

ESPÉCIES CULTIVADAS DE MARACUJÁS (*Passiflora*): NOMES DE CULTIVARES E NOMES-POPULARES

BERNACCI, L.C. [1]; GOUVEA, E.M. [2]

[1] Biólogo, Centro de Recursos Genéticos Vegetais, Instituto Agronômico (IAC) - bernacci@iac.sp.gov.br
[2] Licenciatura em Letras, Centro de Recursos Genéticos Vegetais, Instituto Agronômico (IAC)

As plantas do gênero *Passiflora* incluem aproximadamente 525 espécies, das quais, cerca de 65 são utilizadas como frutíferas (embora a produção comercial se concentra em uma única espécie - *Passiflora edulis* Sims). Ainda, devido à associação de suas flores com a crucificação (paixão) de Cristo, muitas espécies são cultivadas como ornamentais. Entre cerca de 970 nomes de cultivares estudados, foi observada a existência de um parcela considerável de nomes redundantes ou sinônimos, além de nomes inválidos (cerca de 250 – 26%). Entre os cerca de 720 nomes aceitos, foram observadas 82 diferentes espécies em cultivo, sendo 17 delas foram utilizadas para a geração de dez ou mais cultivares. Para o Brasil, foram observados 75 diferentes nomes-populares, inclusive para espécies não nativas. Devido à utilização de um mesmo nome-popular para diferentes espécies, foram observadas 121 diferentes correspondências entre nomes-populares e espécies. Maracujá, maracujá-de-cobra, maracujá-do-mato e maracujazinho foram os nomes-populares mais usados para diferentes espécies (quatro ou mais espécies). Flor-da-paixão e passionária foram usados para três e duas espécies, respectivamente. A espécie mais utilizada para a produção de cultivares foi *P. caerulea* L, envolvida na geração de cerca de 170 cultivares, tem entre seus nomes-populares maracujá-azul (devido à cor da flor) e passionária. *Passiflora edulis*, maracujá-azedo (devido aos frutos) ou flor-da-paixão, vem em seguida, estando envolvido na produção de cerca de 150 cultivares. Ainda, destacaram-se as espécies *P. racemosa* Brot. (~70 cultivares), *P. incarnata* L. (~60) e *P. cincinnata* Mast. e *P. alata* (~30 cultivares cada). À exceção de *P. incarnata*, as espécies mais utilizadas na geração de cultivares de maracujás tem distribuição nativa no Brasil. Em *Passiflora*, a utilização como plantas ornamentais tem contribuído para uma maior diversidade morfológica e genética, tal como em outros grupos de plantas. Para *Passiflora*, a associação com o cristianismo contribui neste aspecto. Vale destacar que a produção de cultivares ornamentais para este cultivo é dominantemente realizado por amadores, sendo que as instituições de pesquisa somente mais recentemente tem dado atenção a este tipo de atividade.

O ETNOCONHECIMENTO DOS PRODUTORES RURAIS DE ARAJARA/CE: CIÊNCIA TRADICIONAL MODIFICADA ATRAVÉS DAS GERAÇÕES

PEREIRA F. A.[1]; CABRAL, H.K.R. [2]; SILVA M.R. [3] ; RIBEIRO. S.C.[4]

[1] Mestranda da Universidade Regional do Cariri- URCA/Professora IFCE- campus Crato
francinilda@ifce.edu.br
[2] Mestranda da Universidade Regional do Cariri- URCA
helenkerla@hotmail.com
[3] Mestrando da Universidade Regional do Cariri-URCA
marcosregio2012@hotmail.com
Professora Orientadora da disciplina Etnopedogeomorfologia da Universidade Regional do Cariri- URCA
simonecribeiro@oi.com.br

O presente trabalho analisa os conhecimentos tradicionais, ligados a vários ramos da etnociência, detectados no Distrito de Arajara, Município de Barbalha na região sul cearense, na sede do distrito e no Sitio Macaúba acerca das relações estabelecidas entre os trabalhadores rurais e a natureza *"in loco"*. Tendo em vista que a transmissão desse conhecimento se dá por meio da língua, principalmente mediante a oralidade, a coleta dos dados constantes desse trabalho decorreu de Entrevistas Individuais Dialogadas, que nos possibilitaram uma importante integração com o grupo de agricultores envolvidos, percebendo uma interface de diálogo entre a etnoecologia e a etnociência, podendo gerar interessantes discursões interdisciplinares e consequentemente transdisciplinares na forma de construir e reconstruir o conhecimento. A verificação dos dados teve como método a análise de conteúdo mostrando que, com o passar dos anos e de gerações, há perdas e renovações dessas informações, possibilitou ainda, constatar as percepções, usos e classificação dos agricultores em relação ao meio ambiente, incluindo dessa forma, o estudo dos tipos e usos de recursos naturais e a lógica que está por trás da classificação destes homens. Sendo assim percebe-se a necessidade de formalizar tais conhecimentos com o interesse de resguardar esse patrimônio cultural e natural.

O MANEJO DO MUNDO:
UMA EXPERIÊNCIA ETNOECOLOGICA
ENTRE OS WATORIKɨ THERIPE

VERDUM, J.S.[1]

[1] Graduanda em Geografia, Universidade Federal Fluminense – julia.verdum@gmail.com.

No último século a sociedade moderna foi marcada pela fascinação pelas novas tecnologias agrícolas, derivadas da química e da genética, e pelo uso de combustíveis fósseis. Enquanto isso muitas populações "tradicionais", seja por resistência ou por marginalidade, vêm mantendo e desenvolvendo formas outras de interagir e manejar a natureza, produzindo paisagens que são, ao mesmo tempo, prolongamentos e reflexos destas sociedades; ponto de partida para se pensar a diferença. Os Yanomami realizam o manejo de um ecossistema notoriamente delicado. Este manejo é possível porque este grupo vem acumulando, transmitindo e testando seus conhecimentos e práticas há centenas de anos, em um processo de íntima interação e compreensão do seu entorno. Como a maioria dos povos indígenas da Amazônia, os Yanomami praticam na floresta uma agricultura de corte e queima. O ciclo de derrubada: queima, cultivo, abandono, regeneração e retorno a uma paisagem florestal é um processo temporariamente dinâmico e a paisagem resultante é um amplo mosaico de clareiras e áreas em regeneração. Agroflorestas, intencionais ou não, estas formas de agricultura indígena contribuíram não apenas para a manutenção da paisagem florestal, como para o incremento da sua biodiversidade. A proposta do trabalho foi não simplesmente compreender, mas vivênciar a *Urihi a* Yanomami, entidade viva inserida numa complexa dinâmica cosmológica de intercâmbios entre humanos e não-humanos, bem distante, portanto, da concepção dualista que confronta natureza (tornada meio ambiente) e cultura. A partir da (con)vivência em Watorikɨ, aldeia Yanomami localizada na fronteira política entre Brasil e Venezuela, pude acompanhar meus anfitriões em seus trabalhos nos roçados e saídas para coletas, percorrendo com eles seus caminhos, finas nervuras de terra. Foram as inserções nas atividades e vida cotidiana e o ver-fazer que delimitaram os dados que serão apresentados. Nas roças Yanomami – verdadeiras agroflorestas – são plantadas múltiplas variedades, de aproximadamente 40 espécies vegetais, sendo a maior parte do espaço dedicado ao cultivo de diversos tipos de bananeiras e tubérculos, e para além dos roçados, o restante do território é também manejado: um manejo do mundo.

O PAPEL DAS ESPÉCIES EXÓTICAS NAS FARMACOPEIAS LOCAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA PARA POPULAÇÕES BRASILEIRAS

MEDEIROS, P. M. [1]; FERREIRA-JÚNIOR, W. S. [2]; LADIO, A. H. [3]; ALBUQUERQUE, U. P. [4]

[1] Profa. Adjunta, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia - patricia.muniz@gmail.com
[2] Doutorando em Botânica, Universidade Federal Rural de Pernambuco
[3] Pesquisadora CONICET, Universidad Nacional del Comahue
[4] Prof. Associado, Departamento de Biologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco

Esforços têm sido feitos para entender os processos que levam à introdução de espécies exóticas em farmacopeias locais. Neste sentido, a hipótese da diversificação prevê que plantas exóticas atuam como diversificadoras, no sentido de preencher lacunas não abarcadas por espécies nativas. Assim, este estudo pretende contribuir para esta discussão, utilizando o contexto de populações locais brasileiras. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática dos estudos brasileiros envolvendo plantas medicinais. Observou-se que, apesar de haver certa sobreposição de plantas nativas e exóticas quanto às indicações terapêuticas e sistemas corporais por elas tratadas, existem evidentes lacunas, isto é, indicações e sistemas tratados exclusivamente por espécies exóticas. Esse cenário permite postular dois desdobramentos paralelos da hipótese da diversificação, sendo estes: (1) o ingresso de espécies exóticas a princípio para preencher lacunas e, posteriormente, com seu emprego ampliado para usos medicinais já abarcados por nativas, e (2) o ingresso inicial de exóticas para tratar de problemas já abarcados por nativas, para diversificar o repertório de plantas medicinais e aumentar a resiliência dos sistemas médicos. De qualquer modo, em muitos casos as espécies exóticas de ampla popularidade podem possuir vantagem competitiva sobre as nativas, como o custo-benefício da coleta, versatilidade e sabor.

O QUE O VALOR DE USO DE UMA ÁRVORE PODE INDICAR SOBRE A FLORESTA DE UMA REGIÃO?

SOUZA, S.E.X.F.; VIDAL, E.[2]

[1] Doutorando PPG Recursos Florestais, ESALQ/USP. sauloexfsouza@usp.br
[2] Professor Doutor, Departamento de Ciências Florestais, ESALQ/USP

Plantas utilizadas por populações locais podem representar uma amostra da biodiversidade regional e até servir como indicador para algumas áreas. Por outro lado, a diversidade florística do ambiente influencia diretamente a diversidade de plantas conhecidas. Plantas importantes para diferentes culturas têm sido identificadas pela atribuição de valor de uso etnobotânico (VU), enquanto aquelas importantes para a composição e estrutura das fisionomias locais têm sido comumente identificadas pelo índice de valor de importância (VI). Assim, procuramos responder se as árvores nativas com maior valor de uso para as comunidades caiçaras são as mesmas com maior valor de importância em estudos fitossociológicos das florestas locais. Assim, foram identificadas as cinco espécies arbóreas nativas com maior VU para nove comunidades abrangidas pelos estudos etnobotânicos analisados e comparadas às cinco espécies com maior valor de importância (VI) encontradas nos estudos da vegetação arbórea local. Apenas uma das espécies mais importantes do ponto de vista etnobotânico figurava dentre as espécies mais importantes ecologicamente do local, a palmeira-juçara (*Euterpe edulis* Mart.) para 60% das comunidades caiçaras. Bacupari (*Garcinia gardneriana* (Planch. & Triana) Zappi) foi a quinta espécie com maior VU em Cananéia, SP, e obteve a sétima posição em VI nesta localidade. Estas duas espécies apresentam múltiplos usos, e são apreciadas principalmente como alimento. *E. edulis* foi a primeira em VI na Ilha do Cardoso, mas não se destacou dentre as cinco mais valorizadas pelas comunidades, possivelmente pela restrição de uso imposta pela reserva de proteção integral que abrange aquele território. Em geral, as espécies arbóreas nativas mais valorizadas pelas comunidades caiçaras são espécies secundárias, consideradas comuns, ou ainda semi-domesticadas, como araçá e goiaba (*Psidium* spp.); enquanto os estudos fitossociológicos buscam representar florestas maduras, o que diminuiu a relação entre espécies com maior VU e com maior IVI em cada localidade. Entretanto, a atribuição de valores de uso para espécies arbóreas citadas pode evidenciar tanto a importância destas para a estrutura florestal regional como a importância da cultura na evolução das paisagens, uma vez que espécies nativas consideradas muito importantes são promovidas de diversas maneiras pelas populações locais.

O SABER LOCAL E AS PLANTAS MEDICINAIS EM VÁRZEA GRANDE, MATO GROSSO, BRASIL

DE DAVID, M.[1]; MAMEDE, J.S.S.[1]; DIAS, G.S.[2]; PASA, M.C.[3]

[1] Bióloga, Mestranda em Ciências Florestais e Ambientais, UFMT - margodedavid@bol.com.br
[1] Engenheira Florestal, Mestranda em Ciências Florestais e Ambientais, UFMT
[2] Bióloga, UFMT
[3]Dra. do PPG em Ciências Florestais e Ambientais, UFMT.

A utilização de plantas medicinais para tratamento, cura e prevenção de doenças é uma das mais antigas formas de prática medicinal da humanidade. O estudo foi realizado na cidade de Várzea Grande no estado de Mato Grosso, com o objetivo de resgatar o conhecimento que as pessoas possuem sobre as plantas usadas como remédio, o quanto as utilizam e a finalidade do uso. Aplicou-se o pré-teste, entrevista semiestruturada e a observação direta, abordando o uso, a preparação da planta e a indicação das mesmas. A coleta dos dados ocorreu de março a julho de 2013. No total foram entrevistados 29 mulheres e 21 homens, sendo que 45% não possuem qualquer escolaridade e o restante com o primeiro grau de completo a incompleto. A faixa etária representou de 20 a 89 anos de idade. Os entrevistados citaram 86 espécies, distribuídas em 45 famílias, sendo Lamiaceae, Asteraceae, Rutaceae e Anacardiaceae as mais expressivas. A maioria das espécies apresenta hábito herbáceo e arbustivo, seguido de arbóreo. A folha é a parte mais utilizada, seguido da raiz, da flor, da semente, do caule e do fruto. Quanto à forma de preparo para a utilização das plantas medicinais o chá obteve maior expressividade de uso (66%), seguido de macerado e suco (*in natura*). A população demonstrou ter conhecimento ao fazer uso das plantas e revelou um largo consumo na categoria de uso medicinal, principalmente para tratar de afecções orgânicas como gripe, anemia, verminose e gastrite. As plantas podem ser usadas para mais de uma enfermidade, enquanto várias espécies podem ser usadas separadamente, ou em combinação para tratar uma dada doença. O uso de plantas como medicinais é muito importante para as pessoas locais devido à dificuldade no atendimento médico e o elevado custo para muitos medicamentos sintéticos, configurando a inclusão da importância socioeconômica e cultural do uso da folha como alternativa medicinal popular. O cuidado com a diversidade vegetal e o processo de conservação ficou evidente na fala e no manejo que as pessoas dispensam nas atividades do cotidiano, nos quintais urbanos de Várzea Grande, MT.

OS JOVENS COMO PROTAGONISTAS DA CONSERVAÇÃO NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA) COSTA DOS CORAIS

SANTANA, G.R.A.[1, 3]; SANTOS, J.U.[2]; SOUZA, C.N.[3]; SOUZA, T.M.M[4]; COHEN, M.P.A.[5].

1 – Graduando em Ciências Biológicas - Instituto Federal de Alagoas – IFAL - gildoraphael@gmail.com;
2 – Historiador/Analista Ambiental - Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos/Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – CMA/ICMBio;
3 – Bióloga - Instituto Yandê: Educação, Cultura e Meio ambiente;
4 – Veterinária - RESEX do Baixo Juruá/Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio;
5 – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho-UNESP.

A APA Costa dos Corais é uma Unidade de Conservação Federal que vai de Maceió, em Alagoas, ao município de Tamandaré, em Pernambuco. O norte de Alagoas tem um enorme potencial turístico, porém o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH dos municípios é baixo e a concentração de renda e oportunidades dificulta o desenvolvimento da juventude. Os jovens vivem em comunidades sem planejamento urbano, em ambientes insalubres e sem qualidade ambiental. Apesar do crescimento do turismo na região, atividade que gera emprego e fortalece a renda familiar, os jovens ainda não se encontram inseridos numa perspectiva de participação para o seu desenvolvimento nem da comunidade. Neste contexto, os jovens possuem grande potencial transformador, desenvolvendo ideias e ações inovadoras de sustentabilidade e melhoria da qualidade de vida da comunidade. O objetivo do Projeto Jovens Protagonistas da Costa dos Corais é concorrer para o desenvolvimento humano dos jovens, nas dimensões intelectual, social, afetiva, política e ambiental, possibilitando a participação efetiva da juventude nas organizações comunitárias e na proposição de ações para a geração de oportunidades, visando à melhoria da qualidade de vida e o uso sustentável dos recursos naturais. Sustentado na perspectiva da transdisciplinaridade, do protagonismo juvenil e da arte-educação foi iniciado em julho de 2013 a formação de dois grupos de jovens residentes nos municípios de Porto de Pedras e São Miguel dos Milagres. Atualmente o projeto realiza reuniões quinzenais e conta com a participação de 25 jovens além participar ativamente de instâncias de discussões na região. O tema que desencadeou a primeira discussão nos grupos foi o Fórum Socioambiental da Costa dos Corais como instrumento de controle cidadão nas políticas públicas locais. A concepção metodológica que norteia este trabalho (Verde Perto Educação) se estrutura no tripé: Protagonismo Juvenil, Educação Lúdica e Interdisciplinaridade. A juventude, através da articulação entre as inúmeras faces de compreensão do mundo, do estímulo às múltiplas inteligências, é capaz de construir seu processo cognitivo e intervir nos processos de desenvolvimento das comunidades.

O USO DAS PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MEL DA PEDREIRA/AP

CÂMPERA, L. M. F [1]; STEWARD, A. M. [2];
[1] Luiza Maria Fonseca Câmpera - Bacharel em Ciências Sociais, Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - luiza.campera@mamiraua.org.br
[2] Angela May Steward -Antropóloga, Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - angela@mamiraua.org.br

Este estudo pretende examinar o uso e o manejo de plantas medicinais na comunidade quilombola Mel da Pedreira, situada no Vale do Rio Pedreira, Macapá/AP. O trabalho faz parte de um estudo maior de orientação etnográfica e etnobiológica que investiga as percepções da natureza e meio ambiente, as classificações locais da paisagem e as práticas de manejo de recursos naturais em comunidades Quilombolas nos estados do Amapá e Minas Gerais, iniciado em 2010. Ao analisar a produção agrícola e o uso de plantas nos quintais da comunidade Mel da Pedreira, nos deparamos com um rico acervo de plantas e usos medicinais associados às famílias mais antigas, o que demonstra uma faceta do conhecimento tradicional desta comunidade em relação aos seus cultivos. Com o intuito de aprofundar nossos dados sobre o conhecimento local das plantas medicinais, realizamos uma segunda etapa de pesquisa em que entrevistamos quatorze informantes, coletando os nomes das plantas utilizadas, o uso das plantas, informações sobre a parte da planta utilizada, modo de preparo e o ambiente onde ela se encontra. No total, 61 plantas foram citadas pelos informantes como medicinais, ocorrendo nos ambientes de quintais e jardins (espaços domésticos de uso familiar), campos, margem do lago, margem de estrada e áreas de mata (espaços de uso coletivo). Percebemos uma grande variedade de usos medicinais para as espécies encontradas nestes locais e uma complexidade nos preparativos das plantas nos rituais de cura. Documentamos também um sistema ativo de troca entre os parentes, tanto de mudas de plantas como do próprio conhecimento em relação aos usos medicinais. Além disso, percebemos que alguns moradores são especialistas nessa área e desempenham como curandeiros, detentores das receitas transmitidas entre gerações e que ainda hoje contribuem para a manutenção da saúde dessas famílias. Assim, o uso e conhecimento das plantas medicinais na comunidade Mel da Pedreira faz parte da cosmologia e do sistema de manejo de recursos naturais mantido há gerações no quilombo e junto com suas outras atividades rurais — agricultura de corte-queima, extrativismo, pesca e caça – têm permitido a sobrevivência e a autonomia dos moradores através da sua história.

PADRÕES DE USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM UMA ÁREA DE CERRADO DO OESTE DA BAHIA, NORDESTE DO BRASIL

NASCIMENTO, V.T [1]; SOUSA, V.R.R.[2]; HORA, J.S.L.[3]; PORTO, L.S.[3]; ROCHA, E.M.S.R.[3]; MEDEIROS, P. M.[4]

[1] Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, *Campus* IX/Barreiras; (vivyteixeira@gmail.com)
[2] Licenciada em Ciências Biológicas, Universidade do Estado da Bahia, *Campus* IX/Barreiras.
[3] Graduandas em Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade do Estado da Bahia, *Campus* IX/Barreiras.
4 Professora Adjunta do Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (ICADS), Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Diferentes fatores podem estar relacionados à escolha de uma planta como medicinal, um destes fatores é o hábito. Este trabalho objetivou identificar a existência de um padrão de uso de plantas medicinais relacionado ao hábito e às partes usadas em uma área de cerrado no Oeste da Bahia. O estudo foi desenvolvido na comunidade Val da Boa Esperança no município de Barreiras/BA. Os dados foram coletados por meio das técnicas da lista livre, entrevistas semiestruturadas e turnê guiada. Para a análise dos dados calculou-se a frequência de citações. Um total de 22 entrevistas foi realizado, sendo 11 mulheres e 11 homens, com idades entre 37 e 90 anos. Foram obtidas 197 citações de uso medicinal atribuídas a 50 espécies, dentre as quais as de maior freqüência de citação foram: *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson (68,2%), *Pterodon emarginatus* Vogel (63,6%) e *Dimorphandra gardneriana* Tul. (54,5%). Das espécies citadas 26 são árvores, 15 são arbustos e apenas 8 são ervas. As árvores concentraram 57,36% das citações, os arbustos 23,35% e as ervas 18,78%. Com relação à parte da planta utilizada no preparo dos medicamentos verificou-se que a casca era a parte utilizada em 16 espécies, a entrecasca em 14 e as folhas em 10. Estes órgãos também foram os que concentraram um maior número de citações 59, 33 e 31 respectivamente. Na localidade as espécies de hábito arbóreo e arbustivo são bastante expressivas na farmacopeia o que sugere até o momento que a comunidade opta por recursos que estão disponíveis o ano todo, em detrimento de ervas que são sazonais. Essa ideia é reforçada pelo fato de haver grande número de citações em órgãos como a casca e a entrecasca que também estão disponíveis mais tempo. Embora a herbácea *L. alba* tenha sido a espécie que mais se destacou no levantamento esta situação se justifica por ser ela uma espécie cultivada nos quintais o que garante sua oferta por um amplo período de tempo. Os dados aqui obtidos apesar de preliminares reforçam a ideia de que em ambientes sazonais as ervas não são as mais importantes do ponto de vista medicinal.

PADRÕES DE USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR POPULAÇÕES LOCAIS BRASILEIRAS: UMA INVESTIGAÇÃO EM MACROESCALA

MEDEIROS, P. M. [1]; LADIO, A. H. [2]; ALBUQUERQUE, U. P. [3]

[1] Profa. Adjunta, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia - patricia.muniz@gmail.com
[2] Pesquisadora CONICET, Universidad Nacional del Comahue
[3] Prof. Associado, Departamento de Biologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco

Apesar de cada grupo humano manter relações idiossincráticas com as plantas do seu meio, alguns comportamentos humanos são comuns a diferentes comunidades e podem ser influenciados por fatores culturais e ambientais. Esse estudo se valeu de uma revisão sistemática para avaliar se as formas de apropriação dos recursos vegetais medicinais são similares em distintas comunidades locais do Brasil. Os fatores avaliados foram: origem das espécies usadas (nativas x exóticas), hábito (lenhosos x não lenhosos) e partes usadas (persistentes x não persistentes). Dois tipos de análises foram conduzidos: a integradora (dados combinados e posteriormente analisados) e meta-analítica (análises individuais para cada estudo e posterior combinação dos resultados). Um total de 34 estudos se enquadrou nos critérios de inclusão e serviu como base para a revisão sistemática. Os fatores variaram de acordo com o ecossistema no qual estão presentes as comunidades. Na Amazônia, Cerrado e Caatinga predominaram espécies nativas e lenhosas, o que não foi o caso para a Floresta Atlântica e os Pampas, onde espécies herbáceas e exóticas se sobressaíram. Partes persistentes da planta (raiz e caule) predominaram no Cerrado, e considerando apenas as plantas nativas, tais partes se sobressaíram no Cerrado, Caatinga e Amazônia. A urbanização não afetou de forma significativa os fatores testados. Adicionalmente, a Importância Relativa (RI) das espécies não variou de acordo com o ecossistema ou urbanização. A influência ambiental nas formas de apropriação das plantas medicinais mostrou-se expressiva, mas apenas em termos de número de espécies, e não no que diz respeito à importância destas. O fenômeno identificado nesse estudo pode ser explicado à luz da ecologia química e de aspectos históricos e culturais.

PAISAGEM LÍTERO-ECOLÓGICA: O BOSQUE SAGRADO DA JUREMA

SARTORI, R.C.[1]; ALMEIDA, M.C.[2]

[1] Doutora em Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Natal.
Email: resartori@ibest.com.br
[2] Antropóloga. Professora Titular-UFRN/Natal. Coordenadora do GRECOM-UFRN/Natal.

Os seres humanos sempre buscaram na natureza e na reflexão de si mesmos compreender melhor o mundo em que vivem. Ao longo da história, a palavra floresta sempre ocupou um grande espaço no imaginário dos povos. Nas lendas e conto populares se revela como algo complexo, repleta de vários significados. Lendas indianistas como *Iracema: a lenda do Ceará,* escrito por José de Alencar, publicada em 1865, nos oferece uma narrativa híbrida com um leque de significados. Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre a categoria do espaço (no caso, o cenário) como fusão do imaginário e do real, sobretudo por entender que nessa fusão, a relação da ciência (saberes geográficos, históricos, ecológicos, entre outros) com a arte (literatura) não só é possível, como de fato existe, e o cenário é capaz de embasar essa relação. O cenário em qualquer romance é um elemento importante de todo o livro, essa identificação é, portanto, tão importante em *Iracema* que consta como subtítulo: *lenda do Ceará*. O lugar real-imaginário é onde os personagens representam suas ações, aonde os leitores podem entrar voluntariamente no mundo deles juntado sua imaginação com a do escritor. A floresta é um dos cenário do romance, aonde no *bosque sagrado da jurema* (*Mimosa tenuiflora)*, se dá imaginação dos personagens. Pajé e guerreiros, através dos sonhos entram em estado de êxtase ao degustarem a bebida sagrada, bem como, pela fumaça expelida pelo fumo do Pajé. Alencar também descreve uma floresta mais rarefeita, no Nordeste brasileiro, limitando-se a áreas dentro do sertão, e mais no interior se estendendo aos leitos e cabeceiras de rios, olheiros de água, encostas e vales. Neste cenário, compreende-se na obra, uma dimensão da visão do autor relacionada à preservação da natureza que se dá através dos personagens da nação tabajara, seus conhecimentos sobre a rica fauna e flora, bem como o abrigo e esconderijo diante das perseguições dos colonizadores, além de ser seus campos de caça e de rituais, enfim, o respeito à floresta para a qual dependia sua sobrevivência. A floresta de *Iracema* se configura como um ecossistema tecido de fios de variadas naturezas, assim como os fios das redes que são trabalhados pelos índios tabajaras com espinhos da palmeira *tucumã*.

PINTURA CORPORAL INDÍGENA HALITI PARESI

MACHADO, M[1]; MING, L. C[2]; MACIEL, M. R. A[3]

[1]Mestranda em Horticultura, Bióloga. Universidade Estadual Paulista (UNESP-FCA) *Campus* Botucatu. Programa de Pós- Graduação em Horticultura, Departamento de Agronomia. Email: marilzabio@gmail.com
[2]Professor da UNESP – FCA – Campus Botucatu – Departamento de Horticultura – Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista, Rua José Barbosa de Barros, 1780, C.P. 237 – CEP 18.610-307.
Botucatu SP. Email linming@fca.unesp.br.
[3]Doutora pela Universidade Estadual Paulista - consultora em questões indígenas no Estado de Mato Grosso. marciamacielmt@hotmail.com

O povo Paresi, o qual se denomina Haliti, tem o tronco lingüístico Aruak, e ocupam o Chapadão dos Paresi, no Médio Norte do estado do Mato Grosso. No passado ocupava uma grande extensão de terra que, devido à chegada dos colonizadores, foi reduzida a uma população de 186 pessoas na década de 1960 e atualmente conta com uma população de cerca de 1.500. Uma das características marcantes da cultura deste povo é a pintura corporal, tão necessária e importante esteticamente quanto à roupa usada pelo "não índio", ou "imute", como denominam. O objetivo deste trabalho é caracterizar a pintura corporal indígena Paresi e sua importância, a partir da experiência de convivência oportunizada por observação participante, a partir de Projetos de Desenvolvimento Sustentável, desenvolvidos por meio da Associação Indígena Halitinã. Os Haliti pintam os corpos em motivos e ocasiões como: festas, danças, coletas de frutos, caça, pesca rituais, namoro, luta, sendo que cada desenho possui um significado diferente. A pintura corporal possui sentidos diversos, na busca pela beleza, mas pelos valores que são considerados e transmitidos através desta arte. Pintar o corpo possui vários objetivos, sendo um deles, diferenciar as várias etnias, e isto envolve recursos naturais disponíveis de acordo com a finalidade, concepções religiosas e estéticas. A tinta pode ser preparada de jenipapo (*Genipa americana* L.), carvão ou urucum (*Bixa orellana* L.). Porém, entre os Paresi, a mais utilizada é a de jenipapo. O processo de preparação da tinta consiste em extrair o líquido do fruto ainda verde pelo processo de esmagamento. A tinta apresenta cor preta após certo tempo de exposição ao ambiente. Possui a genipina, um composto orgânico que quimicamente pertence à classe dos iridoides, um tipo de metabólito secundário de natureza terpênica. A pintura pode ser entendida com um objetivo sócio-cultural determinado, conforme a estrutura social de cada grupo. É a expressão dos códigos simbólicos produzidos e compartilhados por eles, a partir de suas experiências e relações com a natureza, entre si e com o sagrado, tais elementos mostram seu modo de viver, entender e perceber o mundo a partir desta prática.

PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS EM UMA COMUNIDADE RURAL DO CERRADO, NO MUNICÍPIO DE BARREIRAS, OESTE DA BAHIA.

PORTO, L.S.[1]; PEREIRA, H.C.[2]; ROCHA, E.M.S.R[1]; HORA, J.S.L. [1];
NASCIMENTO,V.T.[3]

Graduandas em Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade do Estado da Bahia, *Campus* IX/Barreiras; luanaporto.bio@hotmail.com
[2] Licenciada em Ciências Biológicas, Universidade do Estado da Bahia, *Campus* IX/Barreiras;
[3] Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, *Campus* IX/Barreiras.

No Brasil, os trabalhos etnobotânicos voltados ao estudo das plantas alimentícias não convencionais concentram-se em sua maioria na região Norte. Esses estudos são relevantes para o resgate e valorização do conhecimento tradicional. O cerrado carece de tais informações apesar de sua vasta diversidade vegetal. Diante disso este estudo objetivou avaliar o conhecimento dos residentes da comunidade Val da Boa Esperança (Barreiras-BA) a respeito da diversidade de plantas alimentícias não convencionais nativas da região. Os dados foram coletados por meio da lista-livre e entrevistas semi-estruturadas (14 residências) e analisados por meio da frequência de citações, do cálculo do ROP ("Rank Order Priority" = Prioridade de ordenamento) e do índice de similaridade de Jacard (JI). A amostra foi constituída de 22 informantes adultos (11 homens e 11 mulheres). Foram registradas 36 espécies incluídas em 16 famílias e 20 gêneros. As famílias mais representativas foram: Arecaceae (6 spp), seguida de Annonaceae e Rubiaceae (3 spp). As espécies mais frequentemente citadas foram: *Annona crassiflora* Mart., *Mauritia flexuosa* L e *Caryocar brasiliense* Cambess (86.36%), *Hancornia speciosa* (68,18%) e *Eugenia dysenterica* DC (63,64%). O índice de similaridade aplicado demonstrou que o conhecimento sobre pouco mais da metade das espécies citadas é compartilhado entre homens e mulheres (JI= 55,56%). A parte comestível mais utilizada pelos moradores foi o fruto, obtendo 306 citações (84.1%), consumido principalmente de maneira "in natura". Na maioria dos casos, o membro da família responsável pela coleta é o homem. O local mais explorado pelos informantes para a coleta de alimentos não convencionais foi a vegetação nativa o que sugere uma coleta puramente extrativista. O cálculo do ROP indicou as espécies cujo conhecimento é mais distribuído dentre todos os recursos alimentícios citados: *A. crassiflora, M. flexuosa* e *C. brasiliense* cujo valor de ordenamento foi 100,00. Os resultados obtidos revelaram um conjunto de espécies alimentícias disponíveis localmente, amplamente difundidas, e obtidas, por meio da coleta direta dos frutos na vegetação. Este panorama aponta para uma necessidade urgente de estudos mais aprofundados que investiguem a influência da coleta no estado das populações das espécies na região, do papel destas espécies no repertório alimentar e na composição da renda local.

PLANTAS MEDICINAIS: UM ESTUDO ETNOBÔTANICO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE ANTONIO JOÃO- MS, FRONTEIRA BRASIL/ PARAGUAI

GOMES, H. P.[1]; MAIA, S. G. C.[2]; SOUSA, K. M.[3]

[1]Bióloga, Faculdade Magsul – hellen_pereirabio@gmail.com
[2] Biólogo, Docente Faculdades Magsul/FAMAG – Doutorando em Ecologia Aplicada/USP-CENA-ESALQ – sgchavesmaia@usp.br
[3]Bióloga, Professora da Rede Pública Estadual de Ponta Porã-MS - katiamarques1987@gmail.com

O hábito de usar plantas com fins medicinais é antigo e é passado de geração a geração, na maioria das vezes pela oralidade. Os remédios de matéria-prima vegetal são utilizados para curar e prevenir enfermidades da população, o que desperta o interesse da ciência, que busca relatos verbais por observações de fenômenos muitas vezes por pessoas que nunca frequentaram salas de aula, mas que em muitos casos se torna tão eficaz quanto os cientistas. A partir da interação, entre os seres humanos e as plantas que o circundam, as relações podem ter características e finalidades distintas, como por exemplo, alimentares, medicinais, entre outras. A etnobotânica é o campo interdisciplinar que compreende o estudo e a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais da flora. Desta maneira foi realizado um levantamento das plantas utilizadas com fins terapêuticos por meio de entrevistas feitas com 20 famílias de escolares do 1º ano do ensino médio de uma escola pública do município de Antonio João-MS. Utilizou-se questionário que abordou o nome popular da planta, parte usada, forma de preparo e usos locais. Esta comunidade é formada por agricultores. Das etnoespécies catalogadas foram identificadas, 44 espécies e 29 famílias, destacando a espécie mais versátil, *Phyllanthus niruri* L., seguido por *Baccharis trimera* L. Desta forma, tornam-se necessários estudos mais aprofundados em relação à flora citada pelos entrevistados, e assim uma comprovação dos benefícios das etnoespécies citadas e utilizadas, para que mais tarde toda a comunidade do município possa conhecer, diminuindo os custos das famílias e que estes medicamentos tendo como base a etnobotânica possam auxiliar em programas de desenvolvimento familiar do município de Antonio João-MS.

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS DO PROJETO TRILHA EM DUAS LOCALIDADES DO RECÔNCAVO BAIANO

SILEIRA, P.S.[1]; FIAES, G.F.[2]; MIRANDA, P.C.[3]; SILVA, R.C.A.[4]; LEITE, M.P.[5]

[1] Engª. Agrônoma, doutoranda do Programa Pós-graduação em Agronomia-Agricultura– UNESP-FCA
patyagrovida@yahoo.com.br
[2] Engª. Agrônoma, M. Sc. Ciências Agrárias-Fitotecnia, Secretaria de Educação- BA
[3] Engª. Agrônoma, M. Sc. Microbiologia Agrícola, Coordenação Multidisciplinar Cootraf/ Chapada-BA
[4] Engª. Agrônoma, Centro Educacional Maria Milza- CEMAM
[5] Eng. Agrônomo, doutorando em Ciências Agrárias, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB

As cidades de Conceição do Almeida e Dom Macedo Costa localizadas no interior da Bahia, possuem características de agricultura urbana, devido aos tipos de atividades econômicas desenvolvidas; categorias e subcategorias de produtos (alimentares ou não), característica locacional (intraurbano e periurbano), tipos de áreas onde é praticada, destino dos produtos, sistemas e escala de produção. Desta forma, o Programa Estadual de Inserção do Jovem no Mundo do Trabalho-TRILHA do governo do Estado, sob a coordenação da SEC, por meio da SUPROF, com as secretarias do Planejamento (SEPLAN), Agricultura (SEAGRI), Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza (Sedes), Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE) selecionou jovens com idade entre 16 e 29 anos, em situação de desemprego involuntário, para receber formação profissional (curso de 400h/ aula) na cadeia produtiva de agricultura familiar com bolsa auxilio de quatro meses. O trabalho tem por propósito, enfocar aspectos relacionados à produção agroecológica de hortaliças, suas formas de processamento e comercialização com objetivo de fortalecimento da agricultura agroecológica nestes municípios. Inicialmente, foi realizado um diagnóstico participativo envolvendo as comunidades urbanas e rurais em cada realidade agrícola com os instrutores das disciplinas: Produção agroecológica de hortaliças, Controle agroecológico de pragas e doenças, Adubação orgânica, Processamento mínimo de hortaliças e frutas e Aspectos econômicos de hortaliças e frutas. A partir deste diagnostico, foram trabalhados conceitos teóricos e práticos para a produção agroecológica visando à segurança alimentar e a inserção destes no mercado de trabalho. Nos municípios, cerca de 70% dos jovens inseridos no programa, são de origem rural de caráter familiar, com produção de hortaliça para subsistência e os produtos excedentes são comercializados em feira livre sem nenhum tipo de processamento. O uso de defensivo é realizado sem qualquer preocupação com o meio ambiente. É fundamental para o estabelecimento de sistemas orgânicos familiares de produção com base na agroecologia, a capacitação e tecnologias de baixo custo adaptados à realidade da região. As famílias envolvidas passaram a priorizar o consumo de alimentos da época e região, complementando a renda familiar, agregando valor à pequena produção através do processamento mínimo de frutas e hortaliças.

PROPOSIÇÃO DE INDICAÇÃO GEOGRÁFICA (IG) COMO FORMA DE RETORNO A COMUNIDADE DO QUILOMBO DO GROTÃO, NITERÓI, RIO DE JANEIRO

BOSCOLO, O.H.[1]; FERNANDES, L.R.[2]; ROCHA, J.A.[3]

[1] Profa Dra, Universidade Federal Fluminense-odaraboscolo@hotmail.com
[2] Profa Dra, Instituto Nacional da Propriedade Industrial
[3] Profa Msc, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

A utilização de plantas combina uma série de fatores, mostrando a interdependência entre o homem biológico, social e cultural. Dessa forma, as relações entre o ser humano e o meio ambiente são estabelecidas. Estudos etnobotânicos enfrentam a difícil tarefa de retornar a comunidade algum benefício após o levantamento dos dados para a pesquisa. O objetivo deste trabalho é propor o uso das IGs como forma de devolução que acrescente a coletividade. A Convenção da Diversidade Biológica (1992) reconhece à estreita e tradicional dependência de recursos biológicos de muitas comunidades locais. Incentiva a aplicação, com a aprovação e participação dos detentores, desse conhecimento, inovações e práticas e encoraja a repartição justa dos benefícios oriundos da utilização de conhecimento. Tal qual ocorreu em tantas outras colônias europeias do século XV, a escravidão de povos africanos enviados ao Brasil foi uma das principais características do período colonial. Com estes povos diferentes, desembarcavam tradições, crenças, valores, costumes, línguas, saberes e técnicas distintas. Eles não apenas povoaram o território, dando-lhe prosperidade econômica através de sua força de trabalho, mas também trouxeram suas variadas culturas que aqui sobreviveram e serviram como patamares de resistência social e cultural. O Quilombo do Grotão em Niterói apresenta potencial para a proteção de uma IG de serviços de gastronomia tendo em vista a reputação da feijoada que é servida aos sábados e datas comemorativas que garante a sobrevivência de determinadas famílias de quilombolas bem como da cultura local do Grotão. O reconhecimento da IG de serviço de gastronomia é uma forma de retorno à comunidade e que significa uma identificação, valorização e a preservação de produtos diferenciados associados a valores simbólicos e a dinâmicas socioculturais locais, que buscam as suas próprias formas de visibilidade e inserção em um mercado cada vez mais globalizado. Os produtos com IG protegida possuem melhores condições de competir e ganhar a preferência do consumidor, confiança e preservar uma tradição. Considerando que a proteção de uma IG aumenta a visibilidade para as regiões que as caracterizam, estas acabam sendo áreas promissoras para novos empreendimentos que explorem o turismo e outras atividades a ele relacionadas, neste contexto, novas oportunidades de emprego são geradas beneficiando a toda a coletividade.

PROPOSTA DE RESTAURAÇÃO EM ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE (APP) NO MUNICÍPIO DE PIEDADE, SP, COMO VEÍCULO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

CONSOLMAGNO, C. L. [1]; KROLIKOWSKI, V. [2]; VALENTE, J.F. [3].

[1] Bióloga, Universidade Federal de São Carlos- *Campus* Sorocaba - lu.biologiaa@hotmail.com
[2] Bióloga, Universidade Federal de São Carlos- *Campus* Sorocaba
[3] Engenheira Florestal, Universidade Federal de São Carlos

As áreas de preservação permanentes (APPs) estão diretamente ligadas a preservação e conservação dos recursos hídricos. As APPs garantem que uma determinada extensão da mata ciliar nativa ou que foi restaurada permaneça em volta de rios, lagos, reservatorios de água ou nascentes recuperando a função ecológica do local. Esforços para a conservação e restauração das áreas de preservação permanente devem ser realizados a fim de recuperar suas funções e características como ecossistema. Diante disso realizou-se uma proposta de restauração do entorno de uma nascente localizada na cidade de Piedade, localizada no interior da cidade de São Paulo, (latitude de -23,71º, longitude de -47,42º e altitude de 781 m), que está situada onde funciona a ETEC – Centro Paula Souza (Escola Técnica) no Bairro Paula e Mendes. A nascente fica próxima a uma estrada e ao seu redor há um morro que necessita de maior diversidade de espécies vegetais para evitar o deslizamento e consequente soterramento desta. O plano de restauração é divido em três etapas: a primeira consiste no desenvolvimento de um inventário das espécies vegetais nativas da área através de um levantamento florístico feito juntamente aos alunos do curso de agroecologia, num segundo momento os alunos serão divididos em duas equipes e cada uma ocupará uma margem da nascente e realizará o processo de preparo do solo e transplantio das mudas, no terceiro instante será realizada a manutenção destas através de atividades periódicas envolvendo o monitoramento da integridade das mudas buscando viabilizá-las em campo para garantia de sucesso na restauração. Como resultado a curto prazo, espera-se que os estudantes desenvolvam uma visão holística do meio-ambiente e de seus recursos naturais buscando um melhor aproveitamento dos mesmos e também a compreensão das funções ecossistêmicas. Como resultado a longo prazo, espera-se a recuperação da área em torno da nascente proporcionando maior biodiversidade, bem como o aumento na disponibilidade de recursos hídricos no local que trará benefícios tanto para os usuários da ETEC quanto para a comunidade.

QUINTAIS: ESPAÇOS DE CULTIVO DE PLANTAS ALIMENTARES NA CIDADE DE CÁCERES, MT, BRASIL

RODRIGUES, L.C.[1]; AMOROZO, M.C.M.[2]; VEASEY, E.A.[3]; CARNIELLO, M.A.[4]

[1] Bióloga, Dep. de Ciências Biológicas da UNEMAT, Cáceres/MT
[2]Bióloga, Instituto de Biociências, Dep. de Ecologia - UNESP, Campus de Rio Claro, SP.
[3]Eng. Agrônoma, Dep.de Genética, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, USP, Piracicaba, SP, Brasil;
[4]Bióloga, Dep. de Ciências Biológicas/PPG em Ciências Ambientais da UNEMAT, Cáceres/MT, carniello@unemat.br

A agricultura urbana atualmente é considerada como parte da gestão urbana. Os quintais são importantes espaços de práticas agrícolas em espaços urbanos. Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, incluindo as plantas alimentícias dotadas composições químicas na sua unidade estrutural e, ao serem ingeridas desencadeiam no organismo humano processos metabólicos que auxiliam na assimilação de nutrientes. ( ) Este trabalho objetivou registrar as etnovariedades de raízes e tubérculos encontradas em quintais na cidade de Cáceres/MT, forma de manejo. Realizou-se um censo nos domicílios em três bairros localizados na parte peri-urbana da cidade, que possuem e utilizam plantas tuberosas, seguido do cadastro dos participantes que aceitaram participar da pesquisa. Obteve-se a aceitação em 12 domicílios no universo de 62. Para a coleta de dados foram utilizados: questionário semiestruturado, observação participante e registro fotográfico. A identificação foi feito *in loco* e a material botânico foi coletado e depositado no HPAN/UNEMAT. Registrou-se a espécies a seguir: Amaranthaceae (*Beta vulgaris* L.), Apicaceae (*Daucus carota* L.), Araceae (*Colocasia esculenta* (L.) Schott, *Xanthosoma sagittifolium* (L.) Schott, Convolvulaceae (*Ipomoea batatas* (L.) Lam.), Discoreaceae (*Dioscorea bulbifera* L., *D. alata* L.), Euphorbiaceae (*Manihot esculenta* Crantz) e Zingiberaceae (*Zingiber officinale* Roscoe, *Curcuma longa* L.). A alimentação humana é atributo comum. Em 100% dos domicílios o quintal é o principal de espaço de cultivo, e nestes *B. vulgaris* e *D. carota* são cultivadas em hortas. As técnicas de manejo fazem parte do acervo de conhecimento das famílias e a irrigação do local é o fator mais importante na escolha do local de plantio. Nos quintais ocorre a reprodução de um saber local sobre cultivo de plantas alimentares sendo exercitada nas mais diferentes situações cotidianas.

REPRESENTAÇÕES SOBRE MUDANÇAS TEMPORAIS NA DISPONIBILIDADE DE RECURSOS VEGETAIS: ESTUDO DE CASO EM UMA COMUNIDADE DO OESTE DA BAHIA

RÊGO, A. E. M. [1]; SANTOS, K. M. N. [1]; PINTO, B. L. S. [1]; MEDEIROS, P. M. [2]

[1]Graduanda em Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia - antoniaednalapa@hotmail.com
[2] Profa. Adjunta, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia

Acessar a forma como as pessoas percebem a paisagem pode fornecer informações-chave para elaborar estratégias de conservação que considerem o planejamento e execução em conjunto com a comunidade. Esse estudo se valeu de uma oficina participativa que teve por objetivo verificar como as pessoas percebem as mudanças na paisagem ao longo do tempo, tomando como base os principais recursos vegetais locais. Foi utilizada a técnica do gráfico histórico com os seguintes recursos: plantas cultivadas, plantas para madeira e plantas medicinais. Adicionalmente o gráfico histórico foi aplicado de modo específico para espécies de grande importância doméstica e comercial para a comunidade, sendo estas o pequi (*Caryocar brasiliense* Cambess.), buriti (*Mauritia flexuosa* L. f.) e cajuí (*Anacardium humile* A. St.-Hil.). Em relação ao cultivo, os participantes indicaram que apenas 20% do plantio realizado há 50 anos segue sendo feito nos dias de hoje e atribuíram essa diminuição à fiscalização do IBAMA para diminuir o desmatamento. No que diz respeito aos recursos madeireiros também foi percebida uma diminuição drástica na disponibilidade, de maneira que, segundo os participantes, apenas 20% da madeira que existia há 50 anos permanece disponível. Para o pequi, cajuí e buriti também foram indicadas reduções na disponibilidade, sendo percebidos atualmente 20% de pequi em relação há 50 anos e 30% de cajuí e buriti. As plantas medicinais foram uma exceção à tendência de diminuição, já que os participantes indicaram um crescimento de 150% na disponibilidade desse recurso. Esse resultado pode ser explicado devido ao ingresso de plantas exóticas e amplificação das possibilidades terapêuticas. O fato de as pessoas terem percebido a perda drástica dos recursos vegetais é de bastante relevância, pois uma vez que tais perdas são percebidas, é mais fácil engajar a comunidade em programas de conservação.

TERMO DE COMPROMISSO PARA POPULAÇÕES TRADICIONAIS RESIDENTES EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: O CASO DO PARQUE NACIONAL DE ITATIAIA

QUINTEIRO, M. M. C.[1]

[1] Drª Ciências Ambientais e Florestais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Professora Ecologia e Conservação dos Recursos Naturais, Associação Educacional Dom Bosco
marianaquinteiro@gmail.com

Este projeto se insere na temática da polêmica (in)compatibilidade existente entre populações humanas e a conservação da biodiversidade no contexto de Unidades de Conservação (UCs) de proteção integral no Brasil. Em julho de 2012 foi criada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) uma Instrução Normativa que estabelece diretrizes e regulamenta os procedimentos para elaboração e implementação de *Termos de Compromisso (TC)* entre o ICMBio e "comunidades tradicionais" residentes nestas categorias de área protegida. Assim, pela primeira vez na história do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) pode ser observada uma solução, ainda que temporária, para que as formas de vida, uso e ocupação do solo sejam permitidas para pessoas que já habitavam esses territórios antes da criação dessas UCs. Relacionado à elaboração de um desses TCs, o presente trabalho tem como objetivo delinear uma proposta de *etnozoneamento,* que é orientada à superação de parte dos problemas do modelo de conservação vigente e à procura de uma compreensão mais precisa de uma dessas populações, de seu padrão de ocupação do espaço e utilização dos recursos naturais. A área de estudo compreende a região do Planalto do Itatiaia, também conhecida como "Parte Alta", onde encontram-se os campos de altitude e nascem importantes bacias hidrográficas regionais, com vegetação classificada como floresta atlântica ombrófila alto-montana. Os residentes locais envolvidos constituem a comunidade de sitiantes tradicionais de Serra Negra, município de Itamonte (MG). A primeira etapa do processo consistiu na realização de cadastramento dos núcleos familiares, em que constaram perguntas sobre a percepção dos moradores no que diz respeito: às mudanças observadas na floresta, nos recursos hídricos, aos benefícios e malefícios trazidos com o Parque e ao que desejariam que fosse acordado no Termo de Compromisso que vem sendo confeccionado. As etapas futuras incluem análise da história ambiental, mapeamento dos núcleos familiares, desenho do TC, validação do mesmo pela comunidade e pela procuradoria geral do ICMBio e do Ministério do Meio Ambiente, considerando que a celebração dos TCs entre o ICMBio e as diversas unidades familiares deverá ocorrer até julho de 2014.

TRILHA ECOLÓGICA COMO FERRAMENTA DO ENSINO EM BOTÂNICA NA MATA DA SUIÇA EM QUEBRANGULO-AL

GUIMARÃES, J. R. A. [1]; BONFIM, F. P. G. [2]

[1] Engenheiro Agrônomo, Mestrando em Agronomia (Horticultura), Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista - rodrigoagronomoal@yahoo.com.br
[2] Professor Assistente Doutor, Faculdade de Ciências Agronômicas – UNESP, Botucatu/SP

O ensino em sua totalidade carece de ações interdisciplinares formadora de jovens conscientes. Para que isso aconteça é necessário incrementar em suas pastas desde os princípios de formação da natureza a preservação, principalmente basear esta ação em razões concretas, que possibilitem ao aluno o contato direto com a natureza e o despertar em perceber a importância de suas ações em favor da sustentabilidade, buscando melhor qualidade de vida para as gerações futuras. A "mata da Suiça" está localizada no município de Quebrangulo, Estado de Alagoas, possui uma área de bosque de aproximadamente 30 hectares composta de árvores nativas da mata atlântica e exóticas. É assim chamada por ser uma área de reflorestamento realizado pela Associação Nordesta Reflorestamento e Educação com sede na cidade de Genebra-Suiça. O projeto de "trilha ecológica na mata da Suiça" foi criado por volta do ano de 2002 com o objetivo de apresentar e disponibilizar uma alternativa de atividade prática diferenciada utilizando o local como centro de ensino e extensão, enfatizando questões ambientais, de preservação da fauna e flora, destacando as inter-relações entre os seres bióticos e abióticos. Os resultados obtidos são as atividades realizadas como forma de proteção e educação ambiental que vão desde o processo de produção de mudas, ao contato direto e interação entre a comunidade e a natureza. A trilha inicia com uma sala composta com banners educativos que compõe fotos das principais árvores da região, principalmente das espécies em extinção e da fauna local. O percurso de aproximadamente 2 km é também composto por placas educativas, identificando as principais árvores, e outras com informações sobre a botânica, a sistemática vegetal e a preservação da biodiversidade, bem como da pintura de artistas da região. Com isso, a escola passa a ter uma visão mais abrangente da ciência da natureza, aplicando a metodologia ao cotidiano do aluno e valorizando o aspecto experimental da ciência através de abordagens integradas e contextualizadas dos diversos níveis de organização biológica. O que permite aos alunos vivenciar e incrementar em sua formação a tática de observar os fenômenos da natureza e do mundo em que os cerca. Estas atividades despertam curiosidade e interesse nos alunos pela ciência, principalmente a consciência de que preservar a natureza é importante, mas para que isso ocorra é preciso que se conheça o que se quer preservar.

UMA ABORDAGEM CULTURAL NO ENSINO DE BOTÂNICA

MACHADO, C.C.[1]; MARISE, B.A.[2]

[1]Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Federal Fluminense – clara.cm@hotmail.com
[2]Professora e Pesquisadora, Universidade Federal Fluminense

Apesar da nossa convivência diária com os vegetais, ainda é notável a precariedade no processo de ensino-aprendizagem na área de botânica. Os motivos que apontam para esta dificuldade no ensino são recorrentes na literatura: a falta de contextualização do tema e de interesse dos alunos, os temas priorizados no currículo, a difícil linguagem científica, as imagens estrangeiras nos livros didáticos e a forma conteudista do ensino. Apesar de recorrentes, estes motivos não são suficientes, sendo necessária uma reflexão mais aprofundada sobre a falta de contextualização de um tema tão cotidiano em nossas vidas. A separação entre a produção científica da área das Ciências Naturais e das questões culturais tem sido incorporada "naturalmente" pela escola. Os currículos apresentam a ciência de forma independente do contexto cultural que a originou. Além disso, nossa sociedade sofre os sintomas da "cegueira botânica" que se caracteriza pela falta de reconhecimento das plantas como algo mais que componentes da paisagem. Neste trabalho, foram aplicados questionários para 95 alunos da Universidade Federal Fluminense, dos cursos de Pedagogia e Ciências Biológicas. As seis perguntas procuraram investigar e despertar lembranças sobre o ensino de botânica tanto da escola quanto da universidade. Os resultados encontrados sugerem a carência de aulas práticas com interação com as plantas e a falta de aulas sobre o tema no período escolar como as memórias mais destacadas. O presente trabalho pretende discutir criticamente os resultados encontrados, problematizando o discurso corrente sobre a importância das aulas práticas apontado pelos alunos e a falta de contextualização do ensino de botânica por parte da literatura, como também analisar o programa "Um Pé de Quê?" do Canal Futura, buscando diferentes formas de aprender e ensinar sobre as plantas possibilitando às mesmas, novas formas de visibilidade e protagonismo. Analisando os resultados dos questionários e os episódios do programa, pudemos concluir que uma abordagem etnobotânica no ensino escolar pode ser muito proveitosa e auxiliar na superação dos sintomas da cegueira botânica, formando assim, cidadãos mais aptos a "enxergar" as plantas e entender a importância das mesmas para o equilíbrio da natureza.

USO DA CARQUEJA (*Baccharis trimera*) NA MEDICINA POPULAR

ALFONSO, E. J. D. [1]; MAIA, S. G. C. [2]

[1] Graduanda em Ciências Biológicas, Faculdades Magsul/FAMAG - edilene.alfonso@hotmail.com
[2] Biólogo, Doutorando em Ecologia Aplicada, USP/ESALQ/CENA, Docente Faculdades Magsul
sgchavesmaia@usp.br

O uso de plantas medicinais no tratamento e cura de enfermidade é um recurso terapêutico antigo, geograficamente disseminado e amplamente difundido, adotado em muitos grupos étnicos. Como exemplo, a *Baccharis trimera*, popularmente conhecida como Carqueja é uma das espécies vegetais, muito utilizada, sendo descrita na literatura, com grande utilização na medicina tradicional e na produção de fitoterápicos. Este conhecimento é repassado entre as gerações. Considerando o conhecimento como uma construção sócio-cultural em que cada grupo tem um modo de ver, entender e representar o mundo, este estudo teve por objetivo realizar um levantamento do uso medicinal da planta *Baccharis trimera,* por uma comunidade de internautas de uma rede social. Para realizar esta pesquisa utilizou-se um formulário eletrônico, por meio do *Google Drive*, e este foi disponibilizado no *Facebook*, em um rol de vínculos dos autores, que inicialmente convidaram e esclareceram os objetivos do trabalho. A página do formulário ficou disponível por dois dias, onde obteve 31 respostas. Constatou-se que dentro desta amostra 68% dos entrevistados tinham entre 18 a 25 anos, grande parte do sexo feminino (77%), residentes no estado de Mato Grosso do Sul (87%), a renda familiar média é de até três salários mínimos e cabe destacar que 70% dos participantes possuem ensino superior. Do universo participante 90% fazem uso de plantas medicinais e 97% reconhecem a Carqueja como planta medicinal, utilizada principalmente por meio de chás. Os entrevistados indicaram como precaução o uso por gestantes, pois a Carqueja, segundo eles pode ser abortivo. Os fins terapêuticos foram organizados em categorias terapêuticas, sobressaindo o Sistema Digestório (60%), 5% indicaram para o Sistema Respiratório, outros 5% indicou como Estimulante, 2,5 % para o Sistema Osteomuscular, 5% não souberam responder e 22,5% responderam outros fins. Constatou-se também que estes conhecimentos foram repassados pelos avós (55%). Acredita-se que esta pesquisa foi essencial para o resgaste etnobotânico, contribuindo no reconhecimento da espécie vegetal estudada como planta medicinal.

USO DE LARVAS DE BESOUROS COMO ALIMENTO ENTRE OS GUARANIS ÑANDÉVA: UMA VISÃO DE SEGURANÇA ALIMENTAR E SUSTENTABILIDADE SOCIAL, NA ALDEIA PIRAJUÍ, MUNICIPIO DE PARANHOS – MS.

VERA, C.[1]

[1] Mestre em Desenvolvimento Local, Escola Municipal Indígena Tengatui Marangatu de Dourados –MS
E – email: cajetanoverad@gmail.com

Os povos indígenas do Estado de Mato Grosso do Sul possuíam territórios imensos. O processo de confinamento em terras pequenas inviabilizou a sustentabilidade dentro do modelo cultural de uso da terra como fonte na produção primária de alimentos. Com isso, detectou-se distúrbios alimentares, como a desnutrição entre as crianças. Além da perda de seus territórios, ocorreram mudanças nos hábitos alimentares tradicionais. Um destes hábitos era o consumo de larvas de besouros. Para avaliar o conhecimento do uso das larvas de besouros como alimento, procurou-se detectar as informações disponíveis através dos relatos da comunidade. Também, utilizou-se de substratos, cortando os coqueiros *Acrocomia aculeata* (Jacq.) Lodd., fazendo cavidades em seus troncos para atrair os besouros, coletando as larvas e capturando os besouros. Assim foi possível a identificação taxonômica e as análises bromatológicas. Identificou-se a espécie do besouro *Rhynchophorus palmarum*, "*Aramanday Guasu*", na língua Guarani e a planta hospedeira, *Acrocomia aculeata* (Jacq.) Lodd., espécie da Família Palmaceae. A composição bromatológica em base seca, das larvas coletadas no mês de setembro de 2010, mostrou elevado teor de gordura (61,56%), proteínas (23,50%) e fibra bruta 14,77%, apontando para alimento altamente calórico. Os resultados obtidos confirmam o valor nutricional, citados em outras literaturas, pois o teor protéico é equivalente ao encontrado em carne de aves, peixes e bovinos. Os indígenas dominam as informações sobre essa importante fonte alimentar, mas percebe-se a necessidade da reeducação alimentar dentro dos seus próprios parâmetros culturais a fim de que os Guaranis não venham deixar de usá-los como alimento, colaborando assim com a sua Segurança Alimentar.

USO DE RECURSOS VEGETAIS MADEIREIROS EM UMA COMUNIDADE RURAL DO OESTE DA BAHIA: DADOS PRELIMINARES

SANTOS, K.M.N [1]; PINTO, B.L.S. [1]; MEDEIROS, P. M.[2]

[1] Estudante de Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia - kamilamarques_16@hotmail.com
[2] Profa. Adjunta, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia

Uma das questões centrais da pesquisa etnobotânica é elucidar como as pessoas influenciam e são influenciadas pelas plantas ao seu redor. Esse trabalho teve como objetivo acessar as plantas de uso madeireiro mais frequentes na comunidade Sucruiú (Barreiras-BA), bem como os tipos de usos mais comuns no local. Os principais usos avaliados da madeira nesse trabalho contemplam as categorias combustível (carvão e lenha), construções (cercas para delimitações de terras, mourões, linhas de casa, ripas, portas, janelas, jiraus, abrigo de animais) e tecnologia (cabos de ferramentas de trabalho, bancos, mesas, cadeiras). O estudo foi realizado na comunidade Sucruiú da zona rural do município de Barreias, sendo realizadas entrevistas semiestruturadas com homens e mulheres responsáveis por 11 das 23 residências habitadas. A categoria construção está presente em todas as residências estudadas, enquanto combustível e tecnologia estão presentes em 90,9% destas. Quanto às espécies mais frequentes, vemos que o uso do Jatobá (*Hymenaea* sp.) fica evidenciado quando se diz respeito aos usos em geral, sendo citado em todas as casas. Quando considerada cada categoria de uso individualmente, *Hymenaea* sp. é a espécie mais frequente para construção (100% das casas) e combustível (72,7%). A alta frequência do jatobá nas residências faz com que esta espécie deva receber especial atenção do ponto de vista de conservação. Ainda, esse estudo mostra que a alta frequência de todas as categorias de uso nas residências também é um indício da grande importância desse recurso para a população local, o que sinaliza a necessidade da elaboração de estratégias de conservação para usos madeireiros no local.

USO E MANEJO DA AROEIRA (*Myracrodruon urundeuva* Allemão) EM UMA COMUNIDADE RURAL DO OESTE DA BAHIA

BARROS, F. N. [1]; RÊGO, A. E. M. [1]; NASCIMENTO, V. T. [2]; MEDEIROS, P. M. [3]

[1] Estudante de Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia - nan.novais.barros@gmail.com
[2] Profa. Adjunta, Campus IX, Universidade do Estado da Bahia
[3] Profa. Adjunta, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Oeste da Bahia

Sendo o ser humano um manipulador de recursos naturais, este pode influenciar fortemente na estrutura populacional das espécies. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva avaliar o uso e manejo da Aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão), pela comunidade Sucruiú, localizada no município de Barreiras, estado da Bahia. A fim de obter dados referentes aos usos tradicionais da aroeira foi realizada uma oficina participativa, na qual a comunidade indicou os principais usos da espécie. Posteriormente foi realizado um inventário da população de *M. urundeuva* em duas áreas localizadas na comunidade, as quais foram selecionadas através de um mapeamento comunitário, sendo a área 01 (1,4ha) localizada mais próxima à comunidade e a área 02 (0,9ha) mais afastada da mesma. Foram amostrados todos os indivíduos, vivos ou mortos, totalizando 84 indivíduos, e realizada a análise da distribuição de classes diamétricas, apenas com os indivíduos vivos, por meio de uma regressão linear simples. Foram citados usos bastante destrutivos para a espécie, sendo estes, em ordem de relevância, o emprego do tronco na fabricação de mourões, ripas, linhas, caibros, estacas e carvão; da casca como medicinal (cicatrizante), e do caule como lenha. Em inventário realizado na área 01 identificou-se que a estrutura populacional se apresenta comprometida. Na área em questão a distribuição de classes diamétricas não se enquadrou no modelo do "J" invertido (b=0,01), o que indica uma forte disfunção estrutural. Além disso, a área 01 apresentou um alto índice de coleta (dos 36 indivíduos, 69,4% estavam mortos por extração do tronco). Por outro lado, na área 02, mais distante da comunidade e com maior número de indivíduos (48), a distribuição de classes diamétricas apresentou forma de "J" invertido (b=-0,41) e índice de coleta de 10,4%. Os dados apresentados sugerem um sobreuso da aroeira pela comunidade Sucruiú nas áreas mais próximas às residências, o que sugere a necessidade de uma construção coletiva e comunitária de soluções para a conservação da espécie.

ZOOTERAPIA NO TRATAMENTO DA MALÁRIA NO MUNICÍPIO DE BARCELOS/ AM

TOMCHINSKY, B.[1*], MING, L.C.[2]

[1]UNESP/ FCA, Departamento de Horticultura, Botucatu, São Paulo; *btomchinsky@hotmail.com
[2] Prof. Dr. UNESP/ FCA, Departamento de Horticultura, Botucatu, São Paulo;

A malária é a principal doença parasitória no mundo, ameaçando um terço da população mundial e causando a morte de 3 milhões de pessoas ao ano. No Brasil, a Amazônia possui a maior incidência de casos desta doença e as populações que habitam esta região desenvolveram conhecimento sobre os usos de recursos naturais importantes para sua sobrevivência. Os zooterápicos são remédios derivados de animais e até hoje são uma fonte terapêutica importante em comunidades tradicionais e na medicina moderna. O objetivo deste trabalho foi avaliar o uso de zooterápicos por comunidades tradicionais da região de Barcelos, Amazonas. Foram entrevistadas 55 pessoas reconhecidas como conhecedoras de remédios naturais em sete comunidades tradicionais do município de Barcelos, Amazonas, a partir de questionários semi-estruturados. As partes de animais indicadas foram fotografadas ou coletadas quando disponibilizadas pelos colaboradores e identificadas por especialistas. Foi calculado o valor de uso (VU) dos zooterápicos a partir da razão da somatória de indicação de cada remédio pela somatória do remédio com o maior número de citações. Ao todo foram indicadas 101 plantas utilizadas no tratamento da malária e de seus males associados, dois remédios de origem mineral e seis remédios de origem animal. Os remédios de origem animal com maior número de citações foram o "*fel-de-paca*", a "*tucandira*" e o "*dente-de-queixada*" com oito, sete e seis citações cada, o "*breu-de-cunuaru*" com duas citações e a "*casca de cupinzeiro*" e o "*própolis*" com apenas uma citação cada. Os remédios de origem animal tiveram um VU de 0,12 para o tratamento da malária e da febre da malária, com destaque para o "fel-de-paca" com um VU de 0,21 para o tratamento da malária e do "*dente-da-queixada"* com um VU de 0,36 para o tratamento de febre. O uso de remédios de origem animal no tratamento da malária é importante e representativo nas comunidades tradicionais estudadas, sendo utilizados em algumas situações de forma prioritária no tratamento da malária.

ÍNDICE POR NOME DE AUTOR

ALBUQUERQUE, U. P.: pg.48, 54
ALENCAR, C. S.: pg.25
ALENCAR, R. C.: pg.25
ALFONSO, E. J. D.: pg.36, 67
ALMEIDA, E. L.: pg.27, 55
AMOROZO, M. C. M.: pg.3, 10, 61
ANDRADE, F.M.C.: pg.21
ANDREOLI, T. B.: pg.31
ANTONIO, R.L.: pg.24
ARAÚJO, I.P.P. : pg.28
AZEVEDO, T.D.: pg.28
BÁEZ-L. M. R.: pg.33
BALDINI, K.B.L.: pg.19
BARROS, F. N. : pg.70
BATISTA, J. S.[1]; pg.13, 34
BATISTA, K.M.: pg.7, 15
BEGOSSI, A.: pg.23, 31
BERNACCI, L.C. : pg.45
BITENCOURT, M.D.: pg. 39
BLANCO, B. : pg. 30
BONFIM, F. P. G.: pg.: 38, 65
BORTOLOTTO, I.M.: pg.28
BOSCOLO, O.H.: pg.60
BROKAW, L.J.: pg.14
BULHÕES, R. S.: pg.20
BUTTURI-GOMES, D.: pg.10
CABRAL, H.K.R.: pg.46
CÂMPERA, L. M. F.: pg. 52
CARAMEZ, R.B.: pg.42
CARNIELLO, M. A.: pg.13, 34, 62
CITADINI-ZANETTE, V.: pg.15
CLAUZET, M.: pg.23, 31
COARITI, J. R.: pg.41
COHEN, M.P.A.: pg.12, 51
CONSOLMAGNO, L. C.: pg.43, 61
CORRADO, A.R.: pg.44
CORRADO, E.F.: pg.2, 44
COSTA, I. B. C.: pg.3, 38
COSTA, M. P.: pg.5
CUNHA, Y.M.: pg.15
DADOUH-GUEBAS, F.: pg.39
DAMASCENO JUNIOR, G.A. : PG.28
DE DAVID, M.: pg.4, 50
DIAS, G.S.: pg.4, 50
DOCIO, L.: pg.20
DUPAS, F. A. : pg. 41
FARIAS, M.A.F.M.: pg.16
FERNANDES, L.R.: pg.60
FERRARI, S.H.S.: pg.1
FERREIRA, A. B.: pg.3
FERREIRA, C.W.P.: pg.29
FERREIRA-JÚNIOR, W. S.: pg. 48
FIAES, G.F.: pg.59
FONSECA, V.C.: pg.30
FRANÇA, L. G.: pg.5
FRANCESCHINI, S.C.C.: pg.21
GOMES, H. P.: pg.58
GARCIA, D.: pg.24
GOUVEA, E.M. : pg.45
GUIMARÃES, J. R. A. : pg.65
HANAZAKI, N.: pg18
HEINEBERG, M.R.: pg.18
HENRIQUE SILVA, R: pg.1
HORA, J.S.L.: pg53
KROLIKOWSKI, V.: pg.61
LADIO, A. H. : pg. 48, 54
LEITE, M.P.: pg.59
LEONARDO, F. S.V. pg.4
LIMA, F. G. C: pg.25
LINARES E. L.: pg.33
MACÊDO, G.S.S.R.: pg. 40
MACHADO, C.C.: pg.66
MACHADO, F. H.: pg.5, 41
MACHADO, M.: pg.11, 56
MACIEL, M. R. A: pg.11, 56
MAGALHÃES, L. M.S.: pg.19
MAIA, S. G. C.: pg.8, 17, 36, 37, 58, 67
MAMEDE, J.S.S: pg.4, 50
MARISE, B.A.: pg. 66
MARMONTEL, M.: pg.30
MARTINS, G. M.: pg.35
MATTEDI, A. P.: pg.41
MEDEIROS, G. A.: pg.5
MEDEIROS, N.S.: pg.21
MEDEIROS, P. M.: pg.22, 26, 27, 48, 53, 54, 63, 69, 70
MEDEIROS. T.A.: pg.24
MELLO, G. F.: pg.5
MENEZES, C.T.B.: pg.15
MING, L. C.: pg.3, 6, 11, 40, 44, 56, 71
MIRANDA, P.C.: pg.59
MONTERO, D. A. V.: pg.6
MONTEIRO-FILHO E.L.A.: pg.30
MONTEIRO, G.M.: pg.9
MOURA, S.S.: pg.28
NASCIMENTO, V. T.: pg.22, 27, 53, 57, 70

NARANJO, N.: pg.6
NETO, J.S.: pg.24
OLER, J.R.L.: pg.10
OLIVEIRA JUNIOR, CJF.: pg. 29
OLIVEIRA, K. A.: pg.3
PASA, M. C: pg.4, 38, 50
PEREIRA, H.C.: pg.57
PEREIRA F. A.: pg.46
PIÑA-RODRIGUES, F.C.M. pg.43
PINTO, B.L.S.: pg.22, 63, 69
PORTO, L.S.: pg.53, 57
PRIORE, S.E., pg.21
QUINTEIRO, M. M. C.: pg. 64\RAMIRES, M.: pg.9, 35
RÊGO, A. E. M.: pg.26, 63, 70
REZENDE, A.P.G. : pg.32
RIBEIRO, A. I.: pg.5
RIBEIRO, C : pg.24
RIBEIRO. S.C.: pg.46
ROCHA, E.M.S.R.: pg.53, 57
ROCHA, J.A.: pg.60
RODRIGUES, E.: pg.24
RODRIGUES, L.C.: pg61.
SANCHEZ, E. P. P.: pg.8, 17, 37
SANO, P.T.: pg.16
SANTANA, G.R.A.: pg.12, 51
SANTOS, A. C. B.: pg.25
SANTOS, J.U.: pg. 12, 50
SANTOS, J.F.L.: pg.24
SANTOS, K.M.N.: pg.22, 63, 69
SANTOS, L.C.M.: pg.39
SANTOS, R.H.S.: pg.21
SANTOS, T. M.: pg.13, 34
SARTORI, A.L.B.: pg.28, 55
SCATENA, V.L.: pg.16
SILEIRA, P.S.: pg: 59
SILVA, L. F. : pg. 41
SILVA M.R. : pg.46
SILVA, R.C.A.: pg.59
SILVA, S. D.: pg.27
SILVA SANTOS, V.M.C.: pg.7
SOCORRO-BATISTA, M.: pg.23
SOUSA, K. M.: pg.8, 17, 37, 58
SOUSA, V.R.R.: pg.53
SOUZA, A.N.J.: pg.20
SOUZA, C.N.: pg.12, 50
SOUZA, S.E.X.F.: pg.42, 49
SOUZA, T.M.M.: pg. 51
STEWARD, A. M. : pg.52
THÉ, A. P. G.: pg.32
TOMCHINSKY, B.: pg.71
URZEDO, D.I.: pg.14, 42, 43
VALENTE, J.F.: pg.43, 61
VARGAS E. M.: pg.33
VERA , C. 68
VERDUM, J.S.: pg. 47
VERGARA, F. E.: pg.41
VEASEY, E.A.: pg. 62
VIANA, R.V.R.: pg.16
VIDAL, E.: pg.14, 43, 49
VIDAL, E.J.: pg. 41
YOSHINAGA, T.T.: pg.32
WALDHOFF, P. pg.42
ZEINEDDINE, G.C.: pg.9, 35